

MARCOS VINICIUS MEIGRE E SILVA

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO TELEJORNALISMO REGIONAL: A
VISÃO DOS JOVENS SOBRE A CATAGUASES RETRATADA NO MGTV**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2014

MARCOS VINICIUS MEIGRE E SILVA

**IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NO TELEJORNALISMO REGIONAL: A
VISÃO DOS JOVENS SOBRE A CATAGUASES RETRATADA NO MGTV**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Identidade e representação no telejornalismo regional: a visão dos jovens sobre a Cataguases retratada no MGTV*, de autoria do estudante Marcos Vinicius Meigre e Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Ms. Hideide Aparecida Gomes de Brito Torres
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFJF

Profa. Dra. Soraya Maria Ferreira Vieira
Curso de Comunicação Social da UFJF

Viçosa, 10 de julho de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me iluminar durante todas as fases de minha vida e em mais essa importante etapa. A meus pais, Venício e Roberta, por todo o apoio que sempre me deram em minhas ideias, projetos e sonhos. Aos meus irmãos, Júlio César e Matheus, por contribuírem para que meus dias sejam leves, construtivos e agradáveis. A minha tia, Conceição, pela eterna paciência e compreensão comigo. A minhas avós, Jandira e Marlene, pelo amor incondicional e fortificante com que sempre me abraçaram.

Agradeço ao Colégio Soberano e à Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, ambas de Cataguases. Foi gratificante me relacionar com diretores, coordenadores, professores e com os brilhantes alunos que estudam nessas instituições. Este trabalho só ganhou leveza e sensibilidade por contar com a colaboração de jovens tão sinceros, atentos e despertados para a realidade social em que se veem inseridos.

Agradeço principalmente a minha orientadora, Mariana Procópio. Muito obrigado por compreender todas as minhas falhas, abraçar minhas ideias (quando faziam algum sentido!), direcionar meus pensamentos quando eu chegava perdido e não sabia para onde caminhar com o TCC (e também com a iniciação, vale lembrar!), por perdoar meus atrasos e entender minhas razões para mudar os trilhos logo no início deste 2014. Sinceramente, não consigo pensar que este trabalho existiria se não tivesse contado com o olhar e apoio incondicional de uma professora tão competente e amiga. MUITO obrigado de verdade!

Agradeço também às professoras da banca, Soraya Ferreira e Hideide Torres. Obrigado por se deslocarem até Viçosa para contribuir com o aprimoramento deste trabalho. Soraya, obrigado por ter me despertado para a pesquisa científica e ter me dado suporte para os primeiros passos na área, me permitindo trabalhar com você em iniciações e projetos que me interessavam. Obrigado pelos muitos conselhos e dicas que sempre me deu ao longo de todo esse tempo. Hideide, obrigado por ter chegado à UFV e agregado valor ao departamento durante o tempo em que estive por aqui. Agradeço pelos palpites sempre brilhantes e por todas as conversas proveitosas, principalmente no trajeto Viçosa – Cataguases (cheio de emoções em algumas curvas!). Admiro muito as três professoras dessa banca e considero-as grandes amigas!

Agradeço aos meus amigos de Viçosa. Todos foram incrivelmente importantes nesse processo, em especial: Rafael Fialho, Marcela Corcino, Camila Calixto, Júlia Boaventura,

Marcelle Louise, Janaina Campos, Erika Vieira, Isabela Careta, Ana Luisa Nunes, João Dalla, vocês fizeram valer a pena todos os dias de estadia em Viçosa.

Não poderia deixar de agradecer também aos funcionários do Departamento de Comunicação Social: Jones Neves, Carla (Perez) e Priscila Oliveira – minha grande amiga. Ah, e Helen Kelly, também tão importante na nossa graduação! Vocês são incríveis! E agradeço também a todos os professores do curso, em especial a Laene Mucci, por ter aberto meus olhos para a leitura das vidas cotidianas; e Mariana Bretas, pela companhia sempre agradável, pelas conversas, conselhos e pela amizade sincera, benéfica e super divertida.

Agradeço aos meus amigos de Cataguases, principalmente a Ítala, Artur, Aline, Carol, Matheus, Diogo, Deivison, Lunma, Fellipe, Ester e Luciana Chagas. Obrigado por não deixarem a distância ser um problema em nossa amizade.

Por fim, agradeço também aos amigos do Colégio Soberano, em Cataguases, pela compreensão em conviver com um colega dividido entre Viçosa e Cataguases. Mas, acima de tudo, agradeço a todos os colegas do colégio pela oportunidade de aprendizado, pela paciência em me ensinar, pelo companheirismo e profissionalismo com que sempre me trataram.

A todos os envolvidos, direta e indiretamente, meus sinceros agradecimentos.

“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”

Mahatma Gandhi

RESUMO

Este trabalho busca analisar qual a representação de Cataguases os jovens veem ser difundida pelo telejornal regional *MGTV*, exibido pela TV Integração de Juiz de Fora. Para tanto, valemo-nos de conceituações teóricas relativas a representações sociais, identidades e diferença. Em momento posterior, discutimos brevemente a história do telejornalismo nacional, atrelada diretamente à própria história da televisão brasileira, e ainda buscamos apontar definições para o conceito de telejornalismo regional. Trazemos também uma série de apontamentos sobre o conceito de juventude, com o intuito de justificar nossa escolha por estudantes de nível médio para participar da pesquisa. Por fim, apresentamos os resultados obtidos nas discussões realizadas nos grupos focais com jovens do segundo grau de Cataguases, em duas escolas localizadas em bairros diferentes e, portanto, circunscritas em realidades distintas (centro e periferia). As escolas selecionadas foram Colégio Soberano e Escola Estadual Professor Clóvis Salgado. Identificamos e analisamos as percepções que os estudantes nutrem sobre o conteúdo veiculado relativo à cidade e percebemos, dentre outros fatores, que não há unanimidade na representação local: os grupos divergem quanto à imagem de Cataguases que veem ser retratada na tela da TV regional.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo regional; identidade e representação; Cataguases; juventude.

ABSTRACT

This work firstly aims to organize which representation of Cataguases the young see as being shown by the regional TV news 'MGTV' broadcast by the 'Integração' TV from Juiz de Fora. Therefore, we used theoretical concepts related to social representations, identities and differences. In a previous moment, we briefly discussed the history of the national TV news programmes, directly connected to the Brazilian TV history itself and we also tried to define the concept of regional TV news. We put forward a number of notes about this concept for the youth, whose aim is to justify our choice of high school students to participate of the research. Finally, we presented the results which were achieved during the debates held with high school students from Cataguases, in two different schools - one in the city centre, the other in the suburbs and consequently with different realities. The schools were 'Colégio Soberano', a private one and the public 'Escola Estadual Professor Clóvis Salgado'. We identified and analysed the perceptions that students have about the content which is broadcast in the town, and, among other issues, we realized that there is no unanimity in the local representation: the groups disagree about the image of Cataguases that they see depicted on the regional TV screen.

KEYWORDS

Regional TV news; identity and representation; Cataguases; youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Zona da Mata mineira e cidades-sede das microrregiões	40
Figura 2 - Página inicial do site do Marcelo Lopes, de Cataguases	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de aparelhos televisores por residência.....	42
Gráfico 2 - Faixa etária dos jovens participantes dos grupos focais	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	13
1.1. Representações Sociais	13
1.2. Identidade e diferença	18
CAPÍTULO 2: TELEJORNALISMO, REGIONALISMO E JUVENTUDE	21
2.1. A televisão brasileira: dos anos 1950 aos dias atuais	21
2.2. O telejornalismo e seu lugar de destaque na TV nacional	23
2.3. Telejornalismo regional: características e particularidades	27
2.4. TV Integração: o telejornalismo regional na Zona da Mata mineira	32
2.5. “Se você é jovem ainda”: o lugar da juventude na sociedade.....	33
CAPÍTULO 3: A JUVENTUDE LIGADA NA TV: INDÍCIOS RELATIVOS AO TELEJORNALISMO REGIONAL	35
3.1. O grupo focal aplicado entre jovens	35
3.2. Cataguases como objeto de pesquisa	39
3.3. Os jovens participantes dos grupos focais	42
3.4. O vínculo com Cataguases.....	44
3.5. Juventude e mídias: a relação do jovem com jornal impresso, rádio, TV e internet	44
3.6. Juventude e telejornalismo.....	50
3.7. A representação de Cataguases na tela da TV regional	53
3.8. A representação da população cataguasense no <i>MGTV</i>	644
3.9. Percepções dos jovens sobre o telejornalismo regional.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
APÊNDICES	75

INTRODUÇÃO

Desde o início da graduação, busquei formas de atrelar questões pessoais aos trabalhos acadêmicos. Por esta razão, não foram poucas as vezes em que me esforcei para aproximar temas como televisão, telejornalismo e... Cataguases! A televisão me acompanha desde os meus dois anos, quando ainda assistia, em preto e branco, aos desenhos do SBT (se a TV não chiasse muito!) e às novelas da Globo. Quando ganhei uma TV em cores, descobri outras possibilidades de interpretar e enxergar o mundo, principalmente pelos telejornais. Como não tínhamos antena parabólica, cresci assistindo a telejornais regionais, e esperava ansiosamente o dia em que poderia ver na tela da TV a minha cidade de Cataguases sendo mostrada.

Quando cheguei à faculdade, tratei de buscar uma oportunidade mais concreta para aliar tais temáticas. E o momento certo apareceu no fim do curso. Os que me acompanharam durante esses anos, certamente não se surpreenderam quando escolhi meu tema para o TCC: falar de Cataguases e sua imagem retratada no *MGTV*. Assim, consegui juntar todos os itens que eu esperava estudar.

Como a pesquisa acadêmica não é algo alheio às vontades e anseios dos pesquisadores, por mais que no início eu tivesse medo de assumir esse tema, logo fui percebendo que poderia estudar o que gostava sem deixar de manter a imparcialidade científica. Além disso, contei com o apoio acadêmico de minha orientadora, também cataguasense e que, portanto, me ajudou a abraçar a ideia e levá-la adiante.

Mas encontrei justificativas plausíveis para a minha escolha, que não se resumiam apenas a meus interesses particulares. A partir de pesquisas pela internet, detectei uma ausência de estudos sobre a representação que o telejornal *MGTV* estabelece sobre cidades da Zona da Mata mineira. À exceção de Juiz de Fora¹, todas as outras não recebiam a devida atenção no campo acadêmico, ou não eram estudadas de modo particularizado. Além disso, Cataguases é uma das principais cidades da região, o que lhe confere o título de cidade-sede²

¹ O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, até pouco tempo, possuía a linha “Comunicação e Identidades”. Nela, uma série de pesquisas relativas à identidade juizforana, foram realizadas, principalmente sob a coordenação de Iluska Coutinho e Christina Musse. As pesquisadoras, juntamente com seus orientandos, publicaram diversos artigos sobre a temática em questão. Coutinho publicou, dentre outros trabalhos, os artigos “Identidade no telejornalismo local: a construção de laços de pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e seu público”, “Telejornalismo local e identidade: o Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência”, etc. Musse publicou “Telejornalismo e memória: narrando a cidade pelas histórias de vida”, entre outros. Entretanto, o foco de tais trabalhos era a cidade de Juiz de Fora, e não outros municípios da região.

² A microrregião engloba 14 cidades: Cataguases, Além Paraíba, Argirita, Dona Euzébia, Estrela Dalva, Itamarati de Minas, Laranjal, Leopoldina, Palma, Pirapetinga, Recreio, Santana de Cataguases, Santo Antônio do Aventureiro e Volta Grande. Disponível em <<http://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-cataguases.html>>

da microrregião que carrega seu nome, sendo um importante centro econômico e político. Portanto, despontaram justificativas que corroboravam com minhas intenções iniciais de estudo.

Por todas essas razões, organizamos nosso trabalho em torno de alguns questionamentos. Nossa principal intenção era identificar, através de discussão em grupo focal com jovens, que representação eles constroem da cidade de Cataguases a partir do que é veiculado no telejornal *MGTV* (da TV Integração, de Juiz de Fora). Além disso, interessava também obter respostas para outros anseios de pesquisa. Dessa forma, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar e analisar as qualificações atribuídas pelos jovens ao conteúdo veiculado sobre a cidade.
- 2) Verificar se os grupos de jovens da cidade se identificam com o conteúdo transmitido na TV sobre o local.
- 3) Analisar as percepções que os jovens nutrem acerca da prática telejornalística em âmbito regional.

E, a seguir, apresentamos todo o resultado desse período de pesquisas. No primeiro capítulo, valendo-se de autores como Hall, Woodward, Guareschi e Moscovici, discutimos os conceitos de representações sociais, identidade e diferença, tendo em vista a criação discursiva que se nota por detrás desses dois últimos conceitos. No segundo capítulo, com base nas pesquisas de Rezende, detivemo-nos na discussão sobre a história do telejornalismo nacional, atrelado diretamente à própria evolução da TV brasileira. Apresentamos ainda ponderações teóricas sobre o conceito de telejornalismo regional, a fim de sustentar nossa escolha pelo *MGTV*. Para esta etapa, buscamos autores como Bazi, Coutinho e Peruzzo. Na sequência, discutimos brevemente a noção de juventude, a partir de Maia e Viana, por exemplo, também com a intenção de justificar nosso interesse em trabalhar com jovens locais.

Por fim, a abertura do último capítulo traz a organização dos grupos focais, realizados com alunos de duas escolas de Cataguases (uma escola pública, situada na periferia; e uma escola particular, localizada no centro da cidade), bem como todo o procedimento metodológico envolvido na estruturação da pesquisa. Em seguida, apontamos as principais análises obtidas nos grupos focais, realizados em nossa cidade. A partir das observações e opiniões emitidas pelos estudantes, verificamos como a história de Cataguases pode ser enxergada de maneiras distintas, dentro da própria cidade, o que validou plenamente todos os nossos esforços empreendidos ao longo do estudo.

CAPÍTULO 1: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A televisão se consagrou como um dos mais tradicionais meios de comunicação, capaz de difundir conceitos, normas de conduta e modos de pensar que interferem na coletividade. Pensando nesse potencial adquirido pela TV desde o seu surgimento, propomo-nos a discorrer neste capítulo sobre os conceitos de representação social e identidades. Assim sendo, na primeira parte, trataremos da noção de representações sociais e como elas são construídas; já na segunda parte, abordaremos a noção de identidade, diretamente atrelada à concepção de diferença, alteridade, tendo em vista a interação existente entre esses dois conceitos.

1.1 Representações Sociais

A expressão ‘representação social’ tem suas origens em Émile Durkheim que, analisando o conceito à luz da sociologia, diferenciava representações coletivas de individuais, entendendo cada uma delas como conceitos regidos de uma forma própria e particularizados.³ Já para a psicologia social, campo de estudos do teórico Serge Moscovici, a análise desse fenômeno deve ser entendida de outra forma. Segundo o pesquisador, é preciso conhecer a composição das representações, ou seja, não encará-las como um fenômeno irreduzível e investigar seus mecanismos internos de funcionamento. Na visão do estudioso,

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem (MOSCOVICI, 2011, p. 46)

Falar em termos de ícones e símbolos significa apontar para o caráter interativo entre sujeito e objeto, que resulta nas representações. Desse modo, só podemos afirmar que existam representações sociais a partir do momento em que um objeto (icônico) adquire uma significação dada pelos sujeitos (simbólico). A condição primordial, portanto, para que se

³ O conceito de representações coletivas e individuais, desenvolvido por Durkheim, não é alvo de estudos neste trabalho. Para saber mais detalhes sobre o assunto, consultar *As regras do método sociológico* (DURKHEIM, 1978)

desenvolvam representações é a relação direta entre objeto e sujeito. O produto dessa relação, por conseguinte, são as chamadas representações sociais. Assim sendo, este conceito está diretamente atrelado à relação existente entre o mundo e as coisas, bem como a interpretação da realidade produzida pelos sujeitos.

Para Moscovici, “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo” (MOSCOVICI, 2011, p. 216). Portanto, as representações têm um caráter coletivo e só se desenvolvem enquanto tal, enquanto fenômenos fundamentados numa relação de interação entre sujeitos.

É por isso que as representações se definem como “um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se vê nas mentes das pessoas e na mídia, nos bares e nas esquinas, nos comentários das rádios e TVs” (GUARESCHI, 2000, p. 78). Nesse sentido, as representações sociais podem se originar nas mais diversas mídias e, concomitantemente, serem difundidas por estas. Tal difusão se configura por conta da capacidade das mídias em divulgar conteúdos que permeiam as conversas dos indivíduos, nos comentários entre os membros de determinados grupos, direcionando-os a estabelecer julgamentos relativos a elementos da coletividade. O telejornalismo, por exemplo, é capaz de estabelecer e difundir representações sobre lugares, pessoas e entidades que ganham o espaço das reportagens e passam a ser vistas por seus pares. O cidadão comum, perante a TV, ao ver cidadãos como ele sendo representados, se coloca em condição de emitir opiniões e comentários sobre o material veiculado, visto que se reconhece diante do conteúdo exibido. Nota-se aí, a relação direta entre meios de comunicação e o compartilhamento das representações sociais.

Como são construídas socialmente, a partir de conversas e interações entre os indivíduos, as representações transmitem a ideia de uniformidade e estabilidade, como se houvesse um pleno equilíbrio entre as opiniões individuais ali contidas. Na verdade, no interior de tais representações, é possível encontrarmos irregularidades, discrepâncias e divergências de ideias. Contudo, ao nível externo, o que se visualiza é uma aparente homogeneidade de pensamentos, que ajudam a perpetuar a cultura de um determinado grupo (GUARESCHI, 2000). Assim sendo, as representações podem ser enxergadas como fenômenos que transcendem o nível individual e se constroem a partir do contato entre membros de uma coletividade.

Ao transcenderem o individual, as representações não negam, entretanto, a existência desse fator em sua composição. Afinal, para que o coletivo se estabeleça, necessário se faz que determinado número de indivíduos se agrupem sob certas circunstâncias, submetidos a padrões e normas específicos. É exatamente nesse ponto que emerge uma dualidade no conceito. Como é possível notar, a teoria das representações sociais engloba características individuais e coletivas. Como a representação é um processo que transita por um grupo, não sendo reflexo das escolhas e opiniões de um único indivíduo, ela engloba um teor de generalização para que possa ser compreendida pela coletividade. Porém, para que o coletivo exista, é preciso o agrupamento de diversos sujeitos e nesse ponto se nota a integração do individual ao social.

Caminhando nessa vertente de integração, a teoria das representações sociais abarca a noção de que o sujeito, o objeto e a sociedade são elementos interligados e devem ser analisados como tal. Ao interligar sujeito e sociedade, a teoria preconiza que o psicológico (individual) e o social (coletividade) não se separam. Dessa forma, o indivíduo é reflexo do grupo em que está inserido, a partir do relacionamento que estabelece com os preceitos partilhados pela coletividade à qual se vê ligado.

Por esta razão, as representações só adquirem sentido enquanto inseridas numa coletividade, que as dota de significação. Sabendo-se que as representações não são criadas isoladamente e são o reflexo de interações humanas, elas adquirem uma existência própria e, como estão sujeitas à ação dos indivíduos, podem se perpetuar ou se modificar ao longo do tempo, num ciclo contínuo. Com base nessas afirmações, podemos elencar as duas funções básicas das representações:

Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. (...) Em segundo lugar, representações são *prescritivas*, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2011, p. 34-36)

Ao associarmos a época do Natal, por exemplo, com a cor vermelha, com a figura fantasiosa do “Papai Noel” e com a entrega de presentes, estamos nos valendo de convenções coletivas, que assumiram uma forma específica e são decodificadas por quaisquer pessoas inseridas em grupos que sejam capazes de reconhecer essas mesmas representações. Ainda

com relação às convenções, elas nos permitem identificar significados e interpretar sentidos assumidos por objetos ou pessoas em determinados contextos. Assim, o conhecimento prévio orienta nossas percepções diante das convenções estabelecidas. Nesse sentido, somente podemos associar vermelho a Natal por conta dos saberes previamente adquiridos a respeito desta convenção.

Com relação ao caráter prescritivo das representações, este indica nossa submissão a uma série de saberes e valores já existentes, independentes de nossa vontade, que direcionam nossas interpretações. É nesse sentido que se diz que as representações “são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (MOSCOVICI, 2011, p. 37). Portanto, as representações são construídas ao longo do tempo e perpetuadas entre um grupo que compartilha de um mesmo conjunto de saberes. Tomando o exemplo citado anteriormente para a explicação da ideia de que as representações são convenções, pode-se dizer que a associação entre vermelho e Natal, por exemplo, não se consolida a partir dos anseios de um único indivíduo, e sim como resultado de interesses coletivos, processados ao longo dos anos e disseminados no seio social. Assim, as representações sociais

(...) têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente *não problemática* e reduzir o “vago” através de certo grau de consenso entre seus membros. (...) elas são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos. Nesse processo, as pessoas adquirem um repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicadas à vida cotidiana, do mesmo modo que as expressões lingüísticas são acessíveis a todos (MOSCOVICI, 2011, p. 208)

Tornar algo comum entre os membros de uma comunidade, a fim de reduzir o “vago” ao qual se refere Moscovici, significa transportar um elemento ou indivíduo do campo do desconhecido para o nível familiar. Para que tal processo aconteça, é necessário valer-se de dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é um processo que cria condições para reconhecermos objetos/pessoas como pertencentes a categorias existentes em nosso mundo. “Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2011, p. 61). É a classificação e nomeação dos seres a fim de que

se tornem elementos categorizados, rotulados, dotados de características específicas que passam a lhe conferir certa identidade. A partir daí se estabelecem as representações. Entretanto, a ancoragem não se caracteriza como um elemento individualizante, visto que é necessário o compartilhamento de valores entre os indivíduos para que se concretize tal processo de identificação de um objeto familiar.

Como é possível perceber, o que se configura é um sistema de classificações com base em um paradigma. Assim, ao criarmos as categorizações para objetos e seres, identificamos suas características a partir de um protótipo – que passa a ser visto como o representante de uma determinada classe. É partir dele que são pontuados os semelhantes e os diferentes, o familiar e o não-familiar, o incluído e o excluído.

Portanto, quando um objeto ou pessoa adquire uma nomenclatura, ele passa a ser identificado como possuidor de uma série de características que o distinguem de outros objetos/pessoas (diferença), ao mesmo tempo em que o aproximam de outros tantos dotados dos mesmos atributos (identidade). Dar nomes, ancorar, é um processo capaz de criar estabilidade – eliminando o obscuro e ameaçador que até então se encontrava desconhecido. Quando falamos em ancoragem, buscamos um lugar no qual possamos encaixar o não-familiar, de modo a lhe atribuir um sentido.

Já a objetivação é um conceito ligado à transformação do abstrato, da ideia imaginada, em algo concreto. Assim, a representação deixa de ocupar apenas o campo das ideias e se corporifica, transformando-se em algo sólido, palpável ou tangível. Nesse processo, parte-se de uma ideia para se chegar a um objeto. Por exemplo, ao compararmos Deus a um pai, o que fazemos, na verdade, é estabelecer a objetivação de algo abstrato, a fim de que se torne natural o entendimento do conceito após a aproximação deste com o nosso mundo concreto.

Os dois procedimentos apresentados anteriormente permitem a transformação do não-familiar em algo reconhecível. Todo elemento caracterizado como não-familiar é assimilado pelos indivíduos de um grupo como sendo invisível, já que não se circunscreve em sua dimensão de realidade. Estrutura-se, assim, um quadro nitidamente paradoxal: sabemos da existência do outro – diferente de “nós” – que é não-familiar, mas justamente por ser distinto a “nós”, passamos a ignorá-lo, como se não existisse em nosso mundo. É dessa maneira que as diferenças entre grupos se acirram, à medida que determinada classe social adquire a condição de protótipo (paradigma) e passa a ser considerada um parâmetro que deve ser seguido pelas outras formas de organização social.

Em síntese, o que pretendemos pontuar é que “(...) a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (MOSCOVICI, 2011, p. 54). Todo e qualquer elemento considerado familiar gera um quadro de estabilidade e tranqüilidade para quem se depara com ele. Tudo que é familiar é dotado de regularidade, com ausência de atribulações e perturbações que atrapalhem a ordem. São espaços de manutenção das tradições, nos quais os objetos e pessoas são percebidos como elementos já conhecidos, previamente mostrados. Com base nesses saberes, as sociedades impõem segregações – caracterizando, de um lado, o que/quem é familiar, e de outro, tudo aquilo marcado pela alteridade, pela diferença – conforme discutimos na seção a seguir.

1.2 Identidade e diferença

A noção de identidade também se tornou alvo de inúmeras pesquisas na área das ciências sociais e ciências humanas de uma forma geral. Processos como a globalização influenciaram na desestruturação da relativa estabilidade encontrada pelos sujeitos com relação às suas identidades. A ideia de sujeito unificado, na visão de Stuart Hall (2000), cai por terra diante do indivíduo pós-moderno⁴ – que é fragmentado. Segundo o autor, vivemos no interior de diversas instituições, denominadas campos sociais. Esses campos representam as diferentes identidades que assumimos conforme o contexto no qual estamos inseridos. “Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais.” (HALL, 2000, p. 30). Entretanto, mesmo nos revestindo de papéis variados, todas as identidades estão aglutinadas num mesmo ser, num único sujeito.

Essa situação, contudo, gera uma “crise de identidade”, provocada por mudanças nas estruturas das sociedades contemporâneas, em que os pontos de referência que criavam uma ancoragem estável deixam de existir. Portanto, as identidades modernas são descentradas, deslocadas, fragmentadas, permitindo ao indivíduo ser possuidor de identidades diversas, sem que isso altere sua condição de sujeito materialmente uno.

É dessa forma que se estrutura o caráter relativo das identidades, moldado a partir de oposições binárias. Entretanto, para Woodward (2000), essa condição dicotômica – encontrada nas teorias de Saussure e dos estruturalistas – é tida como negativa, pois sempre valoriza um ponto em detrimento do outro. Homem/mulher, dia/noite, cultura/natureza, todos

⁴ O conceito de “pós-modernidade” é bastante discutido por Stuart Hall (2005) em “A identidade cultural na Pós-modernidade”. Em síntese, a ideia de pós-modernidade está atrelada ao atual momento da sociedade, em que as identidades humanas se tornaram híbridas, fragmentadas e cambiantes.

esses itens estão imbricados de valores relativos entre si (num processo permanente de dualidade), em que um deles é visto como o “normal” e o outro é sempre o “desviante”. É nesse sentido que se estabelece a noção de identidade e diferença: a partir de um ponto de vista, que passa a ser considerado referência na classificação do que faz parte ou não da identidade assumida como natural.

Como identidade é, ao mesmo tempo, diferença, uma identidade costuma construir e imaginar o outro como inimigo, como elemento perigoso, capaz de danificar e perturbar uma ordem pré-estabelecida. Tal qual abordamos anteriormente, a diferença é o reconhecimento da existência do outro, ao mesmo tempo em que o transformamos em ser invisível, na intenção de ignorá-lo e, assim, evitar o contato com o não-familiar. “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições” (WOODWARD, 2000, p. 41).

A partir dessa visão opositora, binária, é que se inter-relacionam identidade e diferença. A identidade é aquilo que sou, a diferença é aquilo que não sou (o que o outro é; logo o outro também é possuidor de uma identidade, mesmo que distinta da minha). Pensando nessa perspectiva, esses conceitos devem ser visualizados como duas faces de uma mesma moeda, como elementos que mantêm estreita relação. Ao afirmar uma identidade, o sujeito oculta uma série de diferenças que, mesmo não verbalizadas, estão imbricadas no interior de seu discurso (“sou cataguasense”, por exemplo, oculta informações como “não sou viçosense”, “não sou leopoldinense”, que não precisam ser ditas para serem apreendidas). Existe, desse modo, uma cadeia de informações inter-relacionadas, que fazem da identidade e da diferença dois conceitos intimamente ligados.

Entretanto, identidade e diferença não são elementos que simplesmente existem, mas são construídos a partir de uma criação discursiva. “A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas (...). Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais” (SILVA, 2000, p. 76). Assim, elas fazem parte de uma cadeia de significados, assumidos num contexto específico e submetidas a um grupo também específico. Dessa forma, ao assumirmos uma identidade e julgarmos o outro como diferente, tal processo é simplesmente uma construção discursiva – visto que a diferença do outro é, do ponto de vista dele e de seu grupo, uma identidade. A diferença do outro é, para este outro, sua própria identidade e, portanto, esses dois conceitos só adquirem sentido quando se assume determinado ponto de vista, um lado a seguir e, a partir dele, se define o incluído e o excluído. Se não houver ponto de vista, não há meios de se demarcar quem está dentro e quem está fora.

Logo, identidade e diferença estão condicionadas à visão de um grupo dominante, que dita o que deve ser considerado parâmetro e o que deve ser renegado.

Como são elementos criados pelos sujeitos a partir de um contexto determinado, identidade e diferença não são produzidas de forma inocente. Elas são impostas e disputadas, pois trazem consigo relações de poder. “Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade” (SILVA, 2000, p. 81). Definir a identidade é demarcar fronteiras, delimitar o que fica dentro e o que fica fora. A partir dessa demarcação, gera-se uma divisão social que indica posições-de-sujeito bem nítidas dentro da sociedade. Nesse sentido, busca-se normalizar a identidade, ou seja, uma identidade é eleita como parâmetro e todas as outras são hierarquizadas a partir dela. Essa condição leva à própria invisibilidade da identidade normatizada, que passa a ser a identidade natural, reconhecida como a verdadeira e normal.

Além de interligadas, identidade e diferença se estruturam a partir de representações. Para a filosofia ocidental, representar é tornar o “real” presente. Para os Estudos Culturais, a representação é um sistema de significação. Nessa concepção pós-estruturalista, a representação tem a dimensão de significante, tendo uma marca material, visível e exterior. A representação é uma forma de atribuição de sentido – arbitrário e indeterminado. “A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 91). Em síntese,

as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’, sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2000, p. 112).

Em uma sociedade contemporânea diretamente influenciada pelos efeitos da globalização, Hall (2005) aponta para a revitalização das identidades locais e regionais. Nessa vertente se sustenta o ideal de nosso trabalho. O que a televisão faz, em certa medida, é disseminar uma série de características típicas de uma coletividade, uma dada região, ou seja, leva à sociedade elementos que lhe são familiares para que, assim, a audiência se sinta identificada com o que vê, sinta-se representada na programação que consome. Por isso, no próximo capítulo discutiremos um dos principais gêneros televisivos, responsável por difundir identidades e representações sociais: o telejornalismo.

CAPÍTULO 2: TELEJORNALISMO, REGIONALISMO E JUVENTUDE

Com o advento das novas tecnologias, a televisão vem se reconfigurando em termos de linguagem e estética, na busca por manter ou, pelo menos, minimizar as perdas de audiência já sentidas na era da convergência. Algo bastante distinto do que se via em décadas anteriores, quando produções de TV chegavam a praticamente 100% de audiência. Mas a fase de mudanças na televisão não representa, necessariamente, algo novo: desde seu surgimento, ela vem sendo adaptada a cada nova descoberta tecnológica e aos anseios de uma audiência cada vez mais diversificada.

Por isso, neste capítulo discutiremos a abrangência da televisão brasileira, presente nos lares nacionais desde a década de 1950. Primeiramente apresentamos uma breve explanação sobre o aparecimento deste novo meio de comunicação para, em seguida, traçarmos o panorama histórico de um dos principais gêneros televisuais: o telejornalismo. Na sequência, nossa proposta é trazer uma síntese das ideias de autores diversos com o objetivo de conceituar a expressão “telejornalismo regional”, que será adotada em nossa pesquisa. Após essa etapa, trazemos informações sobre a TV Integração de Juiz de Fora, alvo de nosso trabalho, para, enfim, definirmos o conceito de juventude.

2.1 A televisão brasileira: dos anos 1950 aos dias atuais

Desde a chegada da televisão ao Brasil, em 1950, por esforços empreendidos por Assis Chateaubriand, uma série de alterações foram sentidas no âmbito da comunicação. A TV apareceu num momento em que o rádio ainda detinha a liderança absoluta nos lares brasileiros. Mas, com o passar do tempo, o número de aparelhos televisores foi aumentando e ocupando espaço nobre nas casas do país. Outros meios e formas de comunicação serviram de inspiração para as primeiras criações televisivas, notadamente o rádio, o cinema e o teleteatro. Tanto que inúmeros astros e estrelas da era do rádio, por exemplo, ao terem seus rostos estampados nas TVs, ganharam fama e proximidade com os cidadãos comuns, que passavam a cercar seus ídolos em ambientes públicos (BARBOSA, 2010).

Entretanto, o número de telespectadores ainda era bastante reduzido, incomparável à dimensão alcançada pelo rádio. Era a chamada fase elitista da TV, com poucos aparelhos espalhados pelo país. Tal processo foi sendo alterado com os avanços tecnológicos, que permitiram a popularização do objeto, principalmente a partir da inserção do mercado

brasileiro na produção de TVs (BERGAMO, 2010). A tecnologia não só permitiu a popularização do meio como também a sofisticação do mesmo, com produções mais elaboradas e sem o teor de improvisado visto ao longo da primeira década de existência da TV.

Nesse sentido, a televisão deixou de ser um mero produto das elites e galgou espaços significativos entre as massas. Deixou de ser um objeto com o qual os pioneiros da TV faziam experimentações audiovisuais em busca de um estilo para se tornar um valioso bem difusor de identidades e representações. Por fim, tornou-se um negócio extremamente rentável no âmbito das comunicações.

Pensando na TV enquanto produto mercadológico, a TV Globo, criada em 1965, promoveu reformulações em sua grade de programação, eliminando atrações ditas popularescas. Além disso, investiu na chamada “integração nacional”, de modo a conquistar mercados por todo o território brasileiro. É nessa fase, sob o comando de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho – o Boni, que o chamado “padrão Globo de qualidade” começou a ser estruturado. Aliada aos avanços tecnológicos, como o surgimento da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), a Globo começou a investir na produção em rede. O *Jornal Nacional* foi o pontapé inicial dessa empreitada, em 1969, na busca pela integração nacional. Com isso, a regionalização das emissoras (algo que as caracterizava desde o surgimento do veículo no país) entrava em risco.

Walter Clark, ao ser perguntado pela revista *Veja* sobre a possibilidade de a expansão das redes nacionais enfraquecer as emissoras regionais e impor os hábitos e costumes do Rio de Janeiro e de São Paulo ao restante do país, ressaltou as vantagens do processo: “As redes são uma das mais fortes maneiras de integração nacional. É a integração através da imagem” (RIBEIRO; SACRAMENTO; 2010, p. 116)

Seguindo a lógica da integração, as emissoras investiram em suas afiliadas e na conquista de novos mercados pelo interior do país. Assim, expandia-se a produção e, conseqüentemente, as formas de se obter lucro regional. Contudo, a TV ainda vivencia mudanças expressivas em sua maneira de se relacionar com seu público e com o mercado publicitário. Na era da convergência e da digitalização dos processos, o que se nota é uma televisão na busca por reafirmar seu espaço, aliando-se a novas tecnologias. De qualquer maneira, todas as ações promovidas na tentativa de reorganizar as emissoras têm como um de seus focos principais o público receptor. As emissoras alteram grades, criam novos produtos, compram formatos a fim de atrair a audiência.

Novelas, programas de auditório, seriados, humorísticos, programas esportivos, todos ocupam espaços nas grades das TVs e sofrem alterações para acompanharem a modernização dos meios e sua linguagem nos dias atuais. O telejornalismo, por exemplo, acompanha a TV desde seus primeiros dias de existência no país e já se reconfigurou por diversas vezes. Com relação ao gênero telejornal, é um produto que apresenta matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes. Os telejornais permeiam a grade de programação das emissoras e são responsáveis por conferir credibilidade a elas. O formato mais comum de transmissão desse gênero é ao vivo, geralmente com dois apresentadores lendo as notícias e chamando reportagens e links externos (ARONCHI DE SOUZA, 2004).

Pela relevância que os telejornais possuem na composição da TV brasileira, é preciso compreender quais as transformações foram vivenciadas por esse gênero ao longo das décadas.

2.2 O telejornalismo e seu lugar de destaque na TV nacional

O telejornalismo brasileiro sofreu significativa influência do modelo norte-americano de produção e construção da notícia. Importando conceitos como *lead* e pirâmide invertida, o Brasil desenvolveu um telejornalismo diretamente atrelado ao que se estabeleceu primeiramente nos Estados Unidos. Tal quadro se intensificou principalmente após a Segunda Guerra Mundial (MARQUES DE MELO *apud* REZENDE, 2000).

O telejornalismo brasileiro tem sua história vinculada ao próprio início da televisão no país. Com o surgimento da TV Tupi, em setembro de 1950, já entrava no ar o *Imagens do Dia*, primeiro telejornal do Brasil. Em 1952, veio o segundo telejornal, também transmitido pela TV Tupi de São Paulo: o *Telenotícias Panair*. Contudo, o maior destaque dessa era inicial do jornalismo de TV viria com o *Repórter Esso*, oriundo do rádio e dedicado a conteúdos nacionais e internacionais. Mas, como se tratava de um período incipiente das telecomunicações brasileiras, não era difícil encontrar graves falhas na produção dessas atrações, principalmente no que se refere à questão técnica. Segundo Rezende (2000, p. 106) “(...) os telejornais eram produzidos precariamente e careciam de um nível mínimo de qualidade. As falhas se originavam tanto das grandes deficiências técnicas quanto da inexperiência dos primeiros profissionais, a maioria procedente das emissoras de rádio.” Dessa forma, era possível identificar na TV uma forte influência do modelo radiofônico, até mesmo na maneira de se fazer a leitura e produção dos textos noticiosos.

Já na década de 1960, o avanço vivido pelo telejornalismo foi em grande parte resultado das inovações promovidas pelo *Jornal de Vanguarda*. Produzido pela TV Excelsior, a partir de 1962, o *Jornal de Vanguarda* “introduziu muitas novidades na concepção de telejornalismo. A principal delas foi a participação de jornalistas como produtores e – acontecimento inédito – como apresentadores das notícias” (REZENDE, 2000, p. 107). Entretanto, a ditadura militar, iniciada ainda na década de 1960, levou o jornal ao seu encerramento.

A ditadura militar impedia que o telejornalismo brasileiro se desenvolvesse em termos de estilo. Mesmo com os avanços técnicos já visíveis na década de 1960, a qualidade jornalística ainda era bastante deficitária. O final da década trouxe uma alteração significativa para os padrões do telejornalismo que, até então, dominavam a TV brasileira. Com a possibilidade tecnológica de integração em rede, surgiu o *Jornal Nacional*, da TV Globo, em setembro de 1969. O jornal, por trás dos ideários de unificação, carregava em si pretensões mercadológicas que acompanhariam tanto o jornal quanto a própria Rede Globo, por conta de sua ligação com o regime totalitário.

Caminhando para a década de 1970, outro marco do telejornalismo brasileiro se deu com a extinção do *Repórter Esso*, da TV Tupi. Com o fim do telejornal, chegou ao fim também um modelo de comunicação da notícia – essencialmente fundamentado nos padrões radiofônicos. Nessa década, o telejornalismo brasileiro vivenciou um período de pouca expressividade em termos de inovações em suas produções. Isso porque a censura instalada pelo governo militar, notadamente com o Ato Institucional nº 5, cerceava as formas de expressão jornalística. Em síntese, o que se notou foi um significativo avanço na parte técnica, com a consolidação das transmissões em rede. Porém, como consequência dos avanços desse modelo de comunicação, a programação das emissoras regionais sucumbia, visto que

O êxito da televisão brasileira advinha, em grande parte, da consolidação do sistema de rede, na década de 1970 até meados da de 80. Se, porventura, trouxe alguns benefícios, sobretudo quanto à melhoria da qualidade técnica dos programas, as redes – especialmente a Globo pelo controle quase absoluto do mercado nacional – causaram um prejuízo irreparável às emissoras regionais. Por questões financeiras e mercadológicas, os concessionários de canais de TV se viram forçados a abandonar suas produções locais e transformaram suas emissoras, praticamente sem exceção, em meras estações retransmissoras da programação realizada invariavelmente no Rio de Janeiro e em São Paulo (REZENDE, 2000, p. 118).

Por esta razão, a produção televisiva em âmbito regional foi perdendo força e poder de influência, dando lugar aos interesses militares voltados para a integração nacional através da TV. Desse modo, as imposições da ditadura militar marcaram as emissoras de televisão até meados da década de 1980, quando a Nova República foi instaurada. Após a morte de Tancredo Neves, pouco antes de sua posse, o governo ficou a cargo de José Sarney que, batendo todos os recordes, distribuiu diversas concessões de rádio e TV pelo país, num jogo político que favorecesse seu interesse em se manter durante cinco anos no poder (REZENDE, 2000). A essa época, a chegada de outras emissoras – SBT e Manchete – alterou o cenário de dominação da Rede Globo, porém nada que abalasse expressivamente o potencial em audiência conquistado pela TV carioca.

A ascensão das emissoras SBT e Manchete trouxe novos contornos para o jornalismo praticado em televisão. O SBT, por exemplo, se destacou com a criação do *Telejornal Brasil*, comandado por Boris Casoy. O jornalista conferiu ao telejornal um tom opinativo, diferenciando-se do modelo de ancoragem norte-americano seguido pela TV Globo. Ainda no SBT, outro estilo jornalístico despontou na década de 1990, com o policialesco *Aqui Agora*. Em tom mais agressivo, o telejornal diferia do *TJ Brasil* e não dispunha da mesma credibilidade que o primeiro, apesar de superá-lo em audiência. Atualmente, *Aqui Agora* já não faz parte da grade do SBT, mas deixou um legado na TV brasileira, que ainda investe em conteúdo policialesco e sensacionalista – notadamente em atrações como *Cidade Alerta* e *Brasil Urgente*, grandes herdeiros do jornalístico já extinto da emissora de Silvio Santos.

Já a década de 1990 trouxe outra importante mudança para o jornalismo de TV: a criação de canais por assinatura. A *Globo News* foi pioneira no gênero. Entretanto, “o crescimento da TV por assinatura acabou se transformando por outro lado numa das causas da queda de audiência das televisões abertas, com clara repercussão na área do telejornalismo” (REZENDE, 2000, p. 139). Desde então, a TV e o telejornalismo vem enfrentando a fase da convergência midiática, na qual convivem com meios eletrônicos conectados à internet. O desafio tem sido justamente conciliar as formas de produção da TV com os anseios de um novo público cada vez mais conectado.

A convergência midiática tem delineado novos parâmetros para a produção televisiva. Os programas começaram, na década de 2000, a introduzir mecanismos de participação popular, na tentativa de implantar a interatividade na TV. O programa “Você Decide”, da TV Globo, foi pioneiro nesse sentido, permitindo que os telespectadores votassem, através de

ligações telefônicas, qual o final eles preferiam para as narrativas ficcionais exibidas (MÉDOLA, REDONDO, 2010).

Segundo Cannito (2010), as alterações no campo da televisão ainda estão envoltas em uma série de misticismo e curiosidade, justamente pelas incertezas que rodeiam o processo. Apesar disso, o autor afirma que a TV não dará saltos incomensuráveis e não perderá características básicas que lhe definem. Ou seja, a convergência não será responsável por desconfigurar o meio e lhe dotar de novos padrões (como se fizesse surgir um novo meio).

A TV, portanto, ainda não atingiu um patamar de convergência absoluta, no qual se pretende colocar o telespectador para assistir e interagir, ao mesmo tempo, a partir do mesmo suporte. Tal fenômeno, atualmente, pode ser identificado nas ações de telespectadores que assistem e comentam programas e novelas em tempo real através do *twitter* e *facebook*, por exemplo – mesmo que isso ainda não se desenvolva sob um único aparelho abarcando as duas funções.

Apesar das alterações já sentidas em função da convergência, o telejornal é ainda um grande transmissor de variadas sensações ao público que lhe acompanha e mantém com ele uma relação de confiabilidade. Nesse sentido, o conteúdo oriundo das telas da TV interfere diretamente no modo como as opiniões dos cidadãos são construídas. A audiência credita aos telejornais e a seus respectivos apresentadores um nível de extrema infalibilidade. Como são responsáveis por captar e repassar conteúdos, os telejornais dotam de segurança a quem os assiste – segurança esta que se consolida a partir do momento em que os telejornais transmitem conteúdos que lhes são familiares.

Consequência desta função de segurança o jornalismo, como uma forma de conhecimento, tem necessidade de procurar tornar o mundo menos hostil: é a função de familiarização. O medo do diferente, do estranho é profundamente arraigado no ser humano. É o resultado da ameaça de perdermos os referenciais, de perder o contato com a continuidade do cotidiano que garante a segurança (VIZEU, CORREIA, 2008, p. 22)

Assim sendo, o telespectador busca encontrar na TV, dentre outros fatores, informações que lhe sejam úteis e próximas. Conhecer e entender o que se passa ao seu redor transforma o telespectador em cidadão. Por isso, a televisão transmite aquilo que se configura como interesse desse vasto público. O telejornal, por exemplo, é responsável por difundir a veracidade, sendo um dos produtos de maior credibilidade dentro de uma emissora. É no telejornal que o público encontra informações sobre a sociedade que o cerca e, por isso, cria laços com o conteúdo exibido. Diversos fatores corroboram na criação desses laços de

interesse – como, por exemplo, o tempo e o imediatismo. Mas, em especial, a proximidade tem um papel fundamental. As pessoas nutrem demasiado interesse por acontecimentos geograficamente localizados próximos a elas. Por conta disso, as emissoras regionais são relevantes no processo de circulação de conteúdos noticiosos, com o intuito de atender a tal expectativa de proximidade.

2.3 Telejornalismo regional: características e particularidades

A televisão foi capaz de criar a noção de laços de pertencimento integrando todo o território nacional. Essa evolução foi possibilitada graças aos avanços tecnológicos e à difusão das telecomunicações pelo país. Nessa dinâmica de difusão de conteúdos, o que se nota é a existência de emissoras geradoras que repassam seus conteúdos para emissoras afiliadas. Justamente estas emissoras são responsáveis pela produção dos conteúdos locais e regionais. Além de exibirem o material produzido pela rede, têm um espaço limitado para reprodução de material próprio (geralmente ocupado por telejornais ou outros produtos informativos, em horários de pouca expressividade mercadológica). Segundo Iluska Coutinho (2008), o número de emissoras brasileiras que se enquadra como TV regional é bastante significativo. Na visão da autora:

Pelas características da TV aberta no Brasil e da distribuição de seu sinal, a maioria das emissoras poderia ser caracterizada como TV regional, uma vez que, ainda que tendo sede em um município que costuma funcionar como cidade-pólo (econômico ou de serviços), sua área de abrangência compreende uma região sociocultural (COUTINHO, 2008, p.101)

Entretanto, é importante diferenciar telejornalismo regional e local. Este é produzido e veiculado num mesmo ambiente geográfico, enquanto aquele é produzido em uma área de abrangência maior e sua veiculação se destina a um espaço geográfico também mais amplo (COUTINHO, 2008).

Em nosso trabalho, como trataremos da área de abrangência da TV Integração de Juiz de Fora, considerando suas emissões relativas a Cataguases, o conceito que nos interessa compreender e desenvolver é o de telejornalismo regional. Este conceito ainda enfrenta diversas dificuldades quanto a sua exata definição, mas o que se pode apreender é que, mesmo sendo regional, uma TV nem sempre representa em seus produtos o conteúdo de abrangência regional, de modo que inúmeras cidades do interior geralmente não se veem na tela da

televisão. Essa problemática emerge porque, dentre tantos fatores, as questões econômicas e de mobilidade imperam na hora da produção dos telejornais. Pela facilidade de acesso e deslocamento, frequentemente a cidade-pólo e circunvizinhas acabam privilegiadas na TV, o que interfere diretamente na identidade regional que é veiculada. Nos telejornalísticos ditos regionais quem, de fato, ocupa espaço expressivo na tela é a própria cidade-sede da emissora interiorana.

As tevês regionais, por uma série de questões, procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante da sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior (SILVA, 1997, p. 61)

Ainda que nos dias atuais as emissoras não exerçam, de fato, uma cobertura regional eficaz, contemplando todas as cidades de uma determinada área, vale ressaltar que, do ponto de vista histórico, as mídias nasceram eminentemente locais e regionais para, em momento posterior, se expandirem. A televisão é um dos meios de comunicação que passou por esse procedimento de expansão, principalmente por conta dos progressos alcançados na área tecnológica. Em função desses avanços, no Brasil, o caráter marcadamente local das TVs só foi alterado com a chegada do videoteipe, nos anos 1960, dentre outras tecnologias modernas à época, que permitiram às emissoras expandir suas áreas de atuação. Deixaram de ser restritas a determinadas cidades, passando a compor redes nacionais que transmitiam para uma região notadamente mais abrangente (PERUZZO, 2005). Assim, o regional foi se integrando à produção nacional.

Nesse sentido, o que se configurou foi um quadro de temor quanto ao papel das emissoras regionais, em face ao processo de globalização. Entretanto, o que se sucedeu foi exatamente o oposto: a valorização dos conteúdos regionais e locais em tempos de culturas híbridas e transnacionais. Contudo, “o interesse da grande mídia pelo local, num primeiro momento, apresenta-se mais por seu lado mercadológico do que pela produção de conteúdo regionalizado” (PERUZZO, 2005, p. 68). Isso porque a TV buscou enxergar no regionalismo uma forma de publicidade, explorando as peculiaridades de cada área. O resultado desse mecanismo foi a gradativa evolução das formas de produção de conteúdo regional, não só privilegiando uma cidade-pólo, mas dedicando espaço a outros municípios também importantes para a área de abrangência das emissoras. Mas, em se tratando de TV, o espaço

dado a esse tipo de produção é bastante ínfimo e ocupado por horários de pouca expressividade na grade das emissoras.

Para Peruzzo (2005), o entendimento da questão do local e do regional perpassa por três eixos de discussão: a noção de fronteira, o conceito de território e a ideia de globalização. O primeiro termo – fronteira – levanta a dificuldade em se precisar o que é exatamente o local e o regional, limitando o início e o fim de cada um deles. Esta é uma das maiores dificuldades em se precisar o conceito de regionalismo, tendo em vista a tênue distinção existente entre local e regional e a possibilidade de se expandir o sinal graças às ondas retransmissoras (CRUZ, 1996, *apud* BAZI, 2001). O segundo termo – território – diz respeito às dimensões geográficas como norteadoras do que seja local e regional. Por fim, a globalização coloca em voga as discussões acerca da interação global-local e as conseqüências desse procedimento.

Em síntese, mídia local e regional remete ao conceito de proximidade, entendida a partir dos laços de familiaridade criados em determinada região. Os indivíduos assistem ou lêem conteúdos porque buscam se identificar com eles, reconhecendo locais, personagens e situações, que podem ser confrontados a partir da experiência e do conhecimento próprio. Todavia, o jornalismo local e regional enfrenta problemas de cunho político, visto que envolve interesses de grupos de poder, e também por conta da redução nas equipes jornalísticas, que passam a trabalhar com *releases* enviados por assessorias.

Assim sendo, a mídia regional é uma estrada de duas vias: “há interesse das pessoas em ver os temas de suas localidades retratados na mídia, como também há interesse por parte da mídia em ocupar o espaço regional com vistas a atingir seus objetivos mercadológicos” (PERUZZO, 2005, p.73).

Nesse sentido, a programação regional se tornou um mecanismo de manutenção econômica das emissoras do interior, indicando a relevância desses canais para os proprietários de empresas de comunicação fora dos grandes centros. Regionalizar as emissoras permitiu, portanto, a renovação do mercado econômico televisivo no Brasil.

Entretanto, a definição do conceito de regional/regionalização é ainda bastante complexa. Para Correia (*apud* BAZI, 2001), o termo vai além da geografia e se insere na rotina do ser humano. Já para Bazi, a televisão regional é “aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tenha sua programação voltada para ela mesma” (BAZI, 2001, p. 16).

Em outra vertente, há pesquisas que ressaltam a TV regional como um importante meio de difusão de “características culturais de cada comunidade, combatendo uma

homogeneização que poderia ser causada pelas grandes redes de comunicação” (DEBONA, FONTELLA, 1996, p. 18 *apud* BAZI, 2001, p. 18). Atenta aos aspectos positivos desse processo de descentralização da produção, a principal emissora do país, TV Globo, decidiu regionalizar seu conteúdo e, para isso,

[...] a estratégia da emissora foi ampliar sua cobertura geográfica com a criação de um vasto sistema de afiliadas. (...) Foi na década de 80 que o projeto de regionalização ganhou força com a implantação, em seu organograma, de um setor específico para atender suas afiliadas: o CGAE – Central Globo de Afiliadas e Expansão (...). Nessa central, as preocupações vão da qualidade do sinal que chega aos lares dos telespectadores até o investimento realizado pelas emissoras regionais em seus diversos departamentos (BAZI, 2001, p. 23)

A partir dessa estruturação, a Rede Globo transferiu uma parte de sua programação para as filiadas e afiliadas de todo o Brasil – parte esta bastante reduzida, geralmente composta por telejornais e boletins informativos. Por isso, no país, o que se vê, em maior escala, são as emissoras regionais retransmitindo produções das cabeças de rede e criando, em horários específicos, atrações de caráter regional e local.

Com o objetivo de dialogar com essas emissoras espalhadas pelo território nacional, a Rede Globo criou, conforme citado anteriormente, a Central Globo de Afiliadas e Expansão (CGAE), que funciona como um espaço de discussão entre os funcionários das regionais para delinear metas profissionais.

Entretanto, uma dificuldade enfrentada por essas emissoras diz respeito à melhor maneira de conciliar programação regional com a programação oriunda das cabeças de rede. Geralmente tendo pequenas brechas na programação vinda das geradoras, as regionais precisam encontrar meios de exibir seus conteúdos em horários relevantes para o mercado publicitário a fim de, dessa forma, atrair anunciantes na sua área de cobertura. É nesse ponto que se sustenta o grande dilema das TVs regionais, que precisam “encontrar a linguagem natural e respeitosa que construa a ponte entre a vitoriosa programação de rede e a viva programação regional” (SIMBALISTA, 1999, p. 05 *apud* BAZI, 2001, p. 34). A busca por mais espaço na grade das TVs regionais é constantemente alvo de críticas e análises, pois, é através da programação regional que as emissoras têm condição de fortalecer seus laços com os públicos aos quais se dirigem. Nesse viés, a programação regional das emissoras ainda é um grande empecilho a ser modificado. Isso porque, mesmo diante das determinações legais quanto à obrigatoriedade de programação regional, este espaço ainda é bastante reduzido.

Além de buscar conciliação entre a programação nacional e as brechas para uma programação regional, as emissoras do interior ainda trabalham no intuito de acompanhar os padrões determinados pelas cabeças de rede – como é o caso da Rede Integração. A reprodução desse padrão técnico não só garante ao público uma produção de qualidade como também permite a identificação com o modelo já difundido pela cabeça de rede, pensando-se em termos de qualidade técnica das produções audiovisuais. Assim, a TV regional tem papel fundamental no fortalecimento das culturas as quais ela abarca, colocando na tela uma série de elementos de conhecimento da população que lhe assiste. Além disso, “(...) é através da TV regional que o público possui a oportunidade de se ver retratado na tela da televisão, tentando talvez obter, de alguma maneira, respostas aos seus anseios ou, simplesmente, sentir-se mais próximo de seus direitos” (BAZI, 2001, p. 87). Dessa maneira, buscar a TV regional como opção de programação se concretiza como uma chance de se reconhecer diante da tela, capacitada a colocar em destaque problemas e mazelas locais que, sem o reforço da mídia, não ganhariam proporção significativa e visibilidade.

Já do ponto de vista da produção de conteúdos, ou seja, pensando em termos das emissoras e seus respectivos proprietários, a regionalização da mídia televisiva não tem o mesmo interesse que se nota por parte do público. Para os donos de tais empresas de comunicação, regionalizar a TV se tornou um processo financeiramente satisfatório e

O efeito economicamente rentável da regionalização das emissoras de televisão mostra que, mesmo o mundo caminhando a passos largos em direção à globalização, as pessoas desejam primeiro se sentir informadas daquilo que acontece na sua cidade, na sua região, para depois se informar sobre o que ocorre no resto do mundo (SIMBALISTA, 1999 *apud* BAZI, 2001, p. 88).

Segundo Silva (2003, p. 42), “a tendência é que se acreditasse que a globalização fosse acabar com os valores regionais e locais e o que percebemos é justamente o contrário, a reafirmação destas identidades de proximidade”. Nesse sentido, podemos ver uma aproximação com a própria consideração de Hall (2005) de que a globalização não eliminaria os interesses do público pelo que lhe é próximo.

Partindo de todas essas considerações que nos ajudaram a entender o regionalismo na televisão brasileira e as dificuldades em se delimitar precisamente a abrangência do termo, podemos apontar claramente para nossa escolha metodológica pelo uso do termo “regional” ao longo de nosso trabalho. Em nossa pesquisa, a emissora regional que forneceu material para análises é a TV Integração, situada em Juiz de Fora. Por isso, é importante conhecermos

um pouco do estilo de produção desta emissora, sua abrangência, principais cidades atendidas, dentre outras informações relevantes.

2.4 TV Integração: o telejornalismo regional na Zona da Mata mineira

Segundo informações obtidas no site da TV Globo, a área de abrangência da TV Integração de Juiz de Fora se expande por 106 cidades da Zona da Mata e Campo das Vertentes – o que equivale a 1.968.352 habitantes. Contudo, a TV Integração de Juiz de Fora pertence ao Grupo Integração, que abrange ainda as emissoras: TV Integração Uberlândia, TV Integração Ituiutaba e TV Integração Araxá. A área de cobertura total abrange 259 municípios nas regiões do Triângulo, Alto Paranaíba, Centro-Oeste, Noroeste, Zona da Mata, Campo das Vertentes e Sul de Minas.⁵ No que se refere à TV Integração de Juiz de Fora, as principais cidades atendidas são (além de Juiz de Fora, cidade-sede da emissora) Ubá, São João Del Rei, Cataguases, Muriaé, Leopoldina, Barbacena e Viçosa.

Sobre a produção de conteúdo regional da TV Integração, esta é concentrada, principalmente, nos seus dois telejornais diários: o *MGTV 1ª edição* e o *MGTV 2ª edição*. A emissora conta também com o *Integração Notícias*, que são pequenos boletins informativos inseridos como flashes na programação da emissora⁶. O *MGTV 1ª edição* é exibido de segunda a sábado, de 12h05min às 12h50min, e apresentado pela jornalista Érica Salazar. É um telejornal de caráter dinâmico e composto por assuntos de variadas editorias – tais como saúde, educação, ciência e tecnologia, meio ambiente, cultura, etc. Já o *MGTV 2ª edição*, apresentado pela jornalista Larissa Zimmermann, é voltado notadamente para abordagens factuais, com duração reduzida (de 19h15min às 19h30min), exibido em horário nobre entre duas telenovelas da rede, em espaço destinado a programas regionais.

Com base nessas explicações, antes de analisarmos as percepções dos jovens sobre o conteúdo divulgado referente a Cataguases nos telejornais da TV Integração, falta-nos conceituar que tipo de público é alvo de nossa pesquisa. Por isso, para finalizar o capítulo, segue uma breve conceituação relativa ao termo “juventude”, de modo a entendermos quais as principais características definidoras dos membros que participaram de nossa pesquisa.

⁵ Informações disponíveis em <<http://comercial2.redeglobo.com.br/atlasdecobertura/Paginas/Home.aspx>>. Acesso em 19 de abril de 2014.

⁶ A TV Integração transmite ainda outros programas de produção própria, que são: *Bem Viver*, *Carona*, *MG Rural* e *Terra de Minas*. Todavia, esses programas são ou produzidos pela matriz do grupo, em Uberlândia, ou produzidos conjuntamente, sem priorizar as pautas específicas da região. Por essa razão, não os enumeramos como expoentes de produção regional da TV Integração Juiz de Fora.

2.5 “Se você é jovem ainda”: o lugar da juventude na sociedade

A definição de juventude perpassa por autores das Ciências Sociais e Psicologia. Esta fase da vida pode ser entendida “como uma fase de transição em que as transformações biológicas dos seres humanos são acentuadas e dão origem às mudanças psicológicas e sociais que marcam o processo de saída da infância para o ingresso no mundo adulto (MAIA, 2009, p. 57)”. Termos como puberdade e adolescência também servem como caracterizadores dessa etapa, tendo a idade como principal critério definidor de sua extensão. Em geral, a variação que se atribui à adolescência é de 14 a 24 anos.

Entretanto, conceituar juventude envolve não somente a ideia de faixa etária, como também o entendimento de condição social e a própria noção dos indivíduos com relação a tal período da vida. Além do critério relativo à idade, o período da adolescência é marcado por conflitos existenciais, que emergem para o âmbito familiar e social e são típicos de tal fase.

Para Luís Groppo (2000 *apud* MAIA, 2009), juventude deve ser entendida como uma categoria social, composta por determinadas características que estabelecem uma representação acerca dessa classe de pessoas. Com base nessas características, o indivíduo é encaixado ou não nessa faixa. Vale também destacar a definição de juventude como uma época marcada pela transição da não-responsabilidade (infância) para a responsabilidade social plena (adulto) (VIANNA, 1992 *apud* MAIA, 2009). Todo esse processo gera uma série de crises na própria concepção humana de tais indivíduos. A maior crise vivenciada nessa etapa é, em síntese, a crise de identidade, visto que o jovem busca se reconhecer e se firmar enquanto ser no mundo, dotado de autonomia e possibilidades de escolhas.

Para Aquino (2009 *apud* SOUTO, 2011), a juventude deve ser conceituada em termos plurais, uma vez que se trata de um período de conturbadas alterações e dotado de características múltiplas – tais como as distinções de classe social, renda familiar, nível de escolaridade, etc. A nosso ver, o emprego do termo juventudes indica a existência das variáveis identitárias que compõem a classe. Assim, os jovens podem ser entendidos como uma classe abrangente, fragmentada a partir das distinções existentes entre os nichos específicos que se formam (*punks, emos*, dentre outros). A nosso ver, a preferência de Aquino pelo termo “juventudes” remete à própria noção de identidades múltiplas assumidas pelo sujeito pós-moderno (HALL, 2005).

Por fim, vale pontuar uma visão acerca da juventude que, segundo Dayrell (2003 *apud* SOUTO, 2011), é uma fase extremamente romantizada, na qual os ideais de liberdade, prazer e independência definiriam tal época.

Apesar de alguns teóricos divergirem quanto à exata duração da adolescência, existe uma consonância de que tal período varia, normalmente, de 14 a 24 anos. Este, inclusive, é o recorte apontado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em suas pesquisas. Em síntese, para nosso trabalho, o importante é compreender que jovens entre 16 e 18 anos (alvo de nossa pesquisa) estabelecem formas de se identificar com a cidade à qual se veem ligados – no caso, Cataguases. Assim, mesmo sabendo que nessa faixa etária emergem conflitos existenciais e crises de identidade, nos interessa reconhecer neles a preponderância de uma de suas identidades: a cataguasense – seja porque nasceram na cidade, seja porque moram há muito tempo no local ou ainda porque convivem diariamente com este ambiente, por conta dos estudos. Os indícios observados nos grupos de jovens da cidade convidados a participar da pesquisa estão expostos no decorrer do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: A JUVENTUDE LIGADA NA TV: INDÍCIOS RELATIVOS AO TELEJORNALISMO REGIONAL

A televisão se consagrou como um importante meio de comunicação de massa, difusor de identidades e representações sociais. Por conta dessa característica, ela tem se tornado alvo de diversos estudos que buscam alçar não apenas o âmbito da produção dos discursos midiáticos, mas também a maneira como tem se efetivado a recepção destes conteúdos. Dessa maneira, o lugar da audiência⁷ nas pesquisas acadêmicas é um crescente, levando em consideração as impressões e opiniões que grupos sociais nutrem pelos mais variados gêneros televisivos.

Ao longo deste capítulo, apresentamos a visão que dois grupos de jovens de Cataguases estabelecem sobre a cidade, a partir do conteúdo telejornalístico difundido pela TV Integração de Juiz de Fora. Antes, porém, de discutirmos acerca das opiniões percebidas pelos estudantes, é importante apreender os detalhes sobre a metodologia empregada, bem como a organização de toda a dinâmica para desenvolvimento da pesquisa.

3.1 O grupo focal aplicado entre jovens

Para a realização de nossa pesquisa, a metodologia empregada foi a discussão em grupo focal, realizada em duas instituições de ensino de Cataguases. A metodologia escolhida mostrou-se adequada à nossa intenção de se apreender as opiniões dos jovens de ensino médio sobre o conteúdo veiculado no telejornal *MGTV* referente à cidade.

Tal pertinência se deve à própria definição de grupo focal, que se caracteriza como “uma técnica que recolhe dados da vida real em um contexto social” (THORNTON, 2005, p 21). Constitui-se ainda como uma maneira de se obter informações a partir de conversas guiadas entre membros de um determinado conjunto. Dessa forma, “os grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e

⁷ O conceito de audiência vem sofrendo significativa mudança ao longo dos últimos anos e, por isso, é alvo de variados estudos. Em nosso trabalho, a ideia de audiência está atrelada à nova configuração de público, que deixa de ser meramente receptor de conteúdos e passa a ser considerado co-produtor. Chaparro (2009) sinaliza para o fato de que a audiência deixa de ser passiva e passa a intervir de modo efetivo na produção de conteúdos midiáticos. Apesar de não discutirmos nesta pesquisa tal caráter colaborativo da audiência, compactuamos com a teoria de que o público tem se tornado mais participativo e envolvido com a dinâmica de produção midiática. Assim, não podemos considerar que o conceito de audiência nos dias atuais remete aos mesmos princípios que o caracterizavam em anos anteriores. Por esta razão, assumindo um novo patamar, a audiência tem possibilidade plena de discutir sobre as atrações a que assiste. É isso, portanto, que fazemos neste trabalho: um debate orientado com uma parcela da audiência.

normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências.” (COSTA, 2009, p. 181).

Inicialmente, logo que projetamos os objetivos de análise da pesquisa, passamos a acompanhar periodicamente os telejornais da TV Integração de Juiz de Fora, a fim de perceber a regularidade com que a cidade de Cataguases era apresentada pela afiliada da Rede Globo. Acompanhamos o *MGTV* 1ª e 2ª edições, apresentados, respectivamente, por Érika Salazar e Larissa Zimmermann. Desse modo, detivemos nosso recorte de análise entre 24 de junho e 24 de julho de 2013 – compreendendo um mês completo de observações. A escolha de tal período de análises levou em conta um importante critério: a não ocorrência de datas comemorativas que alterassem o ritmo tradicional dos telejornais e as pautas abordadas. Ao longo do período analisado, detectamos a presença de reportagens sobre a cidade e, portanto, a validade em se manter tal recorte.

O material foi extraído do site da TV Integração⁸, que disponibiliza um acervo virtual com reportagens exibidas em seus programas e telejornais. Além disso, acompanhamos, durante a etapa de coleta, as exibições dos telejornais pela televisão e coletamos para nossa pesquisa todas as reportagens que citavam Cataguases. A partir daí, portanto, seguimos para a estruturação dos trabalhos em grupo focal com os jovens.

Os grupos focais foram realizados em duas escolas da cidade de Cataguases, situada na Zona da Mata de Minas Gerais. As escolas selecionadas para o trabalho foram Colégio Soberano (da rede privada de ensino) e Escola Estadual Professor Clóvis Salgado (da rede pública de ensino). A acessibilidade a ambas as instituições foi um dos critérios levados em conta no processo de seleção das escolas, visto que o pesquisador é estudante egresso das referidas unidades de ensino e, portanto, a autorização de diretorias e coordenações pedagógicas para realização do trabalho não contou com empecilhos. Entretanto, outros fatores motivaram a decisão, tais como o contraste nítido entre as duas escolas: de um lado, uma instituição particular, localizada no centro da cidade; de outro, uma instituição pública, situada numa região periférica de Cataguases.

O contato com as escolas teve início em agosto de 2013, quando foi sinalizado às instituições o desejo de se desenvolver com jovens uma pesquisa de cunho acadêmico. Após essa primeira etapa, em outubro do mesmo ano, reforçamos nosso interesse perante as escolas e estabelecemos, de fato, um novo contato com as diretorias e coordenações de ensino. Como houve aceitação por parte das instituições, bem como dos próprios alunos (que assinaram

⁸ Disponível em <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/>>. Acesso em 29 de abril de 2014.

termos de autorização de uso de imagem e declarações, além do consentimento em participar livremente da pesquisa – ver apêndice A⁹), agendamos para novembro a execução dos grupos focais.

Antes que pudéssemos marcar com precisão as datas de execução dos grupos, tivemos ainda um terceiro encontro com as coordenadorias pedagógicas das referidas escolas, pedindo que as unidades de ensino selecionassem um grupo de 15 alunos do segundo ano do ensino médio para participar da atividade. Como nos grupos focais “a maior busca é a de compreender e não inferir nem generalizar (COSTA, 2009, p. 181)”, o número de participantes por nós selecionados é considerado suficiente para obter material de análise.

No Colégio Soberano, todos os alunos da única turma de segundo ano participaram do grupo focal, visto que a sala possuía 16 alunos e, portanto, julgamos conveniente não excluir um único estudante do procedimento metodológico. Já na Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, a coordenação da escola selecionou, dentre as duas turmas de segundo ano do ensino médio, 15 jovens para integrar o grupo de discussões. Com base na indicação de professores das turmas, a coordenação elegeu jovens com as melhores notas em cada sala, e que também demonstravam interesse em participar da ação extraclasse. No entanto, no dia da realização do grupo, apenas 11 estudantes compareceram à atividade. O número foi mantido, visto que a coordenação aconselhou a não substituição dos eleitos por outros estudantes não selecionados previamente.

As datas marcadas para a execução dos grupos buscavam atender as expectativas tanto das escolas quanto do pesquisador. Além disso, os estudantes foram mantidos em seus ambientes escolares, a fim de que não se causasse estranhamento ou qualquer aversão que pudesse comprometer o andamento das discussões. No Colégio Soberano, o grupo focal aconteceu em 08 de novembro de 2013, ocupando o terceiro horário de aulas de uma sexta-feira (equivalente a, aproximadamente, 50 minutos de duração). Na Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, a discussão em grupo focal ocorreu em 22 de novembro de 2013, durante o segundo horário de aulas daquela sexta-feira (também equivalente a 50 minutos de duração). Os grupos aconteceram nas próprias instituições de ensino, em sala separada, na qual pudéssemos utilizar equipamentos de projeção de imagens e boa captação de sons. Ambos os grupos foram gravados em áudio e vídeo para posterior transcrição do material coletado.

⁹ Os alunos assinaram termos de autorização de uso de imagem e declarações por conta das recomendações passadas pelo Comitê de Ética da UFV, visto que esta pesquisa monográfica está registrada na Pró-reitoria de Pesquisa e pós-graduação da Universidade.

A fim de preservar a identidade de cada participante envolvido nos grupos focais, os jovens não são apresentados ao longo deste trabalho por seus respectivos nomes ou qualquer outra forma de identificação explícita. Optou-se por adotar uma metodologia de identificação particularizada, na qual cada estudante seria designado por uma sigla específica (ver apêndice J). Assim sendo, os alunos do Colégio Soberano são identificados pela letra S seguida de um número entre 1 e 16; e os estudantes da Escola Estadual Professor Clóvis Salgado foram referenciados pela letra C, acompanhada de um número entre 1 e 15¹⁰.

Com relação à condução dos grupos, nos respectivos dias em que ocorreram, ambos seguiram a mesma estrutura. Inicialmente, os jovens preencheram um questionário que serviria como orientação para a posterior identificação de cada membro participante (ver apêndice B). Logo em seguida, partimos para as apresentações do pesquisador e de cada participante dos grupos, na intenção de criar um contexto em que os jovens sentissem segurança e tranquilidade para transmitir suas opiniões – visto que, como fora ressaltado aos alunos, tal procedimento não buscava encontrar respostas prontas ou exatas, e sim a integração de ideias em conjunto. Por isso, nesse momento do grupo, o pesquisador fez referências ao tempo em que estudou nas duas instituições de ensino, citando, inclusive, nomes de membros dos grupos dos quais se recordava e, assim, criando um vínculo de proximidade com os estudantes.

Após a apresentação de todos os envolvidos, passamos para a primeira fase de perguntas, que se constituiu numa discussão ampla sobre televisão e a relação dos jovens com este meio, bem como com outros meios (rádio, jornal impresso e internet). As perguntas dessa fase tinham o objetivo de identificar a frequência com que os jovens se informam e através de quais suportes as informações chegam até esse público. Essa fase serviu também para pontuar a relação que os estudantes nutrem com o telejornalismo em geral e, em específico, com o telejornalismo praticado em âmbito regional.

Na sequência, os grupos assistiram às reportagens coletadas para compor a discussão. A primeira delas foi “PM registra queda no número de furtos a residência em Cataguases” (ver apêndice E). Após a exibição da reportagem, seguiram-se comentários dos estudantes e perguntas feitas pelo pesquisador, de modo a inferir as impressões que os jovens nutriram pelo conteúdo veiculado. Assim, logo após o término de cada reportagem, os jovens respondiam a perguntas sobre as fontes utilizadas nas matérias e a respectiva imagem

¹⁰ Na Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, os alunos C1, C8, C14 e C15 não compareceram ao dia de realização do grupo focal. Entretanto, já tínhamos uma lista prévia de identificação dos estudantes selecionados e cada um já possuía uma sigla que os representasse. Assim sendo, nossa listagem seguiu do C1 ao C15 normalmente.

construída em relação a elas, bem como a imagem da cidade, a coerência da matéria com a realidade de Cataguases e as qualificações atribuídas pelos jovens aos conteúdos mostrados. As questões aplicadas aos grupos apresentavam caráter amplo, na tentativa de evitar respostas diretas e objetivas, além de seguirem uma ordem que partia dos pontos gerais até se chegar aos aspectos específicos, conforme orienta Costa (2009).

Seguindo essa lógica, toda reportagem, portanto, era exibida e, na sequência, um debate realizado acerca das impressões sobre cada temática tratada no telejornal. As outras duas reportagens apresentadas foram “Movimento cobra preservação do Cine Edgard em Cataguases” (ver apêndice F) e “Filme de animação feito em Cataguases utiliza a técnica do *stop motion*” (ver apêndice G). Por fim, encerrando as discussões, os jovens tiveram espaço para opinar sobre qualquer outro assunto relativo à cidade e às impressões sobre telejornalismo e televisão, de uma maneira geral.

Com tal roteiro (ver apêndice C), foi possível perceber quais representações acerca de Cataguases e da população cataguasense os jovens assimilam a partir do que é veiculado pelos telejornais *MGTV 1ª e 2ª edições*, pois, conforme pontua Wolton (1996), por mais que os indivíduos estejam diante de um mesmo produto, em contato com um mesmo material, isso não proporciona qualquer garantia de que todos tenham a mesma percepção sobre tal conteúdo. É o que se buscou verificar na presente pesquisa com relação a Cataguases e sua representação no telejornalismo regional.

3.2 Cataguases como objeto de pesquisa

A cidade de Cataguases está localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, distante 320 quilômetros da capital estadual, Belo Horizonte, e a 120 quilômetros de Juiz de Fora¹¹, cidade-sede da emissora utilizada na pesquisa. É uma das principais cidades da Zona da Mata, sendo, por esta razão, sede da microrregião que leva seu nome (figura 1). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹², a população da cidade, estimada em 2013, era de 73.232 habitantes, com uma área territorial de 491,767 km², o que lhe confere uma densidade demográfica de 141,85 habitantes/km². Ainda segundo dados obtidos pelo

¹¹ As distâncias apresentadas neste trabalho foram extraídas do site <www.guiadecachoeiras.com.br>. Acesso em 11 de abril de 2014.

¹² Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=311530>>. Acesso em 29 de abril de 2014.

IBGE no senso de 2010, na cidade, se considerada a faixa etária entre 15 e 19 anos (alvo de nossa pesquisa), há 5634 jovens. Nossa pesquisa busca apontar a relação dos jovens com a representação que se cria da cidade a partir do telejornalismo regional. Por isso, discutimos brevemente o percurso histórico de Cataguases.



Figura 1. Mapa da Zona da Mata mineira e cidades-sede das microrregiões

A incursão de Cataguases no cenário nacional se deu principalmente por meio da cultura, do cinema, da literatura e da arquitetura – que se tornaram reconhecidos por conta da expansão desses segmentos na cidade. Segundo Almeida (2004), a origem de Cataguases remete à chegada de Guido Thomaz Marlière à região, com o intuito de edificar em tais terras uma capela em homenagem a Santa Rita de Cássia. Dando prosseguimento a seus objetivos, Marlière projetou todo o centro da cidade, com ruas paralelas entre si, que partiam da igreja erguida para a referida santa. A cidade já foi conhecida como Porto dos Diamantes, Santa Rita do Meia Pataca e, por fim, Cataguases – denominação defendida por muitos como a tradução da expressão tupi que significa “terra de gente boa”. Entretanto, há controvérsias quanto ao real significado da palavra: há quem diga que o termo remete a um riacho que banhava os fundos da casa de Joaquim Vieira, um dos principais nomes no processo de consolidação da cidade.

Cataguases é constantemente lembrada no cenário nacional por seu pioneirismo em importantes segmentos culturais – tais como o cinema e a literatura. Na década de 1920, por

exemplo, destacou-se a produção cinematográfica desenvolvida por Humberto Mauro, um dos maiores nomes da história do cinema brasileiro. Na cidade, Mauro produziu diversos filmes, no que ficou conhecido como “ciclo de Cataguases”. A importância dessa fase para a história local é tão significativa que o cinema se tornou uma das principais marcas da identidade cataguasense, graças ao passado cinematográfico de grande projeção. Dessa forma, a representação de uma Cataguases atrelada aos primórdios do cinema nacional está inculcada entre diversos grupos da cidade, que buscam perpetuar tal imagem - mesmo que nem todos (principalmente jovens) tenham pleno conhecimento sobre esse período da história cataguasense.

À mesma época do auge do cinema, despontavam na cidade nomes que se consolidariam na história da literatura local. Um grupo de jovens – dentre os quais Ascânio Lopes, Henrique de Rezende, Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Camillo Soares e Guilhermino César – produziu a *Revista Verde*, que contou com a colaboração de importantes nomes, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Mesmo com uma curta existência (apenas seis exemplares publicados entre 1927 e 1929), a *Revista Verde* se destacou por conta da relação com grandes autores modernistas, interessados em difundir um novo estilo de produção literária. Além disso, a revista ganhou notoriedade por ser a expressão do modernismo no interior do país, fugindo do eixo Rio de Janeiro – São Paulo e fazendo ascender o nome de uma pequena cidade interiorana.

Passada a efervescência da produção cinematográfica e o auge da literatura local, a cidade chegou às décadas de 1940 e 1950 vivendo uma nova experiência em termos de estética: a arquitetura, o paisagismo e as artes visuais. Obras de Francisco Bolonha, Cândido Portinari, Emeric Marcier, Oscar Niemeyer, Burlé Marx, Jan Zach, Joaquim Tenreiro, dentre outros nomes importantes no cenário nacional e internacional, fizeram parte da construção de Cataguases. O modernismo esboçado em tais obras pode ser visto atualmente por diversas ruas da cidade, que convive com a conservação de sua história e as novas tendências artísticas e arquitetônicas presentes no local.

Nos dias atuais, determinados segmentos da cidade têm investido na retomada do cinema local. Organizações municipais e instituições privadas estão atuando na estruturação do Polo Audiovisual da Zona da Mata, centralizado em Cataguases. Projetos como a *Fábrica do Futuro* demonstram a intenção de se reforçar uma representação já consolidada sobre a cidade, visto que o projeto trabalha com a produção de pequenas animações. Além disso, como parte das ações promovidas pelo Polo Audiovisual, algumas obras cinematográficas

foram rodadas na cidade, dentre elas se destacam *Meu pé de laranja lima* e *O menino no espelho*. Com essas iniciativas, a identidade cinematográfica de Cataguases vem sendo reativada e mantida, no intuito de preservar uma suposta tradição local (que, como veremos, é questionável, já que nem todos os moradores da cidade são conhecedores dessa tradição).

Conhecer, em linhas gerais, a história de Cataguases é essencial para que se possa delinear as impressões que os jovens são capazes de obter a partir do telejornalismo. Afinal, só se pode julgar algo como familiar quando tal elemento faz parte da vida dos indivíduos. É preciso, portanto, comprovar se, de fato, os jovens têm conhecimento da história na qual estão inseridos e se tal saber interfere na representação que criam da cidade.

3.3 Os jovens participantes dos grupos focais

Dentre os jovens participantes dos grupos focais, destacamos a presença de dois grupos distintos: os estudantes da escola pública (localizada na periferia da cidade) e os estudantes da escola particular (situada no centro de Cataguases). Tal distinção se faz importante mencionar por conta das diferenças de renda, condições econômicas e moradia que se imbricam a esses dados. Constatamos, dentre os jovens de escola pública, que, em suas casas, há um ou dois televisores. Já na rede particular, a maior parte dos alunos disse ter em casa 3 ou 4 televisores (sendo que um jovem afirmou ter 5 televisores em casa, e outro afirmou ter 6). A disponibilidade de televisores em uma residência (gráfico 1) nos pareceu um fator propício para se entender o interesse de cada jovem pelos conteúdos das emissoras de TV e seus respectivos programas, principalmente os telejornalísticos.

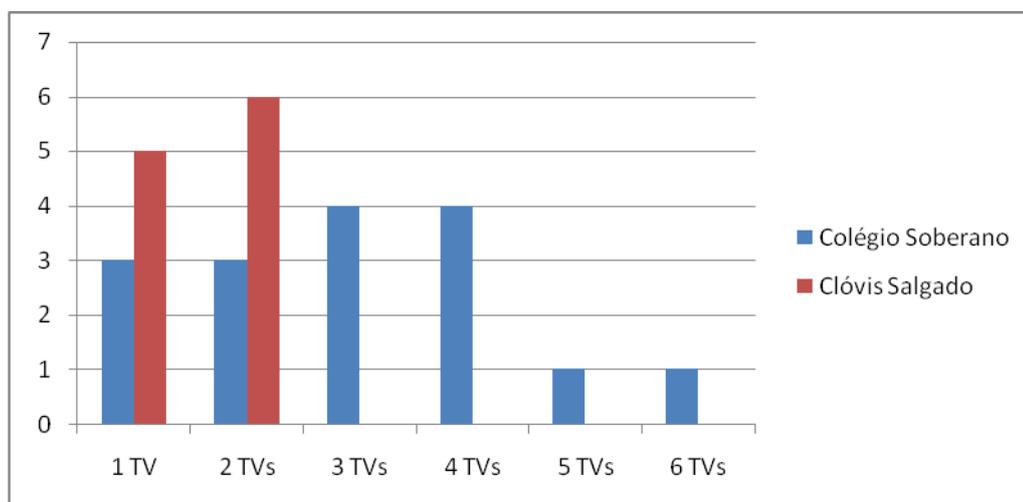


Gráfico 1. Número de aparelhos televisores por residência

Em contrapartida, tal informação deve ser aliada a outra significativamente importante: o número de pessoas que residem no mesmo ambiente familiar. A maioria dos estudantes da escola pública vive com mais 2 pessoas na mesma casa (incluindo o jovem, portanto, totalizam-se três moradores). Por outro lado, na escola particular, parte dos estudantes (37,5%) afirmou viver com mais 3 pessoas (total de 4 pessoas, incluindo o jovem).

Em termos de localização, a Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, da rede pública, se situa à Rua Pergentino Dutra de Siqueira, no bairro Pampulha, em Cataguases. Este bairro se encontra mais distante do centro da cidade e engloba, ao seu redor, bairros como São Diniz e Sol Nascente. Por esta razão, os alunos do grupo são, de forma absoluta, residentes do próprio bairro onde se localiza a escola ou dos bairros ao entorno: 45% vivem no bairro Pampulha (onde se encontra a escola), e os outros 55% se distribuem entre os bairros Sol Nascente, São Diniz, Thomé e Marote – adjacentes a Pampulha.

Com relação à rede particular, o Colégio Soberano se localiza na Avenida Astolfo Dutra, na parte central da cidade. Por isso, é uma instituição de ensino que recebe alunos de várias localidades, até mesmo de cidades vizinhas. Assim sendo, a diversidade de bairros citados foi significativamente maior, havendo repetição apenas em dois casos: 4 estudantes residem no centro, e 2 moram no bairro Colinas, bairro não muito distante do centro. Os outros alunos são de bairros como Taquara Preta, Pouso Alegre, Bela Vista, Bandeirantes, dentre outros. Há, ainda, três estudantes residentes em outras cidades: Dona Euzébia e Astolfo Dutra, municípios vizinhos a Cataguases (sendo que um dos jovens é natural de Cataguases).

Com relação à idade, a faixa etária dos jovens participantes de ambas as escolas variou de 16 a 18 anos: na escola pública, 90% dos alunos tinham 16 ou 17 anos à data de realização do grupo (apenas um jovem com 18 anos); na escola particular, todos os estudantes tinham 16 ou 17 anos quando se realizou a atividade (gráfico 2).

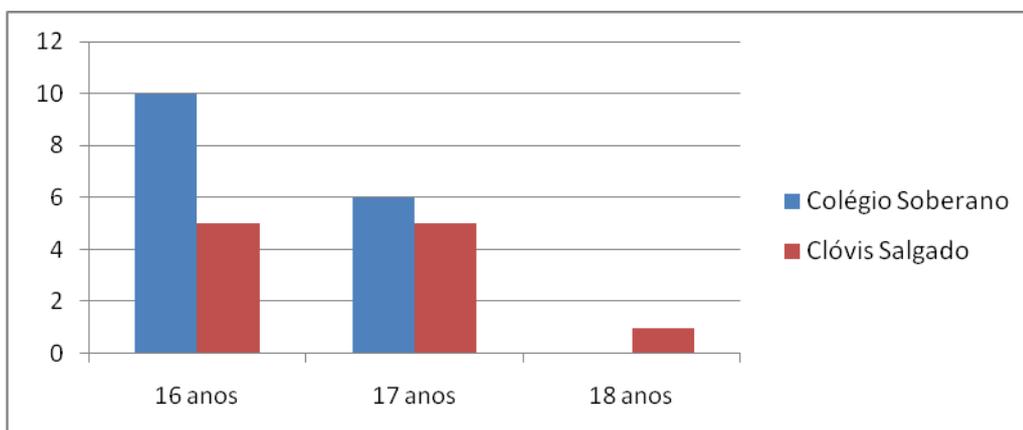


Gráfico 2. Faixa etária dos jovens participantes dos grupos focais

3.4 O vínculo com Cataguases

Nem todos os jovens participantes dos grupos focais são naturais de Cataguases. Entretanto, como nosso interesse era apontar os laços de identificação de estudantes do ensino médio com o conteúdo transmitido referente à cidade, a naturalidade foi um fator que não atrapalhou na seleção dos alunos. Dessa forma, os jovens que não nasceram na cidade, contribuíram com um olhar diferente, avaliando e ponderando elementos que não os acompanham desde o nascimento, mas lhes foram mostrados ao longo do tempo e se tornaram parte da representação que estabelecem sobre a cidade.

Assim sendo, de um total de 27 estudantes que compunham os dois grupos, 17 são cataguasenses, enquanto 8 nasceram em outros locais, mas atualmente residem na cidade, e 2 são naturais de cidades vizinhas a Cataguases (Dona Euzébia e Astolfo Dutra) e residem nestes municípios, mas estudam há mais de 5 anos na cidade de Cataguases. Dessa forma, todos tinham condições suficientes para opinar sobre a representação e a identidade cataguasense transmitida pelo *MGTV*. A seguir, apresentamos os resultados obtidos nos grupos.

3.5 Juventude e mídias: a relação do jovem com jornal impresso, rádio, TV e internet

A partir dos levantamentos obtidos nas discussões, percebemos que os jovens, apesar da ascensão das mídias digitais, mantêm vínculo e interesse evidente por mídias tradicionais – especificamente a televisão. Entretanto, foi possível detectar que os estudantes não possuem o hábito de leitura de jornais impressos, mesmo quando estes são produzidos no ambiente da própria cidade e dizem respeito a demandas e acontecimentos que possivelmente lhes interessariam. Quando perguntados sobre a frequência com que leem jornais impressos de Cataguases, as respostas foram categóricas e negativas por parte de todos os estudantes, em ambos os grupos. A negação também se estendeu para os jornais de circulação nacional, que não são lidos pelos jovens dos grupos. Um fator que pode ser apontado como justificativa para tal postura é a recente digitalização das notícias e dos próprios jornais que, até então, circulavam apenas em meio impresso. Como será discutido mais adiante, as novas tecnologias e as mídias digitais têm interferido na maneira como os jovens (e a população em geral) se informam sobre a localidade onde vivem.

Dando sequência às discussões, buscamos apreender a relação dos alunos com outra mídia: o rádio. Desde seu surgimento, o rádio esteve atrelado à oralidade, por conta de sua própria dinâmica de funcionamento (PRADO, 2012). Por isso, era convidativo a um tipo de contato diferente, por exemplo, que exigia o jornal impresso ou a televisão em anos posteriores. Na visão dos estudantes pesquisados, o rádio não se apresenta como uma fonte primordial de informação nem mesmo como opção viável para lazer, visto que a maioria dos alunos disse não se interessar por esta mídia – como fica nítido nas falas de C7 – “Não, eu não gosto de rádio” – e C5 – “Eu também não escuto”.

Contudo, dois jovens disseram ouvir rádio com certa regularidade e pelo mesmo motivo: o rádio enquanto “companhia” auditiva para as horas de trabalho. Seguindo a mesma premissa já apontada pelos colegas, eles disseram não ouvir rádio por motivação pessoal ou interesse em produtos radiofônicos locais. Afirmaram que o rádio atua como uma mera voz que lhes transmite conteúdos ao longo do dia, enquanto estão no trabalho – algo que reforça uma característica típica deste meio, funcionando como “companheiro” para quem está do outro lado:

MV: E ouvir rádio, alguém ouve?

S5: Eu! (S5 ergue o braço)

MV: Com que frequência? Todo dia?

S5: Todo dia, de tarde.

MV: E por quê? Por causa de música, de notícia?

S5: Não, é por causa que eu trabalho, aí não tem nada pra fazer, fica um tédio.

MV: E rádio, alguém ouve?

C9: Ah, tipo, eu escuto.

MV: Rádio da cidade mesmo?

C9: Da cidade.

C4: No meu trabalho eu escuto a rádio Brilho; e fora isso, Ativa FM¹³.

MV: Você ouve rádio pra ter informação sobre a cidade ou pra ouvir música?

C4: Na verdade, não sou eu, a rádio fica lá, mas no sábado, por exemplo, tem um programa que é “De frente com não sei o quê”, aí é um cara que tem uma banda muito “fera”, que chama os prefeitos, já chamou vereador pra fazer debate.

C9: Voz comunitária.

C4: É isso mesmo.

¹³ Rádio Brilho e Ativa FM são duas emissoras de rádio localizadas em Cataguases. A primeira tem um foco marcadamente jornalístico, enquanto a segunda é voltada para o público sertanejo e pertence ao Sistema Multisom de Rádio, proprietário de outras rádios na cidade.

Apesar de demonstrar desconhecimento sobre a programação das rádios locais (não sabe, ao certo, o nome do programa), C4 foi o único que relatou ter um mínimo de interesse por produtos radiofônicos de cunho social. Na fala do estudante, o que se apreende é a intenção de acompanhar a movimentação política da cidade, visto que, segundo ele, o programa exhibe entrevistas com personalidades da administração pública local.

Em contrapartida, um dos jovens da escola pública afirmou ouvir rádio por motivações pessoais, e não como “companhia” do dia a dia ou por interesse propriamente no conteúdo veiculado. De acordo com o estudante, ouvir rádio é uma atividade ligada a questões familiares, visto que a irmã trabalha em uma rádio local: “Eu escuto às vezes. Minha irmã trabalha na rádio do Souza Mendonça¹⁴, no programa dele. Aí eu escuto.” É possível destacar da fala do jovem, portanto, que o prazer aliado ao rádio advém puramente do vínculo fraterno. Dessa forma, de maneira geral, os jovens não se mostraram identificados com a prática cotidiana de se escutar rádios. Em raros casos, são poucos os que ainda associam o rádio ao hábito de se ouvir música, por exemplo. Quando o fazem, deixam transparecer em suas falas o caráter obsoleto dessa ação, não condizente com a nova realidade tecnológica permitida pelas possibilidades de *download*. É o que fica evidenciado nas falas seguintes:

C13: Ah, eu ouço às vezes. Tá ligado lá em casa, mas eu não ligo.

C11: Eu, se eu for ligar, é só pra escutar música.

C4: Baixar música né.

C11: É (risos). Hoje tem que baixar.

Outro item abordado ao longo dos encontros foi a relação entre os jovens e a televisão. Assim como buscamos pontuar o vínculo dos estudantes com jornais impressos e rádios, também o fizemos em relação à televisão. E, nesse sentido, as opiniões e adjetivações acerca do meio foram mais expansivas, demonstrando o quanto a TV é difundida e se faz presente na vida dos jovens, mesmo em tempos de convergência:

MV: E televisão, vocês gostam de assistir?

C7: Sim

MV: Vocês gostam de assistir televisão, vocês gostam de ver?

S8: Só se for muito.

C7: Ah, mas entre internet, rádio e televisão, eu prefiro mil vezes televisão.

[...] Ah, porque eu acho que eu fico muito mais informada vendo televisão.

¹⁴ Souza Mendonça é o proprietário da Rádio Brilho, já citada anteriormente.

No caso da última fala transcrita anteriormente, destacamos nela o teor com que se apresenta a TV (“prefiro mil vezes televisão”) na opinião do referido estudante. Além disso, há uma clara supremacia da mídia televisão se comparada aos outros meios (vale ressaltar que o jornal impresso sequer foi citado pelo aluno), tendo em vista a sensação de plena informação que a TV consegue disseminar (do ponto de vista do estudante considerado). Essa concepção se alia claramente à noção de TV como meio capaz de transmitir apenas o que é real, verídico e incontestável. Nesse sentido, a fala de C7 se coaduna com a teoria de que a televisão difunde imagens que carregam consigo um efeito de real, pois levam a audiência a crer que o conteúdo exibido é uma verdade absoluta e inquestionável (BOURDIEU, 1997).

Porém, quando a intenção é recorrer às mídias em geral para se informar sobre os acontecimentos locais, uma mídia em especial é citada de forma unânime: a internet. Como bem pontua um dos alunos da escola pública, a facilidade e praticidade conquistadas com a internet modificaram os hábitos de consumo dos indivíduos: “A internet é bem mais prática hoje em dia né. Tem tudo ali: você quer ver uma notícia, você pesquisa ali; você quer escutar uma música, já tem tudo ali. Então, meio que tudo tá ali”.

Dentre os jovens ouvidos nos grupos focais, constatamos que há um significativo interesse por parte deles em se manterem atualizados através das mídias digitais. De modo abrangente, em ambos os grupos foi constatada a predominância da internet no dia a dia dos estudantes como ferramenta primordial de comunicação, pesquisa e atualização sobre os fatos sociais – sejam eles de caráter local, regional, nacional ou internacional.

Principalmente no que diz respeito aos fatos de caráter local, é através da internet que os jovens tomam conhecimento da maior parte das polêmicas, acidentes, mudanças políticas e sociais ocorridas na cidade. Nas duas escolas, os grupos de estudantes sinalizaram para a frequente navegação no site do Marcelo Lopes¹⁵, produzido e atualizado por jornalista local que dá nome ao site (figura 2).

MV: Então quando vocês querem saber notícias sobre Cataguases, como vocês fazem?

S6: Internet, Marcelo Lopes.

S8, S2, S3, S5, S7, S8, S11, S3: Marcelo Lopes

MV: Todo mundo no Marcelo Lopes? (risos pela sala)

S11: Aham

MV: E vocês, quando vocês querem saber informações sobre Cataguases, onde vocês buscam informação?

C5: No site do Marcelo Lopes.

¹⁵ O site pode ser acessado no link <www.marcelolopes.jor.br>.

C4: No site.
C11: No site dele.
C2: Também.
C3: É
MV: Mais alguém no Marcelo Lopes? (Os outros sinalizam que sim)
C3: É o mais completo, mais completo que redes sociais.
MV: Por quê?
C3: É um site que só foca em Cataguases.
C12: Tá sempre atualizado.
C13: Antes de acontecer, ele já tá lá (risos na sala). Já tá sabendo o que tá acontecendo.
C5: A reportagem saiu agora, já tá no site dele.

É possível reconhecer, no trecho anterior, a predominância de uma noção acerca do jornalismo praticado na internet: o imediatismo. Substituindo o rádio, que até então era a mídia capaz de agir com maior velocidade em nome da informação, os jovens sinalizam para a sensação de completude que o site lhes transmite, e num curto espaço de tempo. A instantaneidade é atingida graças à internet, que se configura numa dinâmica de atualizações constantes e frequentes, num ciclo de reconstrução da notícia a partir da chegada de novos dados.

Além disso, o interesse pelo site é evidente por conta do foco dado por ele ao ambiente local (como destacou C3, “é um site que só foca em Cataguases”). Apesar da afirmação do estudante, há espaço destinado à divulgação de acontecimentos da região, do estado, do país e do mundo – separados por abas específicas. De certa forma, portanto, o aluno demonstrou não conhecer plenamente a área de abrangência do jornalístico produzido por Marcelo Lopes, o que enfatiza a ideia de que o referido estudante tem interesse apenas em obter no site informações de caráter local, não se voltando para a leitura de reportagens dedicadas a outras regiões. Entretanto, o espaço reservado a Cataguases é significativamente superior às outras categorias (há uma aba específica apenas para a cidade). Dessa forma, o município é sempre pautado nas reportagens publicadas pelo site, o que cria um forte laço de identificação com a comunidade cataguasense e reforça a sensação já destacada pelo estudante de que há um expressivo espaço dedicado a Cataguases.



Figura 2. Página inicial do site do Marcelo Lopes, de Cataguases

As respostas que levaram ao apontamento do site do jornalista de Cataguases como o mais visitado pelos jovens nos permite, portanto, obter outro tipo de ponderação: a necessidade de se conhecer o que acontece em nível local. Seguindo as premissas do jornalismo local (COUTINHO, 2008), o que os cidadãos buscam são formas de se reconhecerem diante dos fatos, devido à proximidade que mantêm com a região em que ocorrem as referidas notícias. Os alunos percebem o site do Marcelo Lopes como uma maneira de se enxergarem e se informarem sobre sua própria realidade. Assim sendo, fica nítida a importância que tem a proximidade dos fatos como critério motivador de seleção de notícias a serem lidas.

Tendo delineado tal panorama acerca da relação entre mídias e juventude, julgamos pertinente nos determos em um item específico para entendermos a visão desses jovens sobre o jornalismo praticado em TV, uma vez que nosso objeto de pesquisa pertence a esta área. Assim sendo, a seguir propomos uma apresentação das opiniões e ideias defendidas pelos jovens no que se refere ao telejornalismo brasileiro.

3.6 Juventude e telejornalismo

A predominância de citações que o telejornalismo recebeu ao longo da pesquisa nos levou à necessidade de destacá-lo em um item particular. Primeiramente, salientamos que a noção de se assistir a telejornais vem atrelada, na visão dos jovens, a um conceito básico do jornalismo em geral: transmissão de informações. Dessa forma, quando perguntados sobre a razão pela qual assistiam a telejornais, as respostas seguiram o seguinte padrão:

S8: Pra ficar atualizado nas notícias.

S12: Pra saber o que tá acontecendo no mundo.

S7: Ah, eu prefiro ver mais essa parte de esporte, igual o S15 falou. Pra ficar por dentro dos esportes.

Mesmo quando se faz referência aos esportes, o que se busca diante de tal programa é a informação detalhada e a sensação de “ficar por dentro” do contexto em questão, o que apenas reitera o teor de profundidade e completude que as atrações jornalísticas televisivas transmitem a esse público.

Em compensação, ao tratarmos dos diferentes telejornais exibidos pelas emissoras do Brasil, foi possível notar uma discrepância de opiniões. Determinados jovens se identificam com jornais ditos tradicionais – como *Jornal Nacional*. Para justificar tal escolha, alegam que a atração da Rede Globo apresenta “Melhor qualidade, as reportagens são bem melhores”. A nosso ver, a expressão “melhor qualidade” estaria vinculada à ideia de qualidade técnica, devido aos investimentos em tecnologia feitos pela Rede Globo e que lhe diferenciam das demais emissoras. Em outro caminho, a mesma expressão também remeteria ao chamado “padrão Globo de qualidade”, tão difundido ao longo dos anos e já interiorizado pela audiência.

Por outro lado, há aqueles estudantes que preferem os telejornais ditos policiaiscos ou sensacionalistas – como *Cidade Alerta*¹⁶, da TV Record. Ao defenderem seus pontos de vista, revelam que o referido telejornal lhes confere a noção de que as notícias foram vasculhadas completamente, com riqueza de detalhes, inclusive pelo tempo de duração do programa (cerca de três horas e vinte minutos diários), o que permite à atração exibir todos os pormenores envolvidos nos casos que são levados até a TV:

¹⁶ Há outros telejornais de caráter policiaiscos na televisão brasileira nos dias atuais. Dentre eles, destaca-se o *Brasil Urgente*, atração comandada por José Luis Datena, na TV Bandeirantes. Esse tipo de produto é considerado herdeiro direto do telejornal *Aqui Agora* (SBT), já extinto.

C7: [...] o *Cidade Alerta*, nossa, a gente vê e com certeza a gente fica informado. Tipo o caso Joaquim¹⁷, é totalmente diferente da Globo, eu acho.
C4: É mais detalhado.
C7: Vê *Jornal Nacional* e vê *Cidade Alerta*, entendeu?
C11: Eles interagem mais com o conteúdo, parece.

Assim sendo, além de preconizarem opiniões acerca dos telejornais, os jovens também demonstram claramente a representação que têm da prática telejornalística e das próprias emissoras de TV. Demonstraram opiniões que se caracterizam como reflexo de convenções sociais prescritas coletivamente (MOSCOVICI, 2011). Assim, para os defensores desse tipo de produto televisivo, a representação de um bom jornalismo está ligada diretamente à noção de tempo disponível para se dedicar às notícias.

Nesse sentido, ao reconhecerem um produto jornalístico e lhe dotarem de características que o valorizem, os jovens se valem claramente da concepção de identidade e diferença, preconizada por Woodward (2000). Posicionar-se favoravelmente a um telejornal, apontando-lhe elementos positivos, ao mesmo tempo em que se refutam características vistas em outros tipos de telejornais, sinaliza para um processo de identificação e diferença. A fala de C7 deixa bem nítida tal conceituação (“Vê *Jornal Nacional* e vê *Cidade Alerta*, entendeu?”), tendo em vista a oposição conceitual que se deseja transmitir com relação aos dois telejornais. No trecho a seguir são identificadas passagens que reforçam essa oposição entre as referidas atrações:

C5: Mas o *Cidade Alerta* é muito chato, porque fica todo dia a mesma coisa, que nem o caso Joaquim, todo dia aquilo.
C4: Mas o *Cidade Alerta* é mais investigativo, mais policial mesmo. Por isso ficam amassando o assunto dia e noite, noite e dia. O *Jornal Nacional* não, ele dá – (alguém o interrompe)
C5: Só uma passada...
C4: Exatamente. Ele pega notícia de China, notícia do mundo todo, bolsa de Valores, blá blá blá, sei lá o quê.
C3: Eles não têm muito tempo pra passar.
[...]
C3: Então, tem várias matérias num jornal só [numa edição do *Jornal Nacional*], só que eles não vão muito a fundo na matéria.
C11: Mas o bom é que depois você pode procurar na internet.
C5: Mas igual o *Cidade Alerta*, fica só naquilo, é morte todo dia. Pelo amor de Deus, só tem desgraça naquilo.
C4: Nossa, me faz mal.

¹⁷ O caso Joaquim se refere ao menino Joaquim Ponte Marques, de 3 anos, morto em Ribeirão Preto e encontrado no Rio Pardo, em Barretos (2013).

Com as explanações destacadas anteriormente, percebe-se que os jovens possuem um nível de compreensão relativo à dinâmica de funcionamento de um telejornal (pensando em termos de tempo dedicado a cada notícia e a variedade de pautas que geralmente se nota nos telejornais), além da compreensão de que o fenômeno da convergência pode ser um facilitador no processo de integração entre mídias digitais e televisão. Apesar de ser um procedimento historicamente recente, as novas tecnologias já vem sendo incorporadas à rotina televisiva – seja pelo âmbito da produção, seja pelo âmbito da audiência. Dessa maneira, conforme pontuou Cannito (2010), as incertezas do processo não anulam a potencialidade da TV nos dias atuais. Ao contrário, somam-se vantagens no que diz respeito ao conteúdo transmitido para a audiência.

Vale pontuar também a imagem pejorativa que telejornais policiaiscos possuem diante de uma parcela dos alunos ouvidos. Como salientado nas falas anteriores, alguns estudantes alegam não gostar do formato apresentado nesse tipo de atração, uma vez que prezam por assuntos fortes – como assaltos e mortes. Como afirma Roxo (2010), é essa a prática do chamado jornalismo cão, tão disseminada desde os tempos do extinto *Aqui Agora*, do SBT, em que o apelo por audiência leva à exibição de crimes e assaltos em tempo real, ataques a cidadãos comuns, etc. Ao destacarem características negativas de um telejornal, opondo-o a outros telejornalísticos, os jovens claramente fazem uso da dicotomia identidade e diferença, em que um determinado modelo é assumido como padrão e qualquer produto que não se encaixe em tais moldes é julgado como desviante. Dessa forma, cada parcela dos estudantes faz suas escolhas e assume uma identidade específica em se tratando de telejornais. De um lado, os produtos tradicionais (como *Jornal Nacional*); de outro, os policiaiscos (como *Cidade Alerta*). É assim que, discursivamente, podemos notar a construção de identidades. Aquilo que não se alia ao que cada grupo assume como a identidade válida para o telejornalismo é considerado diferente, excluído, apresentado como um formato equivocado.

Por fim, ressaltamos outro formato televisivo que ganhou destaque na fala dos estudantes: a revista eletrônica. Numa referência clara ao dominical *Fantástico*, alguns alunos demonstraram identificação com o produto e o defenderam, apontando para a variedade de temas sem apelo ao grotesco que o formato apresenta:

C2: Eu gosto de ver *Fantástico*.

MV: Por quê?

C2: Tipo assim, tem umas entrevistas que você começa a ver e que não passa em qualquer jornal.

C9: Tem muita coisa interessante. Não é só aquilo de ou assassinato ou morte ou destruição ou coisa assim.
C2: Ele não fica numa coisa só.
C5: É mais informação.
C9: Pra mim, é um dos melhores.
C2: Um dos melhores jornais que têm.

Em outra vertente, quando caminhamos para o telejornalismo regional, notou-se pouco interesse dos estudantes por este tipo de produto. Apenas na escola particular, um estudante disse assistir ao *MGTV* com regularidade, e outro afirmou acompanhar a atração algumas vezes. A maioria dos estudantes afirmou não contar com o sinal da TV Integração em casa, o que dificulta o contato com o telejornal *MGTV*. No item a seguir, discutimos a percepção dos jovens sobre o conteúdo referente a Cataguases, exibido no telejornal da TV Integração de Juiz de Fora, bem como as adjetivações que eles conferem à cidade.

3.7 A representação de Cataguases na tela da TV regional

Como a maior parte dos estudantes afirmou não ter contato frequente com o telejornal *MGTV*, a dinâmica adotada nos grupos focais se mostrou pertinente para a ocasião. Assim sendo, após a etapa de apresentação dos alunos e do pesquisador, exibimos as reportagens (com as quais eles não tiveram contato prévio) e, ao final de cada uma delas, iniciamos uma discussão sobre a temática trazida pela referida matéria.

De modo geral, segundo a visão dos estudantes consultados, a representação que se constrói de Cataguases no telejornalismo regional remete a uma cidade com demasiados problemas de ordem social, econômica, política e de infraestrutura. Na opinião deles, a cidade somente adquire espaço na mídia quando se vê atingida por catástrofes de grande proporção:

C10: Vai falar de Cataguases no jornal, você já espera o pior.
C9: Ou é acidente, ou é catástrofe. Igual teve a enchente.
C5: Enchente, aí Cataguases aparece na televisão.
C4: Ou é trabalho da prefeitura.
C5: Nossa, Cataguases apareceu na televisão! Mas apareceu por uma tragédia, não apareceu por uma coisa boa. O povo teria que se orgulhar se fosse aparecer por uma coisa boa.

S7: Na verdade, é isso aí né. Custa a passar reportagem de Cataguases, e quando passa, é pra mostrar as coisas que estão estragadas.
S2: É bom mostrar pro pessoal tomar uma atitude.
S8: Igual ele falou: é pra alertar mesmo e mostrar a situação que tá o cinema, o que aconteceu pra ele ser fechado, ser interditado.

A afirmação de C5, no trecho anterior, torna nítido o anseio dos jovens em ver a cidade sendo representada de uma forma positiva, ressaltando elementos benéficos de Cataguases, e não apenas as intempéries enfrentadas constantemente. Porém, os jovens só são capazes de apontar elementos negativos sobre a imagem da cidade porque já ouviram ou viram, em momentos anteriores, essas imagens sendo transmitidas a eles. Ou seja, tais qualificações se coadunam com representações socialmente difundidas e compartilhadas pela população local. Há, portanto, uma memória discursiva em relação aos aspectos pejorativos conhecidos pelos jovens da cidade. Nesse sentido, existe uma identidade cataguasense atrelada ao conceito de catástrofes naturais, compartilhada por grande parcela dos moradores da cidade. Com relação às enchentes, citadas pelos alunos, tal saber não se configura apenas como uma representação difundida por gerações mais velhas, mas diz respeito a situações da história local vivida por esses jovens, que presenciaram tais acontecimentos recentes, ocorridos num curto intervalo de tempo (visto que, dentre as três maiores enchentes sofridas na cidade, duas delas aconteceram em 2008 e 2012. A outra grande cheia ocorreu em 1979).

Apesar dessa imagem focada em elementos pejorativos, ainda assim a população se orgulha ao ver a cidade surgindo na tela da TV – segundo afirma C5. Tal condição nos leva a crer que a população busca se ver na emissora regional, mesmo quando o assunto não remeta a questões claramente favoráveis à imagem da cidade. É o que Bazi (2001) diz sobre o interesse eminente da população em se enxergar nas TVs regionais, apesar delas não dedicarem tempo significativo para a maior parte das cidades de uma determinada área geográfica.

Nessa lógica, ao pontuarem aspectos relativos a Cataguases, os jovens alicerçam suas afirmativas em adjetivações de caráter negativo, valendo-se de palavras como “pior”, “tragédias”, “acidente”, “catástrofe”, “estragadas” e “enchente”, por exemplo, que confirmam uma representação desfavorável à cidade. Entretanto, ao evidenciar as mazelas que a cidade possui, a TV regional seria responsável por contribuir para a fiscalização da ordem – o jornalismo como fiscal do poder público – e o despertar para a necessidade de obras e reparos em monumentos locais (no caso, a necessidade de se restaurar o cinema local, como citado por S8). Assim, mesmo não dedicando uma parcela significativa de tempo para a cidade, o jovem da rede particular (S8) identifica na TV Integração um modelo de emissora que cumpre uma função social: a de alertar a população quanto aos problemas de ordem pública para que possam ser solucionados.

Em outra vertente, analisando o papel cultural da cidade e a importância que o cinema tem para a história local, os jovens demonstram indignação com a situação do único cinema do município, mostrado em uma das reportagens (ver apêndice F):

S1: Igual o S8 falou, [a reportagem] mostra o patrimônio público, mas mostra o descaso com ele. É [uma imagem] positiva e negativa [da cidade].

[...]

S10: Na verdade, [uma imagem] negativa. Desvalorizar um patrimônio é como você jogar aquilo que você acredita no lixo. Você batalhou por um lixo.

[...]

S5: Ah, positiva por mostrar o lado cultural da cidade, mostrando as características; e negativa pelo descaso que tem com o patrimônio da cidade.

S4: Eu acho que, exatamente por mostrar o lado cultural, fica pior ainda. Porque aí, mesmo sabendo a importância que tem, ainda tá daquele jeito.

O excerto anterior deixa clara a indignação dos estudantes da rede privada com a atual situação do cinema. Demonstram revolta ao ver o descaso com que um bem cultural é tratado. Essa sensação de revolta se consolida entre os jovens porque nutrem o desejo de não deixar uma representação tão fortemente característica da cidade ser deteriorada com o tempo. Como conhecem o passado cinematográfico local, sentem-se afetados quando não há movimentação por parte das autoridades públicas no intuito de conservar e reparar os problemas do prédio e, conseqüentemente, manter viva a imagem gloriosa do cinema. Assim, sentem-se como se estivessem perdendo um pouco da tradição com a qual coadunam – a tradição historicamente construída, ligada ao auge da produção cinematográfica de Cataguases.

Também na escola pública, enquanto a reportagem era exibida no grupo focal, os jovens esboçaram reações de revolta com a condição do Cine Edgard (nome do cinema de Cataguases). Ao ouvirem a jornalista afirmar que a cidade possui apenas um cinema, alguns jovens lançaram frases exclamativas, como “C5: Que absurdo!” e “C9: Que vergonha!”, corroborando com o sentimento de indignação, também expresso pelos alunos do grupo focal da rede privada de ensino. Entretanto, boa parte dos alunos da rede pública alegou desconhecer detalhes sobre a história do cinema local, principalmente a relação de Humberto Mauro com a evolução cinematográfica cataguasense. Quando perguntados se conheciam o famoso cineasta, diversos alunos deram respostas como “C3: Não conheço.” e “C4: Muito por alto né.”. Apenas um aluno afirmou conhecer brevemente a história de Mauro, porém sem se ater a detalhes sobre a vida e obra do cineasta (“C9: Ele foi um dos maiores cineastas brasileiros, esses troços assim.”). Essa postura se mostrou contrária ao que se viu entre os alunos da rede privada, que já detinham informações sobre a história cultural da cidade.

Desse modo, a indignação que encontra lugar entre os alunos da rede pública está diretamente vinculada à quantidade de salas de cinema disponíveis na cidade (pois se revoltaram com o fato da jornalista afirmar que a cidade só possui um cinema), e não uma revolta por conta do descaso com um bem público, símbolo da história local – já que desconhecem fatos marcantes desta história.

Ao assumirem desconhecimento sobre fatos da história cataguasense – como a vida e obra de Humberto Mauro – os alunos da escola pública comprovam que não estão inseridos num ciclo que perpetua pela cidade a representação de uma Cataguases atrelada ao cinema, lugar que serviu de berço para esta arte no país. Apesar do imenso interesse das elites locais em manter viva a representação de uma cidade culturalmente forte, uma parcela significativa não tem acesso a tais informações. É interessante notar também que, mesmo divulgada nas mídias (como na TV, que auxilia nesse processo de manutenção das tradições de um determinado lugar), a história local não pode ser apreendida por todos da cidade, uma vez que muitos não possuem os conhecimentos prévios necessários, ou seja, a familiarização com o assunto (MOSCOVICI, 2011), para se reconhecerem no material divulgado.

Ainda com relação ao conhecimento da história local, percebemos outro item de discrepância entre os jovens consultados: o projeto *Fábrica do Futuro* (ver apêndice G), citado em uma das reportagens do *MGTV*, é amplamente conhecido pelos alunos da rede privada, ao contrário dos estudantes da rede pública, que desconheciam totalmente a iniciativa cultural da cidade. Assim sendo, a reportagem referente ao projeto cinematográfico apresentou para os alunos da rede pública a representação de uma Cataguases não condizente com a Cataguases que eles conhecem – a Cataguases que lhes é familiar (MOSCOVICI, 2011). A fala de C4 é a que melhor exemplifica essa relação entre a realidade de tais jovens e o projeto do qual eles não tinham informações: “C4: [a reportagem apresenta] uma realidade que eu não conhecia. Se alguém me falasse disso, eu falaria que era mentira. Não falaria que era mentira, falaria que eu desconheço totalmente”. Dessa forma, a matéria levou a eles uma série de dados de caráter não-familiar (MOSCOVICI, 2011), até então desconhecidos, que lhes causaram estranheza.

Apesar de não conhecerem o projeto, a *Fábrica do Futuro* é apresentada como um fator extremamente favorável à imagem da cidade, na opinião dos alunos da rede pública. Ao ver a matéria, C2 faz a seguinte afirmação: “Coisa ruim todo mundo sabe né, mas coisa boa ninguém conhece”. Com essa afirmativa, C2 esclarece que a representação de Cataguases que prevalece entre os membros do grupo é a de um lugar com inúmeros problemas sociais,

enquanto os elementos positivos são apagados e pouco difundidos (ou ainda, difundidos, mas de modo seletivo, não chegando a atingir a totalidade dos bairros e classes sociais presentes na cidade). Os jovens da rede pública se mostraram entusiasmados com a novidade (“C4: Todo mundo gostaria de contar uma novidade dessas de Cataguases, com certeza.”), apesar de não se verem representados no conteúdo exibido. A surpresa com o projeto os fez refletir sobre os aspectos benéficos encontrados na cidade. Apesar disso, foram capazes de pontuar elementos que indicam o teor não apenas positivo da reportagem, visto que o projeto abarca jovens estrangeiros para uma espécie de estágio e não pareceu dar espaço aos jovens locais:

C4: Se for ver bem assim mesmo, não é bem negativo, mas em vez do carinho lá da África ter vindo, poderia ter sido um habitante da cidade. Eu não vi habitantes da cidade no projeto.

C3: Mas você tem interesse nisso?

C4: Eu, por exemplo, teria, se eu soubesse do projeto.

C10: Pra mim é negativo porque não tem gente da cidade.

C5: Se o projeto fosse mais divulgado, talvez fosse mais habitantes daqui trabalhando nele do que gente de fora vindo pra cá. Pode ver, ninguém sabe desse projeto.

C9: É. Quase ninguém sabia.

Com relação ao fragmento anterior, podemos perceber uma discrepância existente entre a representação de Cataguases como uma cidade vinculada ao cinema e, de fato, quem possui conhecimentos suficientes para reconhecer tal identidade local. Tradicionalmente, pensa-se na cidade como o celeiro do cinema brasileiro, contudo nem todos têm acesso a esse saber. Instituições e organizações financeiras da cidade (incluindo a própria *Fábrica do Futuro*, que está vinculada a grupos de poder dentro de Cataguases) buscam reforçar tal imagem, valendo-se das mídias locais e regionais para manter essa representação construída ao longo do tempo. Apesar de tais iniciativas, não há correspondência por parte de uma parcela da população, que não se reconhece em tal representação de Cataguases, visto que se configura como uma realidade diametralmente oposta à vivenciada por muitos moradores locais. Novamente, o que se nota é a oposição clara entre a representação de uma cidade tradicionalmente ligada à cultura, mas que não encontra acolhida em diversos segmentos da sociedade cataguasense (como se destaca na fala dos jovens, por não se verem incluídos nos projetos de cinema local). Pode-se dizer que, tal como afirma Woodward (2000), há uma criação discursiva dos conceitos de identidade e diferença dentre os moradores da cidade: os alunos da escola particular coadunam com a representação dominante (a identidade socialmente estabelecida e difundida), enquanto os da escola pública não detêm saberes

específicos sobre tal representação e, por isso, são marcados como diferentes e, conseqüentemente, marginalizados do processo de manutenção das tradições locais.

Em síntese, a conotação que os jovens da escola pública apreendem do telejornal *MGTV*, a partir do que é veiculado sobre Cataguases, confere à cidade uma representação depreciativa. Tal representação, porém, somente se consolida por conta da própria realidade vivida por esses jovens. Ou seja, convivem rotineiramente com problemas de ordem estrutural em seus bairros e, assim, generalizam a imagem que possuem da cidade – como se todos os outros bairros também enfrentassem as mesmas dificuldades. Para eles, o fato de Cataguases ser “muito ruim” está atrelado à noção de que falta segurança, cultura e lazer no local. As frases a seguir sustentam tais ponderações:

C3: Ou, Cataguases é muito ruim, *vêi*. (Risos na sala)

MV: Por que Cataguases é ruim?

C3: Criminalidade, não tem um cinema, um lugar de lazer pra você [...]

C4: Nossa, imagina só uma pessoa que tava pensando em passar, sei lá, o fim de semana em Cataguases. Aí, tipo assim, faz um plano uma com a outra: “Ah, gente, vamos lá em Cataguases, deve ter um monte de coisa pra fazer” (C4 ri enquanto fala). Vai assistir um negócio desses aí, não tem nada.

C10: Não tem polícia, não tem nada.

C9: O cinema brasileiro meio que surgiu aqui. Ah, *pô*, o negócio onde surgiu o cinema, vamos lá, e chega aqui o cinema não funciona.

C2: E não tem nenhum lado positivo. Porque se tivesse um lado positivo, ainda teria reformado. Tá desde abril.

Cataguases ainda é retratada, na visão dos estudantes da escola pública, oriundos de bairros periféricos, como uma cidade que vem perdendo a essência interiorana, que lhe caracterizou por muito tempo. A noção de pertença a uma comunidade, o vínculo afetivo e a integração coletiva foram substituídas pelos avanços em termos econômicos. A substituição dos valores atrelados à comunidade, à familiaridade, deu lugar à instabilidade da vida moderna, marcada por mudanças repentinas e pela insegurança. A noção de comunidade vem abarcada pela ideia de segurança e estabilidade nas relações, como “um lugar confortável e aconchegante” (BAUMAN, 2003, p. 7), no qual nos reconhecemos uns aos outros, havendo compartilhamento de identidades e saberes. “Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós” (BAUMAN, 2003, p. 8). Todos esses fatores dotam os indivíduos de tranquilidade e estabilidade.

Quando há alterações nessa dinâmica, sentimos a perda da segurança que, até então, nos orientava. Perdemos o conforto de nos reconhecermos diante de qualquer vizinho, diante de qualquer cidadão que passe ao nosso lado. Nesse momento, deixamos de nos configurar como um grupo no qual seus membros se reconhecem perfeitamente. Assim, parte-se para a concepção de sociedade, um espaço no qual vivenciamos as diferenças e estamos sujeitos a inúmeras instabilidades. Porém, na sociedade, as diferenças podem produzir benefícios ao grupo como um todo. Mesmo com a perda das características comunitárias, uma cidade pode se beneficiar das mudanças ocorridas em sua organização. A fala de C4 deixa evidente tal raciocínio, ao afirmar que a chegada de lojas e empresas é algo que valoriza o “centro” – um espaço da sociedade local do qual os estudantes da periferia não fazem parte:

C4: Pelo menos na minha opinião: Cataguases, quando eu tinha uns sete anos, oito anos, você conhecia cada pessoa de cada bairro, você tinha aquela integração, hoje não. Hoje os bairros tão crescendo. Já foi o tempo que Cataguases era segura. Tá vindo um monte de loja, de carro, supermercado pra cidade. Então, tipo assim, agora você passa perto das pessoas que eram conhecidos seus, você passa no seu bairro e não conversa porque já não tem ninguém, não tem integração com os vizinhos.

MV: Você falou que tá vindo um monte de loja pra cidade, isso não é positivo pra cidade?

C4: Não, isso é positivo sim pra cidade. Mas, tipo, tira aquela parte de cidade simples, sabe, que antes era assim. Mas pra parte de centro, é ótimo porque engrandece a cidade.

Quando a temática abordada na discussão em grupo foi a criminalidade, por conta do conteúdo exibido na reportagem “PM registra queda no número de furtos a residência em Cataguases ” (ver apêndice E), os alunos não tiveram opiniões uniformes, principalmente se considerarmos os grupos isoladamente. Enquanto na rede privada, a representação de Cataguases, no âmbito da criminalidade, não se configurava como algo fora dos padrões, uma anormalidade, na escola pública os estudantes viam com pessimismo tal realidade. Essa distinção de opiniões pode ser levantada por conta das próprias diferenças econômicas e geográficas dos grupos. Para os alunos da escola particular, a criminalidade não está fortemente atrelada ao seu dia a dia, principalmente se considerarmos que a maior parte deles não vive em bairros periféricos, julgados como perigosos. Assim, apenas tomam conhecimento da violência ocorrida em outras partes da cidade, sem vivenciá-la de maneira próxima.

Já para os estudantes da escola pública, os crimes são vistos com maior frequência e regularidade em seus locais de moradia, uma vez que residem em regiões marcadas por

elevados índices de violência. Dessa forma, para os alunos do Colégio Soberano, a criminalidade é tida como um elemento comum a qualquer lugar, independentemente da cidade, típico das periferias. Para os alunos da escola Clóvis Salgado, crime é uma realidade extremamente próxima, como parte integrante da própria representação que eles estabelecem de Cataguases:

S8: Tipo assim, no início da reportagem fala que, nos últimos anos, Cataguases tava tendo muitos furtos em casas, e depois a chamada da reportagem falou que diminuiu, é uma coisa positiva. E com o trabalho da polícia, como a polícia testemunhou, mostrou que caiu 35% os furtos a lares. Então isso é uma coisa positiva para a cidade, porque mostra que a polícia tá trabalhando.

C9: Ah, eles estão querendo melhorar, e isso é um lado positivo, mas saber que isso ainda acontece e não vai simplesmente acabar do nada, é meio *foda*, é meio complicado.

Na tentativa de igualar a condição de Cataguases a outras cidades, S2 reforça a opinião já expressa pelo grupo de estudantes da rede privada e enfatiza que o problema da criminalidade não deve receber tanto destaque na representação da cidade, visto que furtos e crimes em geral, segundo ele, “toda cidade tem”. Para os jovens da rede privada, Cataguases não apresenta uma realidade tão negativa quanto à retratada nas falas dos jovens da rede pública. Para os primeiros, a representação que se estabelece da cidade é de um lugar que luta para resolver seus problemas de ordem estrutural. Para os segundos, Cataguases vivencia uma série de crimes e esse quadro não dá sinais de alteração a curto prazo. Se para os alunos da rede privada, a imagem que se transmite é de que os problemas relativos à criminalidade estão diminuindo, na escola pública o que se percebe são alunos temerosos com a manutenção dos crimes, mesmo com as tentativas de melhoria. Possivelmente por conta da realidade dicotômica existente entre os dois grupos, se pensarmos em termos geográficos, essas ideias são mantidas e difundidas por eles. O centro (escola particular) é visualizado como um lugar de maior segurança, de combate ao crime, enquanto a periferia (escola pública) é o lugar de perpetuação de crimes, onde a força policial, mesmo investindo, não consegue facilmente alterar a realidade de ataques.

Em síntese, é apresentada uma mesma cidade aos dois grupos de jovens, mas a representação que cada grupo tem de Cataguases difere por motivos que, possivelmente, vão das questões econômicas até as geográficas. Assim, não podemos afirmar que a identidade cataguasense é a mesma para qualquer jovem nascido ou residente no local. Na rede privada

de ensino, os alunos foram, em certa medida, mais entusiastas e se mostraram defensores das tradicionais representações que se tem da cidade – como mostra a fala de S8: “No geral, [Cataguases é] uma cidade criativa. Muitas ideias, muitas coisas novas. Um espaço cultural”. Em outro instante, S13 destaca que “Cataguases é uma cidade que tem muita história”. Em outro momento, um dos jovens (S8) enfatiza o passado glorioso da cidade e, por isso, o que o telejornal regional faz é ressaltar “ainda mais o celeiro cultural que Cataguases é. Influência aqui na região.” Com esta fala, pode-se perceber a relevância que o passado da cidade tem para a construção de uma representação coletiva do local. Já para S1, o que sintetiza a essência de Cataguases é o fato de ser uma cidade que está “tentando tanto combater os furtos como reabrir o cinema”. Todas essas qualificações só puderam ser feitas pelos jovens porque eles compartilham de uma série de informações e saberes relativos ao passado e à história da cidade (algo não notado entre os estudantes da escola pública, que desconhecem, por exemplo, a história de Humberto Mauro, como já destacamos).

Além disso, a cidade ainda é caracterizada como um ambiente pacato pelos jovens da escola particular, o que conota ao lugar uma série de valores favoráveis à sua imagem e se diferencia da noção atribuída pelos estudantes da escola pública de que o local tem perdido características típicas de cidade interiorana (comunitária):

S6: Dependendo da área, é positiva. Igual, pra trabalhar, o pessoal sempre sai daqui e vai trabalhar fora: Macaé e pra outros lugares. Essa área aqui não é muito boa. Mas, igual, a população daqui de Cataguases é uma população tranquila. Igual tá acontecendo esses roubos aí, mas é coisa que acontece em toda cidade.

S5: Tem pessoas que gostam de uma cidade mais agitada. Aqui é uma cidade mais calma.

S8: Ela tá crescendo, mas ela mantém as tradições de cidade do interior.

Por fim, é possível destacar no excerto anterior a predominância de uma visão favorável ao cataguasense, de maneira geral. Ao ressaltar que “a população daqui de Cataguases é uma população tranquila”, representa-se uma cidade habitada por indivíduos pacatos e ordeiros. As caracterizações dos alunos da rede privada perpassam por uma representação da cidade como um ambiente, até certo ponto, harmônico e bom para se viver.

Já os alunos da escola pública são enfáticos ao caracterizar Cataguases num tom pessimista, sem qualificadores de sentido positivo. Quando perguntados qual a representação que eles viam ser destacada no telejornal com relação à cidade, as palavras que surgiram tinham conotação negativa, como mostrado no trecho abaixo:

C2: Sem graça.

C3: Sem graça também.

C10: Ah, acho muito chato.

C6: Monótona.

C4: Pelas reportagens, eu falaria [que Cataguases é] perigosa e sem cultura.

Os atributos dados a Cataguases no excerto anterior confirmam que, de fato, se difunde no telejornalismo regional valores e conceitos relativos à cidade que não fazem parte do leque de conhecimento dos estudantes da escola pública. Assim sendo, representa-se uma identidade cataguasense com a qual eles não mantêm laços de proximidade e reconhecimento. Por esta razão, as qualificações dadas por eles são carregadas de tons negativos, já que a realidade que vivenciam não está voltada para a gloriosa tradição local e sim para problemas de ordem prática – como os crimes e a falta de atrativos culturais. São, portanto, jovens que não se reconhecem no conteúdo do telejornal porque não possuem informações suficientes sobre a realidade transmitida na TV.

Ainda tendo em vista as opiniões dos estudantes da escola estadual, percebemos que suas falas são permeadas por alguns instantes de instabilidade com relação ao sentimento que nutrem pelo local onde vivem. Afirmando não querer “desdenhar” da cidade, em uma de suas falas, C4 destaca que o atrativo para mantê-los em Cataguases é o vínculo afetivo – com familiares e amigos: “Eu acho, tipo assim, todo mundo vai concordar comigo. Não é desdenhando da cidade. Por exemplo, eu gosto de morar aqui, mas gosto de morar aqui pela minha família, pelos amigos que a gente tem, mas culturalmente é muito ruim, é muito pobre a cultura, sabe [...].”

Com essa afirmação, C4 sinaliza para um grande paradoxo presente em Cataguases: na cidade considerada o berço do cinema brasileiro, com projetos voltados para a ativação de um polo cinematográfico, composta por inúmeras obras arquitetônicas modernistas de extremo valor cultural e um passado literário expressivo, há quem afirme não existir opções culturais no local. Tal afirmativa somente faz sentido quando pensada em termos de representações. Todos esses bens culturais são fortemente difundidos pelas elites locais, mas não são difundidos de modo unânime. Ou seja, difunde-se uma representação padronizada entre grupos dominantes na cidade, enquanto outra parcela permanece alheia a tais saberes. Podemos, dessa forma, afirmar que a cultura cataguasense, uma das principais identidades locais, serve para a manutenção dos eixos econômicos e não para o enriquecimento intelectual das periferias. Por esta razão, encontramos jovens de bairros afastados do centro que não têm o mínimo de conhecimento sobre o tão celebrado passado de Cataguases.

Dando prosseguimento aos qualificadores empregados pelos membros do grupo na escola estadual, notamos que os alunos não nutrem interesse em se ver representados na tela do telejornal. Questionados sobre a possibilidade de terem o bairro onde residem apresentado na TV, os jovens disseram sentir vergonha da realidade que os cerca e não se sentiriam bem ao ver na televisão os problemas de seus respectivos bairros mostrados para toda a região:

MV: Vocês sentem falta de ver o bairro de vocês no jornal?

C4: Eu teria vergonha. (Muitos risos na sala)

C10: Eu também.

MV: Por quê?

C4: Não gostaria mesmo. Tá ótimo do jeito que tá. É igual, teve a reforma dos bairros e tal. Pra subir no Marote¹⁸, chovia, era triste pra descer e pra subir. Aí asfaltou... Aleluia! Glória a Deus! Só que aí depois abriram uma cratera de fora a fora em todos os asfaltos pra colocar manilha [...] Por que não “coisou” antes, as manilhas antes? Esperou fazer o asfalto, pra depois abrir, aí ficou horrível, ficou a marca.

[...]

C5: Se for pra mostrar roubo, então não. (C5 ri enquanto fala). Igual, lá [no bairro de C5] o pessoal rouba galinha, entendeu? (Risos pela sala).

Com as falas anteriores, corrobora-se a representação que se tem nas periferias da cidade. Enquanto o centro é alvo de reportagens que focalizam o modernismo, o cinema e toda a tradição cultural de Cataguases, a periferia é o lugar da criminalidade exacerbada, quase naturalizada pelos que a vivenciam no dia a dia. Nesse sentido, como os alunos da rede pública estão inseridos numa realidade totalmente oposta ao que se vislumbra na tela da TV (principalmente quando a pauta é o glorioso passado da cidade), preferem se manter no anonimato a serem reconhecidos pelos inúmeros problemas típicos das localidades onde moram. Por isso, em termos de repercussão na mídia televisiva regional, os jovens são claros ao negarem qualquer interesse de verem a exibição dos bairros periféricos na TV (“Se for pra mostrar roubo, então não”). Ao negarem a própria realidade, deixam transparecer o interesse em ver no telejornalismo regional a difusão das representações já socialmente compartilhadas pelas mídias e perpetuadas pelos grupos dominantes locais.

Após as explicações sobre a representação de Cataguases no telejornalismo regional, bem como os qualificadores empregados pelos jovens para se referir à cidade, no item a seguir voltamos nossa atenção para a representação da população cataguasense a partir do telejornal *MGTV*, da TV Integração.

¹⁸ Marote é um dos bairros de Cataguases. Localiza-se próximo ao bairro Pampulha, onde se situa a Escola Estadual Professor Clóvis Salgado.

3.8 A representação da população cataguasense no *MGTV*

Ao contrário do que se evidenciou na maior parte do item anterior, no qual os estudantes da rede pública demonstraram opiniões desfavoráveis à representação que se construiu de Cataguases nos telejornais da TV Integração, quando o foco se voltou para a população cataguasense mostrada na tela, o discurso dos alunos sofreu algumas alterações. De maneira geral, as fontes utilizadas ao longo das reportagens transmitiram a ideia de que o cataguasense é um indivíduo lutador, batalhador, em busca da conservação da ordem, dos bens públicos e da memória da cidade. Essa situação se tornou nítida por conta das falas apresentadas pelas fontes ao longo das matérias, que defendiam a preservação dos bens locais e da segurança na cidade. Demonstrando interesse em recuperar ou reativar elementos da história local, as fontes assumiram, na maioria dos casos, discursos em defesa de Cataguases. As adjetivações dadas aos cidadãos perpassaram, portanto, por uma conotação altamente positiva – seja por parte dos participantes da escola pública, seja por parte dos alunos da escola particular. Não se atendo a cada uma das fontes utilizadas nas matérias, os jovens emitiram opiniões de maneira geral, reforçando a ideia de “população”, de conjunto, membros de uma coletividade, e não como indivíduos separados. Na verdade, o que buscaram ressaltar foi o desejo coletivo de se reestruturar questões da cidade, no intuito de preservar os bens locais e a ordem.

Na reportagem sobre os problemas estruturais do cinema (ver apêndice F), por exemplo, a figura do secretário de cultura de Cataguases se sobressaiu, na visão dos estudantes, e o político é apontado como um cidadão engajado na luta pela preservação da cultura local, aliado à manutenção das representações dominantes, e consciente da importância que esses elementos da história tradicional têm para a sociedade cataguasense conhecedora desse passado (no caso, os conhecedores são os alunos da rede privada):

S3: [...] ele tá tentando ajudar, mas não depende só dele; depende da verba do governo, que não é só ele mesmo que faz acontecer. Mas pelo menos ele tá fazendo a parte dele.

S8: Igual ele falou, é positiva. Porque ele sabe a importância que o cinema tem; ele sabe e ele quer que reabra o cinema. E ele explica que não depende só dele [...]

[...]

S5: Ele tá lutando para reabrir.

Nos outros casos, os alunos fizeram apontamentos de modo mais abrangente, sem limitar suas impressões a um ou outro personagem em especial. Os estudantes da escola

pública, por exemplo, qualificaram a totalidade das fontes apresentadas nas reportagens como pessoas envolvidas na causa cultural, preocupadas com o movimento artístico e interessadas em reverter o quadro de problemas na ordem social da cidade:

C3: Eles [as fontes] gostam da cidade deles, só que não tá legal a situação. Eles tão falando que tão tentando mudar essa forma de ver.

C11: Eles tão tentando fazer alguma coisa.

C10: Sabe qual é o problema? Eles gostam, mas demora acontecer as coisas, entendeu?

No trecho anterior, ficou nítida a prevalência de uma visão positiva em relação ao cataguasense, enquanto a cidade de Cataguases permaneceu representada de maneira negativa, como um ambiente repleto de problemas. Apesar desse cenário, o cataguasense – segundo os jovens da rede estadual – prossegue na luta e se mantém na batalha por mudanças, uma vez que nutre um apreço pela cidade (“C3: Eles gostam da cidade deles”).

Já na reportagem sobre a *Fábrica do Futuro* (ver apêndice G), a representação positiva do cataguasense ficou ainda mais evidente com as adjetivações postuladas pelos jovens – principalmente da rede particular de ensino, como ressaltou S8 em uma de suas falas: “Mostra eles [os envolvidos no projeto *Fábrica do Futuro*] fazendo algo novo, como se faz”. Outro estudante (S11) ainda afirma que os animadores e responsáveis pela *Fábrica* “estão tentando reinventar uma prática na cidade”, delegando a eles uma imagem altamente positiva, de indivíduos trabalhadores, engajados em perpetuar a representação dominante que se tem da cidade. Ao falar sobre a reinvenção de uma prática, o jovem evidencia a necessidade que sente de rever o cinema em destaque no município. Dessa forma, comprova ter conhecimento sobre a história do cinema em Cataguases e transparece interesse em ver a arte reconfigurada, de modo a não deixar sucumbir a identidade cinematográfica tão arraigada entre alguns grupos locais.

Assim, tal caracterização foi dada aos animadores mostrados na reportagem, bem como os alunos da escola pública também conferiram teor positivo ao projeto (apesar de rejeitarem o fato de o projeto ceder espaço a estrangeiros, ao invés de investir em jovens locais, os estudantes da rede pública reconheceram o potencial da *Fábrica* e de seus envolvidos). Em síntese, a representação difundida do cataguasense é de um povo, na visão dos estudantes consultados, que se envolve nas causas da cidade para tentar resolver os problemas que enfrenta.

Desde os problemas da criminalidade, valendo-se da rede de vizinhos protegidos para combater os furtos (com a participação coletiva da polícia e da comunidade local – ver apêndice E), até o caso do cinema fechado e ainda sem reformas previstas, a população é, na maioria das vezes, adjetivada como batalhadora e engajada, como bem resumido na fala de S6: “[...] mesmo com os descasos que acontecem, a população vem tentando superar tudo”. Em outra passagem, o mesmo jovem pontua que “vem acontecendo um monte de coisa aí, mas sempre a população consegue sobressair ainda em tudo que acontece”, ou seja, os cidadãos sempre se destacam por sua postura engajada e comprometida com o progresso local.

Por fim, após as análises sobre a percepção dos jovens com relação a Cataguases e à população cataguasense, buscamos encerrar o capítulo com a apresentação de um item referente às opiniões que os estudantes nutrem acerca do telejornalismo regional – que foi alvo desta pesquisa.

3.9 Percepções dos jovens sobre o telejornalismo regional

O telejornalismo regional é responsável por transmitir informações sobre uma determinada área geográfica (BAZI, 2001). Muitas vezes, não é a totalidade desta área que conquista um espaço dentro das emissoras regionais, sendo reproduzidos apenas os fatos ocorridos na própria cidade sede das referidas emissoras. Dessa maneira, há uma limitação no âmbito da produção telejornalística regional, que pretende atingir uma dada porção espacial, mas, de fato, não abarca, na totalidade, uma região. Tais percepções foram sentidas pelos jovens dos grupos focais, que justificam a pouca ocorrência de Cataguases no *MGTV*, ao longo de um mês de exibição, a partir do entendimento que possuem sobre regionalismo:

C3: Tem também que o jornal é de Minas Gerais. Minas Gerais não é só Cataguases. Tem várias cidades e eles não têm muito tempo pra falar de uma cidade só. Eu acho que eles fazem o máximo possível.

C5: Igual, os jornais mostram as cidades maiores: Juiz de Fora, Belo Horizonte, entendeu? Tem tanta cidade bonita, igual Ouro Preto, Diamantina, e ninguém mostra isso, entendeu? São cidades que têm história e ninguém mostra isso.

A fala de C3 deixa transparecer que o telejornalismo regional tenta, na medida de suas possibilidades, abarcar ao máximo a região à qual se refere (“Eu acho que eles fazem o

máximo possível”), apesar dos problemas de logística para transportar equipes a cidades mais distantes da cidade-sede de uma emissora regional. Porém, ao afirmar que o jornal abrange todo o estado de Minas Gerais, demonstra não conhecer a real área de cobertura do telejornalístico estudado (no caso, o *MGTV*). Concomitantemente, a fala de C5 evidencia uma característica marcante do telejornalismo regional: a pouca abrangência às cidades que não se localizam nos limítrofes da cidade sede das emissoras regionais. Quando questionados sobre a opinião que tinham acerca do número de inserções de Cataguases na mídia televisiva regional, os estudantes, primeiramente, apresentavam visões diversas, mas, dentro do próprio contexto da conversa, chegaram a um consenso quanto ao tema, mesmo mantendo o teor de desconhecimento sobre a real área de abrangência do telejornal:

C10: Eu acho que, por ser Cataguases, é muito [o número de inserções de Cataguases na TV regional]. (Risos na sala). É verdade!

MV: Mas por quê?

C4: Eu acho que, por ser de Minas Gerais, é pouco.

C2: Nossa, olha o mapa de Minas Gerais, é enorme. Cataguases é pequenininha.

C4: Ah não, é verdade. Um mês.

Assim sendo, a representação que se constrói de uma determinada região é condicionada pelo fato de se ver nos telejornais apenas um grupo seletivo de cidades que se destacam, enquanto a maior parte delas geralmente não é citada ou só ganha espaço em boletins e notas curtas. Moscovici (2011) apontou, em suas teorias, que as representações têm a função de tornar familiar aquilo que era tido como não-familiar (ver capítulo 1). Nesse sentido, as TVs regionais e seus telejornais familiarizam para uma região os acontecimentos de uma ou outra cidade. Como evidenciado no excerto anterior, na fala de C5, outras culturas e saberes ficam deslocados e apenas a história da cidade-sede é enfatizada – como se todos da região tivessem o ensejo de consumir tal informação. Os jovens, nesse contexto, sentem falta da informação local sendo transmitida pela TV regional:

C4: É igual tem esse negócio de FestVida¹⁹, por que ninguém cobre isso, você entendeu? É um projeto cultural, é um projeto bom, nossa escola participou, quer dizer, as outras escolas também. Por que não pega uma coisa

¹⁹ O Festival de Música Estudantil de Cataguases (FestVida) é um evento que, em 2013, completou 13 edições. Realizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Festival contempla as escolas públicas e particulares de Cataguases e tem foco voltado para a produção de músicas pelos alunos, a partir de um tema específico. No último ano, o tema foi “Ecologia – o meio ambiente é de todos, mas a escolha de preservá-lo é sua”

assim? É igual quando as ruas foram asfaltadas no início, porque agora tá terrível também. Por que não cobriu também, sabe? Poderia, mas não.

C3: Ou só fala também quando vai acontecer alguma festa na cidade.

C9: E os shows eles não falam tanto. Igual quando teve aquele da praça, não divulgaram. Teve muito show bom e não divulgaram. A gente soube porque a gente foi na rua e viu o palco, aí que a gente correu atrás de ver. Tipo, não falou em lugar nenhum.

C5: A gente só fica sabendo quando vê o palco na praça.

C10: Ou alguém comenta, aí você desconfia que vai ter alguma coisa.

Na ausência de um veículo televisivo regional que represente com maior constância a cidade, os alunos encontram informações sobre o local da maneira mais corriqueira e rotineira possível: o contato interpessoal, como preconiza o modelo de comunicação de Schramm (FREIXO, 2006). É na conversa cotidiana com parentes, vizinhos, amigos e outras pessoas da cidade que os jovens apreendem informações sobre Cataguases (como destacado na afirmação de C10, “alguém comenta”, ou ainda na fala de S8 sobre a situação do cinema local, informação que ele obteve através de conversas cotidianas: “S8: Eu fiquei sabendo pelas pessoas, não vi nenhum jornal não, mas meu pai comentou comigo.”). É, portanto, a partir de um modelo de comunicação interpessoal, no qual ocorre a interação face a face e a possibilidade de *feedback*, que os jovens recebem informações sobre a cidade onde nasceram, residem ou estudam. Dessa forma, valem-se da interdependência entre emissor e receptor e da maleabilidade desses termos, tendo em vista que, a partir do momento em que há interação, resposta a uma mensagem, não se podem fixar os papéis de produtor e receptor de conteúdos, que são assumidos conforme os momentos de fala de cada indivíduo (FREIXO, 2006).

Nesse contato com o outro e com as mídias, os estudantes seguem apreendendo informações sobre Cataguases, familiarizando-se com elementos da história local, sejam eles condizentes ou não com a tão difundida representação que se construiu da cidade e vem sendo reforçada ao longo das décadas por alguns grupos da elite cataguasense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as explanações feitas ao longo deste trabalho, após percorrermos um caminho teórico que partiu do estudo das representações sociais e dos conceitos de identidade e diferença, passando, na sequência, por teorias ligadas à televisão, ao telejornalismo regional e à juventude, percebemos como é forte a presença de pares opostos na composição da sociedade cataguasense. Notamos que há uma clara dicotomia entre os dois grupos de estudantes analisados. As opiniões divergentes que enriqueceram os debates podem ter suas origens ligadas a dois aspectos: primeiramente, a questão financeira (notada na oposição escola pública x escola particular), que interfere no acesso ao saber e no conhecimento que possuem acerca da cidade. Outra dicotomia diz respeito à localização geográfica: centro x periferia. Enquanto os alunos do centro são aqueles que estudam na escola particular e até eles facilmente chega uma série de saberes, os da periferia estudam na escola pública e moram em bairros afastados da região central, ou seja, distantes do polo difusor de representações tradicionais sobre Cataguases. Dessa forma, percebemos que os jovens assumem um lugar de fala, conforme a realidade que os circunda – ou seja, suas opiniões se relacionam com as dimensões geográfica e econômica nas quais se veem inseridos.

Essas oposições podem ser apontadas como elementos que justifiquem as divergentes opiniões que os grupos apresentam sobre um mesmo material veiculado (no caso, relativo a Cataguases). Por isso, quando qualificam a representação da cidade trazida na TV, os jovens da escola pública reforçam elementos pejorativos, negativos, que não coadunam com os princípios de uma cidade “culturalmente rica”. Como não têm acesso a essa riqueza cultural, que não chega até eles na periferia, não podem se sentir “cataguasenses” quando o assunto é o histórico de glórias passadas da cidade. Já os alunos da rede privada se sentem próximos a esses feitos, pois conhecem a história de Cataguases e fazem parte do círculo que tem acesso a esse tipo de saber, a essa identidade.²⁰

Marcados pela noção de identidade e diferença (WOODWARD, 2000), constatamos que há uma série de elementos típicos da identidade cataguasense que não são de conhecimento de todos os cidadãos nascidos ou residentes na cidade. Histórias como a de

²⁰ Outros trabalhos já trouxeram para o cerne de discussão as dicotomias encontradas em Cataguases e claramente sentidas por sua população. Tais segregações, da ordem política, econômica e social, já foram alvo de pesquisas, por exemplo, na História, com Odete Valverde (“Cataguases na roda da história: memórias da minha cidade”), na literatura, com Marcos Vinicius Ferreira (“As fissuras do tecido: conservadorismo e modernização na fabricação do modernismo em Cataguases - MG”), e nos estudos organizacionais, com Wescley Xavier, em sua tese de doutorado intitulada “O eterno legado modernista de Cataguases – MG no passadismo do círculo privilegiado da cultura”.

Humberto Mauro e de todo o passado modernista que consolidou e projetou Cataguases no cenário nacional não se configuram como saberes difundidos para quaisquer classes e grupos sociais. A prova clara dessa afirmativa é o fato dos jovens da escola pública desconhecerem a identidade historicamente construída que caracteriza a cidade, enquanto se sustentam, portanto, em outras marcas que lhes são mais próximas, familiares, e estas acabam por se confirmar como a verdadeira identidade que eles conhecem da cidade. Por isso, associam à cidade a ideia de criminalidade, lugar sem espaço para lazer e culturalmente pobre. Tais ponderações mostram que existe uma representação padronizada de Cataguases, sustentada em feitos e personalidades antigas, mas que não circula por toda a cidade.²¹ Há grupos, guetos, à margem deste saber.

Há uma limitação quanto aos detentores desse tipo de saber. Apenas uma parcela da sociedade se reconhece nessa representação historicamente construída, e os jovens da escola particular estão incluídos nesse grupo, uma vez que possuem dados sobre a história local que não chegam até os alunos da rede pública. Desse modo, podemos inferir, com base na oposição clara que se notou entre os dois grupos de jovens, que há a representação de uma Cataguases no *MGTV*, que reforça aspectos do tradicionalismo local, mas a percepção dos alunos é bifurcada em duas vertentes: os jovens da escola privada conseguem se reconhecer, se familiarizar com o conteúdo transmitido; por outro lado, os alunos da escola pública não assimilam tal representação, visto que não possuem saberes prévios sobre tal história de Cataguases. Há, portanto, uma fragmentação identitária, duas identidades circulando em uma mesma Cataguases, comprovando que os conceitos de identidade e diferença são construídos discursivamente e reforçados a partir de um ponto de vista. A identidade historicamente construída é assumida como padrão, e o que se desvia dela é tido como elemento diferente, marginalizado (ao mesmo tempo em que se constitui como a própria identidade dos excluídos).

Contudo, ao qualificarem a população de Cataguases, os jovens apresentaram visões próximas, independente da localidade. A população, para ambos os grupos, é mostrada como batalhadora e engajada, lutando pelas causas da cidade. Dessa forma, enquanto Cataguases não teve representações unânimes, o cataguasense mostrado na TV foi percebido de uma mesma maneira pelos grupos, caracterizado como uma população batalhadora e preocupada com os rumos tomados pela cidade.

²¹ As deficiências de circulação da cultura local, que não atinge a todos os moradores da cidade, foram amplamente discutidas por Wesley Xavier (2013) em sua tese de doutorado “O eterno legado modernista de Cataguases – MG no passadismo do círculo privilegiado da cultura”, já citada anteriormente.

De modo geral, a pesquisa não só possibilitou a análise das opiniões emitidas por jovens, mas também demonstrou a necessidade de se articular pesquisas acadêmicas a esse grupo social. Podemos notar que a juventude tem julgamentos bastante sólidos com relação às mídias, opinando sobre telejornais e outros meios de se obter informações e ainda questionando a dinâmica de produção televisiva. Apesar desse entendimento, mostraram não conhecer ou se interessar por telejornalismo regional. Em contrapartida, a internet alçou o posto de principal ferramenta difusora de informações a nível local (principalmente a partir do acesso ao site do Marcelo Lopes, jornalista de Cataguases).

Com todas essas considerações, mais do que uma análise, a proposta do trabalho deixou em aberto um caminho ainda mais amplo a ser percorrido: o permanente contato com os jovens a fim de ouvir-lhes os anseios e ideias. Ao longo de toda a dinâmica de elaboração da monografia, os estudantes se mostraram interessados em conhecer os resultados das análises e entenderem melhor quais observações seriam feitas a partir de suas falas.

Em síntese, além das considerações teóricas possibilitadas pelo trabalho, a realização da pesquisa trouxe percepções profundas: é necessário entrar em contato com uma juventude ansiosa por falar e ser ouvida (não somente sobre mídias, mas uma gama variada de pautas a se discutir). Dessa forma, pesquisas que trabalhem com jovens sempre serão norteadoras e significativas para a formação desses indivíduos.²² Seria interessante, por exemplo, ampliar as análises para outras escolas da cidade e verificar se as percepções apresentam um nível de regularidade, se comparadas entre todas as escolas públicas e privadas (periferia e centro).

Nosso trabalho não buscou generalizações, como a própria metodologia já indica, mas inferir impressões que dois pequenos grupos de jovens de Cataguases têm sobre o conteúdo veiculado no *MGTV* relativo à cidade. Percebemos que o local está diante de um paradigma: conviver com uma representação tradicional do município, ao mesmo tempo em que despontam outras imagens de Cataguases, já que nem todos têm acesso ao conhecimento historicamente construído. Existem grupos que assumiram o lugar da identidade dominante e, apesar de alegarem empenho para fazer circular a cultura e a história de Cataguases, não há ainda provas de que as regiões periféricas da cidade tenham acesso a esse saber. Enquanto isso, os marginalizados, os diferentes, seguem criando suas próprias representações sobre a cidade, até, um dia, possivelmente, serem incluídos no seleto grupo dos detentores do saber.

²² O artigo “Juventude e telejornalismo local: desafios e estratégias de criação de laços de pertencimento, exercício de cidadania e manutenção da audiência” (COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan; SCHLAUCHER, Bárbara. In: FILHO, Boanerges Balbino; ALVES, Wedencley (orgs.). *Comunicação: práticas e fronteiras*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 19-30) é um exemplo dessa articulação e a importância que se deve dar aos jovens, nesse novo contexto de reconfiguração da audiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, O. V. O. *A disputa de grupos familiares pelo poder local na cidade de Cataguases: práticas eleitorais, representação e memória*. Dissertação (Mestrado em História) – FAFICH. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *TV regional: trajetória e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2001.

_____. Dilemas e perspectivas da televisão regional. In: FADUL, Anamaria (org.); GOBBI, Maria Cristina (org.). *Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática*. São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 59- 84

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 19 ago. 2013.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=311530>>. Acesso em 19 de agosto de 2013.

BRITTOS, Valério Cruz; SIMÕES, Denis Gerson. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 219-238.

CANNITO, Newton Guimarães. *A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio*. São Paulo: Summus, 2010.

CHAPARRO, Manuel. *Jornalismo: linguagem e espaço público dos conflitos da atualidade*. São Paulo: 2009, Inédito.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: VIZEU, Alfredo (org.). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIXO, Manuel João Vaz. *Teorias e modelos de comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10^a ed. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/>. Acesso em 19 nov. 2013.

MAIA, Aline Silva Correia. Telejornalismo e identidade: estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora – MG. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação Social). Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), Juiz de Fora, 2009.

MÉDOLA, Ana Silvia; REDONDO, Léo Vitor. A ficção televisiva no mercado digital. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 313-332

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 8^a ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. *Mídia regional e local: Aspectos conceituais e tendências*. In: *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2005, n°43, p. 67-74.

PRADO, Magaly. *História do rádio no Brasil*. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

ROXO, Marco. A volta do “jornalismo cão” na TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.); SACRAMENTO, Igor (org.); ROXO, Marco (org.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 177-196.

SILVA, Carla Pollake da. *O adolescente e a televisão regional: estudo da audiência do programa Em Movimento*. S. Bernardo do Campo: UEMESP, 2003. (Dissertação de Mestrado – Comunicação Social).

SILVA, Robson Bastos da. Análise comparativa entre duas emissoras de televisão regionais situadas na Baixada Santista. In: MATTOS, Sérgio (org.). *A televisão e as políticas regionais de comunicação*. São Paulo: INTERCOM, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SITE DO MARCELO LOPES. Disponível em www.marcelolopes.jor.br. Acesso em 10 abr. 2014.

SOUTO, Mariana. Figurações em crise: juventudes de classe média no cinema brasileiro contemporâneo. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação Social) - Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), Belo Horizonte, 2011.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TV INTEGRAÇÃO. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/mg/tvintegracao/noticia/2011/11/area-de-cobertura.html>. Acesso em 14 abr. 2014.

VIZEU, Alfredo (org.); CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-28.

WOLTON, Dominique. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.

XAVIER, Wescley Silva. O eterno legado modernista de Cataguases-MG no passadismo do círculo privilegiado da cultura. *Tese* (Doutorado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização de uso da imagem e declarações



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-000 – Telefone: (31) 3899-4508 - Fax: (31) _____ - E-mail: dcm@ufv.br

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM E DECLARAÇÕES

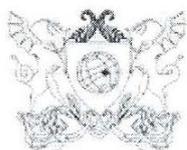
Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, CPF _____, RG _____, residente à _____, cidade _____, autorizo o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV) a citar e exibir minha imagem e declarações no projeto experimental *A representação da cidade de Cataguases no telejornalismo regional* quantas vezes se fizerem necessários e em todo o território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Cataguases, ____ de _____ de 20____.

Assinatura

APÊNDICE B – Questionário introdutório



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

Campus Universitário – Viçosa, MG – 36570-000 – Telefone: (31) 3899-4508 - Fax: (31) _____ - E-mail: dcm@ufv.br

QUESTIONÁRIO INTRODUTÓRIO

- 1) Nome completo _____
- 2) Idade _____
- 3) Bairro onde reside _____
- 4) Cidade onde nasceu _____
- 5) Já morou em outra cidade?
() NÃO () SIM Qual? _____
- 6) Quantas pessoas residem na mesma casa que você? _____
- 7) Quantas TVs têm em sua casa? _____

APÊNDICE C – Roteiro para realização dos grupos focais

Eixo 1: Ambientação (apresentação dos alunos e do pesquisador)

- 1.1) Nome completo
- 1.2) Idade
- 1.3) Bairro onde mora
- 1.4) Quantas pessoas residem na mesma casa
- 1.5) Quantas TVs têm em sua casa

Eixo 2: Contextualização e relação com o telejornal regional

- 2.1) Vocês gostam de assistir a TV? O que vocês gostam de ver na televisão? Por quê?
- 2.2) E jornal, gostam de ver? Por quê?
- 2.3) Quando vocês querem saber mais informações sobre a cidade, qual a forma que vocês usam com mais frequência? (ex.: rádio, internet, televisão, jornal impresso, amigos, familiares, etc.)
- 2.4) Vocês assistem a jornais em geral? Qual (is)? De que emissora? Com que frequência?
- 2.5) E telejornais da região, como o *MGTV*, vocês assistem? Com que frequência? Por quê? E se não assistem, apontar também qual a razão.

(Caso digam que já assistiram ao *MGTV*, instigar um pouco para que contem sobre essa experiência, contando qual o tema tratado na época, se reconheceram os lugares mostrados, alguma das pessoas entrevistadas, etc.)

Eixo 3: O telejornal e as percepções do grupo

- 3.1) Como vocês acham que Cataguases aparece no jornal? Que tipo de assunto os jornais costumam abordar sobre a cidade?
- 3.2) Como vocês percebem a maneira pela qual Cataguases é mostrada? Que impressões a reportagem causa em vocês?
- 3.1) Vocês, por serem de Cataguases ou por manterem alguma relação já de longa data com a cidade, quando assistem a essas matérias, acham que a cidade está sendo bem representada?

3.2) Qual das matérias vocês acham que melhor representa a cidade de Cataguases? Por quê?

3.3) O que as reportagens mostram sobre a cidade é coerente com a realidade da cidade? Cataguases é aquilo que o jornal está mostrando?

3.5) Por que alguns temas referentes à cidade, na opinião de vocês, são mais abordados do que outros?

3.6) As reportagens trazem pessoas da cidade sendo mostradas em alguns momentos. A forma como o jornal as mostra as favorece ou mostra a imagem delas de uma maneira ruim, negativa sobre elas (vilões, mocinhos, vítimas, heróis, etc)? Por quê?

Eixo 4: Finalização

4.1) Vocês sentem falta de outros assuntos sobre a cidade que poderiam ser notícia e passar no jornal?

4.2) Gostariam de fazer mais algum comentário sobre as matérias, sobre a imagem que se transmite da cidade, sobre o telejornal ou sobre TV em geral?

APÊNDICE D – Reportagens do MGTV sobre Cataguases

Título da matéria	Editoria	Data	Link
PM registra queda no número de furtos à residência em Cataguases	Segurança	25/06/2013	http://g1.globo.com/videos/minas-gerais/triangulo-mineiro/mgtv-2edicao/t/zona-da-mata-e-vertentes/v/pm-registra-queda-no-numero-de-furtos-a-residencia-em-cataguases-mg/2655474/
Movimento cobra preservação do Cine Edgard em Cataguases, MG	Cultura	08/07/2013	http://megaminas.globo.com/2013/07/08/movimento-cobra-preservacao-do-cine-edgard-em-cataguases-mg
Filme de animação feito em Cataguases utiliza a técnica do <i>stop motion</i>	Cultura	10/07/2013	http://megaminas.globo.com/2013/07/10/filme-de-animacao-feito-em-cataguases-utiliza-a-tecnica-do-stop-motion

APÊNDICE E - Transcrição da reportagem exibida pelo MGTV 2ª edição em 25 de junho de 2013

PM registra queda no número de furtos a residência em Cataguases

<p>Apresentadora do telejornal, Marina Campos, em estúdio</p> <p>Reportagem começa aos 14”</p> <p>Texto em <i>off</i> do repórter</p> <p>GC em 40” Geraldo Rigueti Motorista</p> <p>Texto em <i>off</i> do repórter</p> <p>GC em 1’ Sargento Jorge Roberto Polícia Militar</p> <p>Texto em <i>off</i> do repórter</p> <p>Passagem do repórter GC em 1’29” Inácio Novaes Cataguases</p>	<p>Caiu o número de furtos a residências em Cataguases. Segundo a polícia, a redução se deve ao trabalho realizado junto à população. E para deixar o município mais seguro, a PM vai implantar a rede de vizinhos protegidos.</p> <p>No segundo semestre do ano passado, Cataguases passou a conviver com um tipo de crime que não era muito comum na cidade: os furtos a residências. Foram 164 casos registrados. O bairro Bandeirantes foi o que teve o maior número. A casa do Geraldo não foi invadida, mas ele conhece vizinhos que passaram por isso. Ele admite que ficou preocupado.</p> <p>E a gente fica muito preocupado. Dez, quinze anos atrás Cataguases você podia andar a qualquer hora, entendeu? Pra rua afora, no centro. Hoje, pra você sair de dentro da sua casa hoje, no bairro mesmo, já tá muito complicado</p> <p>A tática da Polícia Militar foi apostar em conversas com moradores. São orientações para mudar alguns hábitos.</p> <p>Olhando, observando na rua se tem algum portão aberto, se tem uma casa com a porta da sala aberta ou um veículo aberto com algum material dentro que possa chamar a atenção do delinquente pra que se cometa aquele furto. A gente fazendo isso, a gente ajuda a comunidade a entender que ela, se ajudando, ela pode impedir que muitos furtos aconteçam</p> <p>Deu certo. No primeiro semestre deste ano, os furtos a residências caíram 35%.</p> <p>Para continuar reduzindo os índices, a PM vai lançar, aqui em Cataguases, a rede de vizinhos protegidos. O projeto está em fase de implantação. O bairro Bandeirantes vai ser o primeiro</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	contemplado
Texto em <i>off</i> do repórter	A experiência é baseada em outras cidades onde a rede foi implantada com sucesso.
Sonora sem GC: Sargento	A rede de vizinhos protegidos ela vai ser implantada com o intuito de ajudar mais ainda a comunidade, no sentido de que ela possa ter uma sustentação maior para que ela mesma possa se proteger através de quê? De um vizinho ajudando o outro, um vizinho funcionando como a câmara viva, naquela localidade
Texto em <i>off</i> do repórter	O seu José ainda não foi convidado para integrar a rede, mas já está inteiramente à disposição
GC em 2'12" José do Carmo Técnico contabilidade	Na realidade, nós somos responsáveis pela situação. Se a gente acredita que a gente possa viver melhor, a nossa vida vai ser melhor à medida que nós interagirmos com nossos vizinhos e com a comunidade de um modo geral
Encerra reportagem em 2'21"	

APÊNDICE F - Transcrição da reportagem exibida pelo MGTV 2ª edição em 08 de julho de 2013

Movimento cobra preservação do Cine Edgard em Cataguases, MG

<p>Apresentadora, Marina Campos, em estúdio</p>	<p>Um patrimônio de Cataguases ameaçado pela falta de preservação. Fechado desde abril, o Movimento Cine Edgard luta pela manutenção do espaço, que serviu para exibição dos primeiros filmes de Humberto Mauro. O cinema é o único de Cataguases</p>
<p>Reportagem começa em 15”</p>	<p>O Cine Edgard foi fundado em 1946. Fica no centro de Cataguases e tem capacidade para mil e cem espectadores. Faz parte da história da cidade e da história do cinema brasileiro.</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>O Cine Edgard foi fundado em 1946. Fica no centro de Cataguases e tem capacidade para mil e cem espectadores. Faz parte da história da cidade e da história do cinema brasileiro.</p>
<p>Passagem do repórter GC em 30” Inácio Novaes – Cataguases</p>	<p>Humberto Mauro, que passou boa parte da vida em Cataguases, é considerado um dos pioneiros do nosso cinema. E ele também esteve por aqui. Sentou numa dessas cadeiras, assistiu a vários filmes, que o ajudaram e impulsionaram a sua própria carreira, o seu trabalho.</p>
<p>GC em 45” Gustavo Baldez Membro do Movimento Cine Edgard</p>	<p>Bom, o Cine Edgard, quando ele ainda era Cine Recreio, foi um dos primeiros lugares onde Humberto Mauro teve a oportunidade de ver um filme, de assistir a um filme. Então ele viu aquilo, na época eram filmes americanos, e da parte dele, olhou e falou “Não, a gente tem condições de fazer coisas muito melhores” e foi quando despertou o interesse dele de fazer cinema</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>Esta é só uma das várias histórias do Cine Edgard, o monumento que faz parte da vida dos moradores de Cataguases.</p>
<p>GC em 1’10” José Esteves Funcionário público</p>	<p>Aqui, exatamente nesse cinema, foi palco dos grandes festivais de música de Cataguases. Aqui acontecem todas as formaturas escolares, como também apresentações de danças típicas</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>Desde abril, porém, o cinema foi interditado. Questões estruturais impedem o seu funcionamento.</p>
<p>GC em 1’33” Zeca Junqueira Sec. De Cultura e Turismo/Cataguases</p>	<p>O cinema tá apresentando risco iminente de incêndio, problema de parte elétrica, que ela tá muito precária, muito antiga, e nós tivemos essa avaliação, essa certeza, que foi confirmada com o</p>

<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>laudo do corpo de bombeiros, que interditou o cinema por risco iminente de incêndio</p> <p>Além do problema na fiação e em toda a parte elétrica condenada, o piso e algumas cadeiras estão quebrados; a cortina, rasgada. O prédio pertence a uma família de Ubá. A prefeitura de Cataguases tenta desapropriar um terreno para buscar recursos para uma reforma.</p>
<p>Sonora sem GC Secretário de Cultura</p>	<p>Recuperar o cinema todo, o interior do cinema. Eu acho que a questão de projeção, passar para uma coisa mais moderna porque o equipamento hoje é muito antigo, e até o prédio todo. Tentar fazer a recuperação do prédio inteiro, que é um conjunto belíssimo do Aldary Toledo e do Carlos Leão, e que não pode ficar do jeito que tá</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>A sala de projeção guarda relíquias, como máquinas de projeção da década de sessenta. Enquanto o Cine Edgard fica fechado, a população lamenta. Numa cidade tão ligada a cultura, um cinema faz falta.</p>
<p>Sonora sem GC Membro Movimento Cine Edgard</p>	<p>A gente tá trabalhando há dez anos com uma estrutura, um programa de desenvolvimento local, que é pautado pelo audiovisual, pelo cinema, pelo vídeo. E um cinema, na verdade, é um lugar onde as pessoas vão pra ter repertório de filmes né, conhecer novos filmes, conhecer novos diretores e divulgar os seus trabalhos também. O cinema faz falta por quê? Porque a gente tá tentando elevar essa qualidade da produção local, criar uma demanda local, talvez essa demanda funcionasse justamente em torno do cinema</p> <p>Repórter: Sem esse cinema fica mais difícil?</p> <p>Muito mais difícil. A gente precisa do cinema, e precisava que o cinema fosse uma iniciativa pública.</p>
<p>Encerra reportagem em 3'20" Texto da apresentadora em estúdio</p>	<p>O Cine Edgard foi tombado no ano de 1996.</p>

APÊNDICE G - Transcrição da reportagem exibida pelo MGTV 1ª edição em 10 de julho de 2013

Filme de animação feito em Cataguases utiliza a técnica do *stop motion*

Apresentadora do telejornal, Erika Salazar, em estúdio	Julho chegou, com ele as férias escolares, os lançamentos de filmes infantis, e entre os principais títulos, os desenhos, as animações que encantam a todos. Mas você já parou pra pensar como tudo aquilo que você vê na telona é feito? Assunto pra Camila Saenz, MG TEC de hoje né, Camilinha? Boa tarde pra você!
Apresentadora do quadro MG TEC, Camila Saenz, em estúdio	Boa tarde, Erika, boa tarde ao pessoal de casa. Quando a gente tá lá no cinema, envolvido em histórias de princesas, de super heróis, mal imagina o trabalho que dá e a tecnologia envolvida na produção dessa aula de fantasia né. E uma das técnicas utilizadas é chamada de <i>stop motion</i> , e uma verdadeira Fábrica do Futuro, localizada em Cataguases, investe na produção de animações desse tipo. Os repórteres Inácio Novaes e Daniel Torres foram até lá pra mostrar um pouco desses bastidores pra gente. Olha só que legal!
Reportagem começa em 1'	Sucessos de bilheteria, de público e crítica. Filmes de animação ganharam as telonas e não saem de cartaz. Um universo que encanta crianças e adultos e faz a gente refletir: como é feito tudo isso? Qual é a mágica?
Texto em <i>off</i> do repórter	
Passagem do repórter GC em 1'30" Inácio Novaes Cataguases	Duas coisas são fundamentais: criatividade e paciência. E a animação não é um privilégio, uma exclusividade das grandes produtoras de cinema. Quer ver um exemplo? Esse filminho aqui óh, tá sendo produzido neste momento aqui em Cataguases.
Texto em <i>off</i> do repórter	É a técnica do <i>stop motion</i> . A gente acompanhou uma parte da produção.
GC em 1'47" Renata Barbosa Animadora	O processo do <i>stop motion</i> ele feito frame a frame, ou seja, foto a foto. Então pra você fazer um segundo de animação, você tem que tirar uma série de fotos. Pode ser 18, 24 fotos, e é um processo que acaba sendo muito demorado né. Aí você movimenta um pouquinho, vai lá e tira uma foto, movimenta um pouquinho e tira a

<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>foto. São movimentos muito sutis, então pra você fazer uma animação, você tem muitas fotos</p> <p>Um software ajuda a dar a impressão do movimento. Aqui, por enquanto, muita coisa é teste. Na animação é assim mesmo, até tudo ficar pronto, demora.</p>
<p>Sonora sem GC</p>	<p>A gente conta com muitos erros, muita coisa que não dá certo; então a gente vai experimentando, testa, experimenta, até a gente chegar no que a gente quer pra gente fazer o nosso produto final. E parece que a gente tá trabalhando com um filho né. Por ser demorado, a gente vê a construção, o que não dá certo, depois junta com o que dá, e coloca uma trilha sonora. Quando vê, é muito animador, realmente muito bacana</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>No filme atual, um robô e dois carrinhos compõem o cenário. É assim que eles pretendem contar uma história. Uma animação simples, característica do <i>stop motion</i>, que permite enormes possibilidades.</p>
<p>GC em 2'54" Adriano Cunha Animador</p>	<p>É um tipo de técnica que pode tudo, tudo é possível: desde você animar um giz de cera até animar um boneco propriamente dito, usando desenho na parede. Você tendo um ponto de fotografia e um software, pode tudo</p>
<p>Texto em <i>off</i> do repórter</p>	<p>O Hermes veio de Cabo Verde só para aprender essa técnica. Ele é desenhista e faz o <i>storyboard</i>, o roteiro das animações. Quando voltar a África, vai tentar criar o próprio filme.</p>
<p>GC em 3'20" Hermes Fonseca Animador</p>	<p>É uma espécie de intercâmbio e cada conhecimento, assim, vai valer pra mim pra quando eu voltar e também transmitir pra pessoas que tão querendo iniciar nessa área de audiovisual e também mais especificamente na área de animação</p>
<p>Encerra reportagem em 4'02"</p>	<p>Inspiração ele tem. Os trabalhos da turma de Cataguases são de primeira.</p> <p>Que trabalhão, mas deve ser muito divertido. Que graça isso né. Impressionante.</p> <p>Muito interessante mesmo né, Erika.</p>

APÊNDICE H – Transcrição do grupo focal realizado em 08 de novembro de 2013 com os alunos do 2º ano do ensino médio do Colégio Soberano

O grupo aconteceu na própria instituição de ensino, de 9h às 10h da manhã.

Parte 1 – Apresentação

Marcos Vinicius (MV): Bom pessoal, bom dia. Meu nome é Marcos e eu sou aluno de Jornalismo lá da Universidade Federal de Viçosa e eu não sei se vocês se lembram de mim. Eu me lembro de S9 e S7 (os referidos alunos concordam com um sinal de cabeça que também se recordam do pesquisador). Eu vou fazer um trabalho com vocês. A gente vai conversar um pouquinho sobre algumas reportagens que passam no *MGTV*, vocês conhecem o *MGTV*? Alguém assiste ao *MGTV* alguma vez quando tem tempo?

S11: Sim.

S9: Às vezes.

Os outros discordam com um sinal de cabeça, dizendo não acompanhar o jornal.

MV: Então, eu vou mostrar pra vocês três reportagens do *MGTV* que falam sobre Cataguases e depois a gente vai conversar um pouquinho. Eu vou fazer algumas perguntas pra vocês, e cada um fala a opinião que tem sobre isso que eu vou mostrar aqui, tá bom? Não tem certo ou errado, cada um fala aquilo que acha das reportagens, tá bem?

S5: Beleza.

Os alunos fizeram um sinal com a cabeça, aprovando as orientações passadas.

MV: Pra começar, vocês já preencheram esses documentos aí, agora vocês vão só se apresentar pra mim rapidinho.

(Após isso, os alunos se apresentam. Não transcrevemos essa parte para que os nomes dos participantes fossem mantidos em sigilo).

MV: Tá bom, pessoal. Agora eu quero saber um pouco mais de vocês. Esse documento que vocês escreveram, vocês falem pra mim rapidinho: a idade, o bairro onde mora e se é ou não de Cataguases, porque isso também faz parte da pesquisa.

S4: Tenho 16 anos, moro no Recanto das Palmeiras e sou de Cataguases (risos dela).

MV: Você nasceu em Cataguases?

S4: Uhum.

S16: Tenho 16 anos, moro na zona rural de Dona Euzébia e sou natural de Astolfo Dutra.

MV: Mora em Astolfo Dutra?

S16: Não, moro em Dona Euzébia.

S9: Tenho 16 anos, e moro no sítio Campo Limpo, em Dona Euzébia.

S13: Tenho 17 anos, moro no centro e nasci em Cataguases.

S14: Tenho 17 anos e moro no bairro Popular, na Avenida Eudaldo Lessa, e nasci na cidade de Miraf, sou de lá.

S15: Tenho 17 anos (risos dos colegas ao lado dele), moro no centro. Nasci em Cataguases, mas moro em Dona Euzébia.

S12: Tenho 16 anos, moro na Taquara Preta, nasci em Belo Horizonte, mas moro aqui.

S5: Tenho 16 anos, moro no BNH, nasci em Cataguases.

S7: Tenho 17 anos, nasci e moro em Cataguases.

S8: Tenho 16 anos, moro no bairro Pouso Alegre. Nasci e moro em Cataguases.

S2: Tenho 16 anos, moro no centro, e nasci e sempre morei em Cataguases.

S6: Tenho 16 anos, moro no Marote, nasci em Cataguases e moro em Cataguases.

S11: Tenho 16 anos, nasci em São Paulo, e moro em Cataguases, no bairro Paraíso.

S10: Tenho 17 anos, nasci no Rio de Janeiro, morei em várias cidades (Rio, Juiz de Fora, Niterói) e agora to morando aqui em Cataguases.

S1: Tenho 17. Nasci no Rio, moro em Cataguases.

Parte 2 – Contextualização

MV: Tá bem, pessoal. Agora, antes de mostrar as reportagens, eu quero saber de vocês se vocês têm o hábito de assistir televisão. Pode começar, não precisa falar em ordem, quem quiser falar primeiro. Vocês gostam de assistir televisão, vocês gostam de ver?

S8: Só se for muito.

S6: Nas horas vagas sim, sempre. E vendo mais jornal (risos dos colegas). É verdade.

S8: Eu vejo esporte, programa de música, jornal.

S12: Eu vejo mais à noite, filme e, às vezes, jornal.

S15: O único tipo de jornal que eu vejo é esportivo.

MV: E vocês, gostam de ver televisão? (Aponto para um grupo de meninas)

S9: Ah, mais à noite.

S4: Eu só assisto filme, praticamente.

MV: Quem falou que gosta de ver jornal, por que gosta de ver jornal?

S8: Pra ficar atualizado nas notícias

S12: Pra saber o que tá acontecendo no mundo.

S7: Ah, eu prefiro ver mais essa parte de esporte, igual o S15 falou. Pra ficar por dentro dos esportes.

MV: Mais alguém? (Espero alguns instantes) Vocês costumam... (Sou interrompido por um dos alunos)

S11: Esportes, seriados, essas coisas.

MV: Uhum. Vocês costumam ver os jornais de quais canais ou não tem uma preferência por canal?

S7: Mais da Globo.

S8: Globo e Globo News.

MV: A maioria gosta de ver jornal na Globo?

S9: É (os colegas fazem um sinal de concordância com a cabeça)

MV: E dos jornais, vocês gostam de ver o jornal regional? No caso, o *MGTV*, alguém tem o hábito de assistir?

S8: Não.

S12: Não, porque geralmente o sinal da parabólica não liga.

S11: É.

MV: Vocês (aponto para algumas meninas)

Muita conversa na sala, grupinhos conversando entre si

MV: Então quando vocês querem saber notícias sobre Cataguases, como vocês fazem?

S6: Internet, Marcelo Lopes.

S8, S2, S3, S5, S7, S8, S11, S3: Marcelo Lopes.

MV: Todo mundo no Marcelo Lopes? (risos pela sala)

S11: Aham.

Os alunos conversam entre si, riem.

MV: Vocês têm o hábito de ler algum jornal de Cataguases, jornal impresso?

S1, S2, S3, S4, S7, S8, S11, S13: Não

S5, S6, S9, S10, S12, S14, S15, S16 fazem um gesto de negação com a cabeça.

MV: E ouvir rádio, alguém ouve?

S5: Eu! (S5 ergue o braço)

MV: Com que frequência? Todo dia?

S5: Todo dia, de tarde.

MV: E por quê? Por causa de música, de notícia?

S5: Não, é por causa que eu trabalho, aí não tem nada pra fazer, fica um tédio.

MV: Então o *MGTV* ninguém tem o hábito de assistir?

S8: Não.

S11: Não.

S9: Não.

MV: Mas vocês conhecem o *MGTV*, sabem que é da TV Globo de Juiz de Fora né?

S12: Uhum.

Os outros alunos concordam.

Parte 3 – Percepções sobre o telejornal

MV: Então agora eu vou passar a primeira reportagem pra gente assistir. Se vocês quiserem ficar mais pra cá um pouco, pra dar pra todo mundo assistir. Juntem um pouco mais pra todo mundo ver. Então, gente, agora eu vou mostrar pra vocês uma reportagem. Prestem atenção nela, ouçam o que ela está falando sobre a cidade e depois a gente vai conversar um pouquinho sobre o que vocês acham dessa imagem de Cataguases que tá sendo mostrada no jornal.

RODA A PRIMEIRA REPORTAGEM

MV: Pessoal, então qual é o assunto dessa reportagem?

S5: O Cine Edgard.

S8: Interdição do Cine Edgard.

MV: E vocês sabiam dessa notícia?

S4: Sim.

S5: Sim.

S8: Sim.

Os outros membros sinalizam com a cabeça de forma afirmativa.

MV: Como vocês ficaram sabendo dela?

S8: Eu fiquei sabendo pelas pessoas, não vi nenhum jornal não, mas meu pai comentou comigo.

MV: Quem mais?

S3: Do mesmo jeito. Meu pai comentou comigo que sabia disso, ele conhece o cara que participou da entrevista e falou pra ele.

MV: Que imagem vocês acham que tá sendo passada de Cataguases nessa reportagem?

S8: Eu tive dois pontos de vista. Um é um ponto positivo, que mostra Cataguases uma cidade cultural, ligada muito a cultura. Citou Humberto Mauro, que foi um dos principais precursores do cinema do Brasil, é muito importante. E um ponto negativo, que é a falta de cuidado com o nosso patrimônio, que nós não temos.

S11: Descaso né.

S8: É.

MV: S9, e você?

S9: A mesma coisa.

MV: Mais alguém? Alguém mais conhece pessoas que foram mostradas na reportagem? Você falou que conhece né?

S3: Uhum. Não, eu não conheço, meu pai que conhece. Mas aí ele chegou a comentar comigo sobre isso.

MV: Ninguém conhece nenhuma dessas pessoas que foram mostradas na reportagem?

Os membros fazem um sinal com a cabeça, indicando negação.

MV: Vocês, a maioria por ser de Cataguases, tem alguns que não são de Cataguases né, mas quando vocês veem essa reportagem falando sobre Cataguases, o que vem à mente de vocês?

S9: Mostra descaso.

S7: Na verdade, é isso aí né. Custa a passar reportagem de Cataguases, e quando passa é pra mostrar as coisas que estão estragadas.

S2: É bom mostrar pro pessoal tomar uma atitude.

S8: Igual ele falou, é pra alertar mesmo e mostrar a situação que tá o cinema, o que aconteceu pra ele ser fechado, ser interditado.

MV: Então a imagem que vocês veem sendo mostrada da cidade ali é uma imagem positiva ou negativa?

S4: Negativa.

S1: Ah, igual o S8 falou, mostra o patrimônio público, mas mostra o descaso com ele. É positiva e negativa.

S9: Também.

S13: Também.

S10: Na verdade, negativa. Desvalorizar um patrimônio é como você jogar aquilo que você acredita no lixo. Você batalhou por um lixo.

S8: Pra mim, positiva e negativa.

S7: Negativa.

S5: Positiva e negativa.

MV: Por quê?

S5: Ah, positiva por mostrar o lado cultural da cidade, mostrando as características; e negativa pelo descaso que tem com o patrimônio da cidade.

S4: Eu acho que exatamente por mostrar o lado cultural, fica pior ainda. Porque aí, mesmo sabendo a importância que tem, ainda tá daquele jeito.

S6: Negativa.

S11: Negativa também.

S12: Positiva. Porque fala o aspecto de uma cidade cultural, aí falando como se fosse pra alertar as pessoas.

S14: Também acho igual o S8 falou. Tem um ponto positivo que é a cultura da cidade, mas mostra o descaso com o patrimônio.

S15: Eu acho que é positiva e negativa também. Positiva porque fala da cidade de Cataguases, mostra que tem cultura. Igual falou do cinema de Cataguases, que inaugurou uma época. Mas negativa pelo descaso.

MV: Então vocês viram ali que foram mostradas algumas pessoas dando a opinião delas sobre a situação, alguns explicando por que o cinema está dessa forma. A imagem que eles mostram dessas pessoas, são pessoas representadas de uma forma positiva ou negativa? Por exemplo, tem uma pessoa ali que tá explicando o ponto de vista da prefeitura, o secretário de cultura, vocês acham que a imagem dele é mostrada de uma forma positiva ou negativa?

S3: Positiva, porque ele tá tentando ajudar, mas não depende só dele, depende de verba do governo, que não é só ele mesmo que faz acontecer. Mas pelo menos ele tá fazendo a parte dele.

S8: Igual ele falou, é positiva. Porque ele sabe a importância que o cinema tem, ele sabe e ele quer que reabra o cinema. E ele explica que não depende só dele, igual aquele que fala, que deu o ponto de vista da prefeitura. Então eu acho que é uma imagem positiva.

MV: Uhum. Quem mais?

S9: Eu também acho isso.

MV: E aquele outro que falou que tá defendendo o cinema, que tem um grupo que tá lutando pela reabertura do cinema, eles mostraram de uma forma positiva ou negativa?

S3: Positiva.

S9: Positiva.

S6: Positiva.

S8: Positiva.

S5: Positiva.

MV: Por quê?

S5: Ele tá lutando para reabrir.

S3: Se eles não tivessem lutando, não conseguiria nada.

MV: Vocês falaram que veem muita notícia de Cataguases no Marcelo Lopes né. Essa notícia vocês viram no Marcelo Lopes?

S8: Não, eu não vi.

S5: Não.

S3: Não.

S11: Não.

MV: Então ninguém, na época, viu no Marcelo Lopes? (Os membros fazem um sinal com a cabeça indicando negação). Ouviram na rádio? Também não? (Novamente sinalizam negação)

S8: Foi mais boca a boca mesmo.

MV: Agora a gente vai ver a outra reportagem. São três.

RODA A SEGUNDA REPORTAGEM

Durante a reportagem, S6 fica surpreso ao ver na reportagem uma pessoa que ele conhece.

S6: Óh, olha lá.

MV: Então, gente, essa reportagem é sobre o quê?

S3: Sobre violência em Cataguases.

S11: Sobre o índice que tá aumentando.

S8: Sobre a redução de furtos em lares de Cataguases.

S12: Que aumentou e diminuiu com a criação desse projeto.

MV: E essa reportagem fala bem ou mal de Cataguases?

S11: Fala bem.

S6: Fala mal e bem.

S8: É igual a outra. Porque, tipo assim, no início da reportagem fala que nos últimos anos Cataguases tava tendo muitos furtos em casas, e depois a chamada da reportagem falou que diminuiu, é uma coisa positiva. E com o trabalho da polícia, como a polícia testemunhou, mostrou que caiu 35% os furtos a lares, então isso é uma coisa positiva pra cidade, porque mostra que a polícia tá trabalhando.

S3: Fala mal.

MV: Por quê?

S3: Ah, porque não falou nada bem, só falou o que o povo fez pra tentar diminuir.

MV: Tem alguém que acha que fala bem e mal, igual muitos falaram na outra?

S6: Eu acho que fala bem e mal, porque o índice aumentou e não tinha nada disso de roubo e tal, igual ele deu a palavra dele ali. Eu até conheço o cara, ele mora há 15 anos lá no Bandeirantes e nunca acontecia isso, e depois caiu 35% da taxa. Então eu acho que caiu e a população tá conseguindo recuperar.

MV: Você conhece o personagem que eles mostraram ali?

S6: O Geraldo.

MV: Você acha que ele tá sendo mostrado de uma forma positiva ou negativa?

S6: Ele em si?

MV: É.

S6: Ah, ele queria dar só a palavra dele, porque ele testemunhou no passado como era Cataguases, como que ficou e como que agora tá ficando.

MV: Mais alguém conhece alguém que foi mostrado ali?

S10: Eu não diria bem ou mal. Eu, como eu vim de uma cidade grande, eu posso falar por experiência. Eu, quando eu cheguei aqui, eu não detectei isso. Você sai às seis e volta meia noite em casa sem ninguém fazer nada. Tem segurança. Eu já passei por várias cidades pequenas e não tive a experiência de ser roubada e ter furto. Só uma vez, roubaram a bicicleta do meu irmão. Então, o que eu posso tirar disso é que tem um cuidado, que tá monitorado e a qualquer instante eles estão preparados para o pior.

MV: Quando vocês assistem a essa reportagem, vocês sentem orgulho, indiferença com relação a Cataguases? O que vocês sentem?

S3: A mesma coisa que as outras.

S2: Toda cidade tem.

S7: Um pouco de indiferença né. Todas as cidades vão ter furto, e Cataguases é pequena se comparada a outras cidades, igual Rio de Janeiro e São Paulo.

S8: Infelizmente isso é comum no Brasil hoje, conviver com isso.

MV: Mais alguém? E agora a gente vai assistir a última reportagem, que fala sobre a Fábrica do Futuro.

RODA A TERCEIRA REPORTAGEM

Durante a reportagem, os membros do grupo sinalizam conhecer uma das personagens mostradas. Ficam surpresos ao vê-la na TV, demonstram também alegria ao descobrir alguém conhecido na reportagem.

S6: Olha lá. Olha ela lá, a Renata.

S3: Aquele cara também veio aqui aquele dia.

Ao verem os efeitos de animação, ficam surpresos e encantados.

S8: Caraca!

MV: E essa reportagem fala sobre o quê?

S7: Sobre o cinema.

S8: Sobre a Fábrica.

MV: E alguém já conhecia a Fábrica do Futuro?

S8: Já.

S3: Sim.

S5: Uhum.

Os outros membros do grupo, sem exceção, indicam também já ter conhecimento.

S9: A Renata.

S6: Passou a Renata.

S8: A Renata é professora da escola, que deu entrevista.

MV: É uma professora daqui?

S8: É.

S5: É, ela é professora de teatro.

MV: Vocês já foram até a *Fábrica do Futuro*?

S8: Não.

S5: Não.

S11: Não.

S6: Não.

Os outros também indicam não conhecer pessoalmente as instalações da Fábrica.

MV: Mas vocês sabem o que eles fazem, com o que eles trabalham?

S7: Uhum.

S6: Sim.

MV: Alguém pode me explicar o que é?

S5: Eles falaram da história do cinema. Eles fazem filmes, eles também fazem clipes de bandas.

S8: Curtas.

S5: É, curtas-metragens.

MV: Vocês conhecem outros filmes, outras produções deles?

S8: É, eles passaram alguns aqui.

MV: Quando vocês assistem a essa reportagem, que impressão vocês têm de Cataguases?

S8: Positiva.

MV: Positiva ou negativa?

S2, S1, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S11: Positiva

S8: Positiva, a criatividade.

S11: Mostra o investimento no cinema da cidade.

MV: Quem mais?

S7: Eu acho que esse é o controverso da primeira reportagem.

MV: Por que você acha?

S7: Porque na primeira mostra o descaso, e nessa já mostra a vontade de reerguer o cinema na cidade.

S11: Eles estão tentando reinventar uma prática na cidade.

MV: Então todos vocês conhecem uma personagem que foi mostrada ali.

S5: Eu conheço o Elian também, ele dava aula pra mim lá na FIC. Dava aula de artes. Ensinava a gente a fazer o *stop motion*.

MV: Você sabe?

S5: Não, eu não sei fazer não. Eu já fiz algumas coisas, ajudei ele a organizar um lá, com *stop motion*.

MV: Vocês acham que esses personagens eles estão sendo representados de uma forma positiva ou negativa?

S8: Positiva. Mostra eles fazendo algo novo, como se faz.

MV: Tem alguém que é mostrado de forma negativa ali?

S8: Não.

S5: Não.

S2: Não, só positiva.

MV: Então, no geral, que imagem que se cria de Cataguases quando se mostra essa reportagem?

S6: Que, mesmo com os descasos que acontecem, a população vem tentando superar tudo.

S8: No geral, uma cidade criativa. Muitas ideias, muitas coisas novas. Um espaço cultural.

MV: Na opinião de vocês, depois que vocês viram essas três reportagens, vocês acham que Cataguases, no geral, ela é representada de uma forma boa ou ruim?

S7: Acho que, no geral, positiva.

S3: Positiva. Porque, na primeira, pra mim mostra um ponto negativo; já na segunda e na terceira, um ponto positivo. Na segunda porque mostra um projeto que deu certo, e na terceira um projeto que vem dando certo.

S8: Igual, na primeira falou que uma cidade ligada a cultura igual Cataguases, mostrou que a cidade é cultural, isso é um ponto positivo, apesar do descaso com o cinema. Já na segunda reportagem falou dos furtos. Se for ver, é uma coisa cotidiana, mas que a polícia vem trabalhando para reduzir isso. E a terceira é a mais positiva de todas, que mostra a criação de filmes animados, isso é positivo.

MV: O que você acha? (dirigindo-me a S4)

S4: Eu acho que mostra os aspectos positivos de Cataguases e eu concordo também com o que o S8 falou.

S9: No geral, positiva.

S10: Eu falaria positiva, mas fala de furtos. Eu acho positivo, porque além de mostrar a situação, o problema, mostra a forma como construiu o cinema brasileiro.

MV: Levanta a mão quem é de Cataguases, nasceu em Cataguases.

S6: Quem nasceu em Cataguases?

MV: É. Os que nasceram em Cataguases, acham que é positiva ou negativa?

S8: Igual eu falei, positiva.

MV: Quem não nasceu em Cataguases, agora falem pra mim que imagem vocês veem dessa cidade que vocês não nasceram nela, mas que foi representada nessas reportagens?

S10: O cinema pode não estar fisicamente em Cataguases, mas continua sendo positiva.

MV: Com relação a essas matérias, vocês não tinham assistido no dia no jornal né?

S8: Não. (Os outros sinalizaram que também não assistiram).

MV: A maioria falou que não vê o *MGTV*. Vocês acham que tá faltando, no jornal, falar outro tipo de assunto sobre a cidade? Tem alguma coisa que vocês sentem falta? Vocês acham que o jornal poderia falar mais sobre Cataguases? Vamos recapitular: as reportagens falaram sobre cinema e mais o quê?

S5: Roubo.

MV: E sobre a Fábrica, que também acaba sendo sobre cinema. Vocês acham que podia falar de outro tipo de assunto?

S3: Se fosse ver as partes culturais de Cataguases também tem muita, obras do Oscar Niemeyer, do Portinari.

S2: Pode falar também dos pontos turísticos.

S7: São assuntos que interessam também ao público né, que agrada.

S8: A Usina Cultural que traz vários espetáculos aqui pra cidade. Igual, sábado dia 18 vai ter um show do Vanguard ali no Humberto Mauro. Traz coisas assim, bandas pra cá, traz muitas apresentações. Muitas coisas.

MV: Alguém quer falar mais alguma coisa sobre as reportagens, sobre a cidade? No site do Marcelo Lopes, que a maioria falou que vê notícia lá, o que é tratado lá que poderia ser passado na televisão?

S8: Ah, lá é tratado de tudo né. Tudo que acontece na cidade aparece lá. Até acidente.

S3: Teve uma vez que ele colocou que acharam comida estragada no hospital, comida vencida que eles tavam dando pro pessoal.

S8: Igual passou no *MGTV* quando a vigilância sanitária veio aqui em Cataguases e fechou estabelecimentos. Foi bem comentado na cidade.

MV: Essa você assistiu?

S8: É, essa eu assisti, foi bem comentada na cidade essa.

MV: Então, agora cada um fala pra mim resumidamente. Cataguases é representada de que forma?

S4: Positiva. Porque, mesmo com o crime, crime tem em todo país, eles estão tentando pelo menos fazer alguma coisa pra mudar. E em relação ao cinema, mesmo que ele esteja fechado, as pessoas estão tentando reabrir.

S13: Positiva. Cataguases é uma cidade que tem muita história.

S9: Positiva. Eles tão tomando providências.

S1: Positiva. Tão tentando tanto combater os furtos como reabrir o cinema.

S6: Positivo. Igual, vem acontecendo um monte de coisa aí, mas sempre a população consegue sobressair ainda em tudo que acontece.

S8: Positivo, porque ressalta ainda mais o celeiro cultural que Cataguases é. (Risos na sala). Influência aqui na região.

S14: Também acho positivo.

S15: Negativo, porque igual o morador falou, antes não tinha roubo e o cinema funcionava, hoje o cinema não funciona.

S12: Positiva. Porque toda cidade do Brasil e do mundo tem crime.

S2: Positivo, porque as duas primeiras reportagens que mostraram pontos negativos, mostraram que têm pessoas tentando reverter essa situação pra fazer o melhor pra cidade.

S3: Positiva, porque mesmo nas duas primeiras entrevistas que mostraram um lado negativo, na mesma mostrou o lado controverso.

S11: Positivo, porque mostrou o lado cultural de Cataguases. E um pouco negativo por causa de mostrar o índice de furtos na cidade.

MV: Tem três reportagens, duas sobre cinema e uma sobre furto, né. Por que vocês acham que o jornal preferiu falar mais sobre o cinema nessa época?

S5: Eu acho que é o lado da história de Cataguases. É a parte mais importante.

S3: É.

S8: Cataguases foi uma das cidades pioneiras do cinema no Brasil e é bom ressaltar isso.

S7: Eu também acho isso. Porque em todo lugar tem furto, e em todo lugar tem projeto pra mudar isso, só que não é toda cidade que é pioneira no cinema, por exemplo.

MV: E vocês acham que o jornal tá mostrando bem esse valor cultural da cidade?

S5: Eles falaram pouco que Cataguases é a pioneira e ajudou o cinema no Brasil, eles focaram mais na parte do descuido com o cinema.

MV: Então, no geral, essas reportagens estão falando uma verdade sobre a situação da cidade?

S5: É uma verdade.

S8: É verdade.

MV: Qual a reportagem que melhor representa a cidade, na opinião de vocês?

S8: A última.

S5: É, a última.

S3: A última.

S9: É a última.

MV: Por quê? O que ela tem de diferente das outras?

S6: Ela só fala o lado positivo. A primeira só do lado negativo, porque não conseguiu ainda voltar com o cinema.

S8: Eu acho que a melhor que representa é a primeira, porque mostra que a cidade tem valores culturais positivos, mas eles não são muito cuidados, não têm a devida importância que merecem. Esse é o retrato da nossa cidade. Porque se fosse preservar fielmente, como eles merecem, os nossos valores culturais, seriam bem cuidados. Eu acho que a primeira reportagem é a que melhor representa.

S3: A terceira, porque ela fala de um projeto que poucas cidades pelo Brasil têm.

MV: De uma forma geral, com base nisso tudo que passou no jornal, Cataguases é um lugar bom ou ruim pra se viver?

S3, S4, S5, S6, S8, S10, S11: Bom

MV: Mas por que é bom, se vocês falaram que as outras duas trazem aspectos negativos?

S6: Dependendo da área é positiva. Igual, pra trabalhar, o pessoal sempre sai daqui e vai trabalhar fora, Macaé, e pra outros lugares. Essa área aqui não é muito boa. Mas, igual, a população daqui de Cataguases é uma população tranqüila. Igual tá acontecendo esses roubos aí, mas é coisa que acontece em toda cidade.

S5: Tem pessoas que gostam de uma cidade mais agitada. Aqui é uma cidade mais calma.

S8: Ela tá crescendo, mas ela mantém as tradições de cidade do interior.

Parte 4 – Finalização

MV: Bom, pessoal, tem mais alguma coisa que vocês querem comentar sobre Cataguases ou sobre o jornal ou sobre televisão em geral? Mais alguém quer falar alguma coisa? (Os membros sinalizam que não têm interesse em emitir mais algum comentário). Então, gente, era isso. Obrigado, desculpa ter tomado o tempo da aula da Rosely, desculpa ter tomado o tempo da sua aula (me dirigindo a uma professora que aguardava na porta). Alguém aqui quer fazer jornalismo?

S8: Eu.

MV: S3rio?

S8: Uhum.

MV: Ent3o vamos l3 pra Viçosa.

S8: Ah n3o, eu quero ir pro Rio de Janeiro.

MV: L3 3 uma cidade boa tamb3m, igual Cataguases (risos na sala).

APÊNDICE I – Transcrição do grupo focal realizado em 22 de novembro de 2013 com os alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Clóvis Salgado

O grupo aconteceu na própria instituição de ensino, de 8h30min a 9h30min da manhã.

Parte 1 – Apresentação

Marcos Vinicius (MV): Bom dia, pessoal. Meu nome é Marcos, eu sou estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa e eu vim aqui pra poder conversar com vocês e discutir um pouco sobre jornal, televisão e Cataguases (risos na sala). Primeiro, eu queria dizer, gente, que não tem uma resposta ou outra que é certa. Fiquem à vontade pra comentar e me ajudar a fazer este meu trabalho de faculdade. Pra começar, muito obrigado por terem aceitado o convite. Outra coisa, gente: na hora que tiver alguma coisa pra comentar, pode pedir a palavra e falar, nós estamos numa conversa aberta mesmo, tá.

Então, pessoal, eu queria dizer também que eu estudei aqui no Clóvis Salgado durante muito tempo, uns 6 anos, sou da época da dona Andrea diretora, da época que o Clóvis ainda não tinha esse terceiro prédio aqui na frente (risos na sala). E agora eu queria ouvir um pouco de vocês, que vocês se apresentassem pra mim.

A apresentação não foi transcrita com o objetivo de preservar a identidade dos jovens envolvidos no processo

MV: Pessoal, vocês têm o hábito de ler jornais impressos?

C5: Não, nunca leio.

C3: Não.

MV: Mas jornais impressos de Cataguases vocês leem?

C5: Também não (risos do próprio aluno).

Os outros estudantes sinalizam com a cabeça que também não têm esse hábito de leitura.

MV: E o hábito de ouvir rádio, vocês têm?

C7: Não, eu não gosto de rádio.

C5: Eu também não escuto.

C9: Eu escuto às vezes. Minha irmã trabalha na rádio do Souza Mendonça, no programa dele. Aí eu escuto.

C4: Eu escuto só quando tô no trabalho, porque fica ligado lá. Fora isso, eu não escuto rádio.

MV: E televisão, vocês gostam de assistir?

C7: Sim.

MV: Vocês gostam de assistir a jornais? Quais?

C5: Jornal Nacional.

C3: Jornal Nacional.

MV: E por que vocês assistem a esse jornal? Por que você assiste o jornal da Globo e não o da Band, do SBT?

C5: Melhor qualidade do jornal.

C3: Melhor qualidade, as reportagens são bem melhores.

C10: Eu acho que o da Record eles são bem direto, eu acho.

MV: Por que você assiste ao jornal da Record?

C4: Porque lá em casa não pega a Globo (risos entre os membros). E porque eu não gosto muito da Globo, só por causa disso.

MV: Por que você não gosta da Globo?

C4: Então, além de não pegar (novamente risos entre os membros), eu não gosto não porque, tipo assim, eles têm toda uma reverência ao Jornal Nacional. Eu prefiro o Jornal da Record, porque tem aquelas coisas de opinião, um dá opinião, o outro também. Sabe, igual a C10 falou, eu acho mais verdade.

C9: O do SBT também é assim.

C4: Oi?

C9: O do SBT também é assim.

C4: O do SBT também.

C9: É interessante o do SBT também.

MV: Mais alguém? (Eles sinalizam com a cabeça que não querem falar naquele momento). Então, pessoal, vocês conhecem o *MGTV*, sabem que é o jornal da Globo de Juiz de Fora né, que passa na TV Integração? (Sinalizam com a cabeça que sim). Essas três reportagens que eu vou mostrar foram exibidas no *MGTV* e elas falam sobre Cataguases. Então, a gente vai conversar sobre o que essas reportagens estão falando sobre a cidade. Todo mundo é de Cataguases? Tem alguém que nasceu em outro lugar?

C2: Nasci fora.

C3: Sou de São Paulo.

C10: Santana.

MV: Mas moram em Cataguases há muito tempo?

C2: Há cinco anos.

C3: O meu vai fazer três anos.

C10: Eu sou de Santana.

MV: Você vem e volta de Santana todo dia ou mora aqui?

C10: Não, eu moro aqui.

Partes 2 e 3 – Contextualização e percepções do telejornal

MV: A primeira reportagem, prestem atenção no que essa reportagem vai falar sobre a cidade, que a gente vai depois conversar um pouquinho sobre isso. Tá dando pra todo mundo ver? (Sinalizam com a cabeça que sim).

RODA A PRIMEIRA REPORTAGEM

C4 e C5 conversam enquanto a reportagem é exibida.

Durante a reportagem, quando diz: “Cataguases passou a conviver com um novo tipo de crime: o furto a residências”, os membros se entreolham, expressando certa indignação com a realidade da cidade.

MV: Pessoal, o que vocês acham – primeiro, qual é o tema dessa reportagem?

C3: Furto de residências.

MV: Alguém aqui mora no bairro que tá sendo falado ali?

C9: Bandeirantes.

MV: Alguém mora lá?

C6: Minha tia.

C9: Eu não saio de lá, eu ando de skate, praticamente moro lá.

MV: E o que vocês acham dessa reportagem que tá falando de Cataguases? Vocês acham que ela tá falando de uma questão que é verdade, que acontece na cidade, ou ela tá fantasiando?

C11: É verdade.

C9: Acontece na cidade. Lá em casa, por exemplo, entraram lá e roubaram o notebook da minha irmã, no segundo andar. Entraram e roubaram o notebook dela dentro de casa, a casa fechada.

MV: Então isso é uma realidade na cidade que o jornal tá mostrando? (Sinalizam com a cabeça que sim). Então vocês acham que a imagem que tá passando da cidade, nessa reportagem, é uma imagem positiva ou negativa?

C3: Negativa.

C11: Negativa.

C2: Tem positivo e tem negativo.

C4: Porque tá mostrando o negócio que tem de vizinhos protegidos lá.

MV: Você acha então que tem positiva e negativa?

C4: É.

C9: Tipo, mostra uma imagem negativa do que acontece, e tá mostrando uma solução pra isso.

C2: No caso, o que acontecia, e agora com o policiamento diminuiu.

MV: Mais alguém? Alguém mais quer falar alguma coisa sobre isso? Você acha que é positiva ou negativa?

C6: Eu acho que é positiva e negativa porque positivo eles tão tomando uma atitude pra conter isso.

MV: O que você acha?

C13: Eu acho positivo porque eles tão buscando uma solução.

MV: E você, o que você acha?

C12: Ah, eu acho positivo e negativo.

MV: Porquê?

C12: Negativa por causa dos roubos; positivo porque tá mudando isso.

MV: Gente, e vocês conhecem alguém que foi mostrado na reportagem?

C11: Ah, eu conheço, mas tava de costas, a polícia.

MV: Mas é parente?

C11: É lá da minha igreja.

MV: Mais alguém conhece alguém que foi mostrado na reportagem? Vocês se sentem representados nessa reportagem? Sentem orgulho de se ver nessa reportagem? Quando vocês veem essa reportagem, vocês sentem orgulho da sua cidade?

C9: Ah, eles tão querendo melhorar e isso é um lado positivo, mas saber que isso ainda acontece e não vai simplesmente acabar do nada, é meio “foda”, é meio complicado.

C4: Sabe porquê? Pelo menos na minha opinião. Cataguases quando eu tinha uns sete anos, oito anos, você conhecia cada pessoa de cada bairro, você tinha aquela integração, hoje não. Hoje os bairros tão crescendo. Já foi o tempo que Cataguases era segura. Tá vindo um monte de loja, de carro, supermercado pra cidade. Então, tipo assim, agora você passa perto das pessoas que eram conhecidos seus, você passa no seu bairro e não conversa porque já não tem ninguém, não tem integração com os vizinhos.

MV: Você falou que tá vindo um monte de loja pra cidade, isso não seria positivo pra cidade?

C4: Não, isso é positivo sim pra cidade. Mas, tipo, tira aquela parte de cidade simples, sabe, que antes era assim. Mas pra parte de centro, é ótimo porque engrandece a cidade.

C5: O ruim é de não ter mais aquela comunicação que tinha.

MV: Essas pessoas que foram mostradas aqui, vocês acham que essas pessoas foram mostradas de uma forma positiva ou negativa? As pessoas. Por exemplo, eles mostraram uma pessoa aqui que fala que Cataguases hoje é muito perigosa, você não pode andar na rua mais. Vocês acham que isso é uma imagem positiva ou negativa da pessoa?

C9: Negativa, ela não confia na própria cidade dela.

C2: É, então um cara desses não pode ir pra São Paulo, sabe. Se Cataguases tá perigoso assim, São Paulo então, nossa.

MV: Vocês chegaram a assistir a essa reportagem no jornal? Alguém viu essa reportagem quando ela foi exibida?

C4: Quando?

MV: Em julho.

Todos sinalizam que não, num movimento com a cabeça.

MV: E vocês, quando vocês querem saber informações sobre Cataguases, onde vocês buscam informação?

C5: No site do Marcelo Lopes.

C4: No site.

C11: No site dele.

C2: Também.

C3: É.

MV: Mais alguém no Marcelo Lopes? (Os outros sinalizam que sim)

C3: É o mais completo, mais completo que redes sociais.

MV: Por quê?

C3: É um site que só foca em Cataguases.

C12: Tá sempre atualizado.

C13: Antes de acontecer, ele já tá lá (risos na sala). Já tá sabendo o que tá acontecendo.

C5: A reportagem saiu agora, já tá no site dele.

MV: E rádio, alguém ouve?

C9: Ah, tipo, eu escuto.

MV: Rádio da cidade mesmo?

C9: Da cidade.

C4: No meu trabalho eu escuto a rádio Brilho; e fora isso, Ativa FM.

MV: Você ouve rádio pra ter informação sobre a cidade ou pra ouvir música?

C4: Na verdade, não sou eu, a rádio fica lá, mas no sábado, por exemplo, tem um programa que é “De frente com não sei o quê”, aí é um cara que tem uma banda muito “fera”, que chama os prefeitos, já chamou vereador pra fazer debate.

C9: Voz comunitária.

C4: É isso mesmo.

C9: Minha irmã faz parte desse programa.

MV: A sua irmã trabalha lá?

C9: É, tipo, ela é meio que apresentadora desse programa.

MV: Em que rádio que passa esse programa?

C4: Acho que é Brilho, não é? Não tenho certeza.

MV: Mais alguém ouve rádio? (Ninguém se manifesta) Quem não ouve rádio, por que não ouve rádio?

C13: Ah, eu ouço às vezes. Tá ligado lá em casa, mas eu não ligo.

MV: Ligar ele e ouvir um jornal no rádio ninguém tem esse hábito?

C13: Não. (Os outros confirmam com um movimento de cabeça a mesma opinião de C13)

C11: Eu, se eu for ligar, é só pra escutar música.

C4: Baixar música né.

C11: É (risos). Hoje tem que baixar.

MV: Aí nem precisa do rádio.

C9: A internet é bem mais prática hoje em dia né. Tem tudo ali: você quer ver uma notícia, você pesquisa ali; você quer escutar uma música, já tem tudo ali. Então, meio que tudo tá ali.

C7: Ah, mas entre internet, rádio e televisão, eu prefiro mil vezes televisão.

C11: Eu também.

MV: Por quê?

C7: Ah, porque eu acho que eu fico muito mais informada vendo televisão. Por exemplo, o *Cidade Alerta*, nossa, a gente vê e com certeza a gente fica informado. Tipo o caso Joaquim, é totalmente diferente da Globo, eu acho.

C4: É mais detalhado.

C7: Vê *Jornal Nacional* e vê *Cidade Alerta*, entendeu?

C11: Eles interagem mais com o conteúdo, parece.

C5: Mas o *Cidade Alerta* é muito chato, porque fica todo dia a mesma coisa, que nem o caso Joaquim, todo dia aquilo.

C4: Mas o *Cidade Alerta* é mais investigativo, mais policial mesmo. Por isso ficam amassando o assunto dia e noite, noite e dia. O *Jornal Nacional* não, ele dá (alguém o interrompe).

C5: Só uma passada.

C4: Exatamente. Ele pega notícia de China, notícia do mundo todo, bolsa de Valores, blá blá blá, sei lá o quê.

C3: Eles não têm muito tempo pra passar.

C11: O bom deles é que depois você pode procurar na internet se quiser saber mais.

MV: Mais alguém?

C3: Então, tem várias matérias num jornal só, só que eles não vão muito a fundo na matéria.

C11: Mas o bom é que depois você pode procurar na internet.

C5: Mas igual o *Cidade Alerta*, fica só naquilo, é morte todo dia. Pelo amor de Deus, só tem desgraça naquilo.

C4: Nossa, me faz mal.

C2: Eu gosto de ver *Fantástico*.

MV: Por quê?

C2: Tipo assim, tem umas entrevistas que você começa a ver e que não passa em qualquer jornal.

C9: Tem muita coisa interessante. Não é só aquilo de ou assassinato ou morte ou destruição ou coisa assim.

C2: Ele não fica numa coisa só.

C5: É mais informação.

C9: Pra mim, é um dos melhores.

C2: Um dos melhores jornais que têm.

MV: Alguém quer comentar mais alguma coisa dessa reportagem? Agora nós vamos passar pra outra.

RODA A SEGUNDA REPORTAGEM (Eu coloco a reportagem, mas aos dois segundos eu a interrompo).

MV: Agora vamos ver essa daqui que é sobre o cinema.

RODA A SEGUNDA REPORTAGEM

Quando, na reportagem, a apresentadora do telejornal fala que “o cinema é o único de Cataguases”, os membros do grupo conversam entre si. Esboçam reações de indignação.

C5: Que absurdo.

C9: Que vergonha.

Quando, na reportagem, diz que “a população lamenta” sobre a situação do cinema, C9 balança a cabeça, em sinal de concordância com a fala do repórter.

MV: Então, pessoal, essa reportagem é sobre o quê mesmo?

C9: Cine Edgard.

MV: E falando o que da situação do cinema?

C9: Tá beem precária (C9 enfatiza a palavra BEM).

MV: Vocês tinham o hábito de ir ao cinema?

C9: Uhum.

C2: Sim.

C5: Sim.

MV: Com que frequência vocês costumavam ir ao Cine Edgard quando ele tava aberto?

C2: Duas vezes ao mês.

C3: Uma vez por semana.

C9: Sempre que chegava um filme novo.

MV: Vocês gostavam do cinema, e o que vocês achavam da estrutura dele?

C4: Sempre foi, pelo menos desde quando eu vou lá, sempre foi precária assim. Umas cadeiras beem (C4 enfatiza a palavra BEM) antigas já, as paredes descascando, essas coisas.

C9: O áudio não era tão bom, a imagem também não era grande coisa. Mas, tipo, era um lugar pra você ir na cidade.

C4: Pelo menos tinha né.

C5: Era o único lugar, vamos dizer, de ter cultura né. Hoje, assim, o teatro daqui não é grandes coisas. Então desanima a gente ir ao teatro. E o cinema é um lugar que a gente tem mais cultura. Os filmes que lançavam a gente tinha acesso, entendeu? Agora o único acesso que a gente tem é pela internet.

MV: Hoje vocês costumam ir a outros lugares? Não tem mais o cinema, vocês costumam ir a outros lugares: tem teatro, tem museu, alguma coisa assim na cidade que vocês vão?

C9: Tem o museu né, que direto tá tendo show. Tem bastante show lá.

C3: Shows musicais e noite cultural, é muito legal.

C9: Por enquanto, é só, que dá pra ir.

MV: Alguém assistiu a essa reportagem no jornal? (Todos sinalizam com a cabeça que não). Também essa não né. E vocês acham que ela tá falando, a mesma pergunta que eu fiz na outra, de uma verdade ou uma mentira sobre a cidade?

C9: Uma verdade.

C3: Ou, Cataguases é muito ruim, véi. (Risos na sala)

MV: Por quê Cataguases é ruim?

C3: Criminalidade, não tem um cinema, um lugar de lazer pra você, a outra matéria então deve ser, nossa... (Mais risos na sala).

MV: Vocês acham então que, de uma forma geral, a reportagem representa de uma forma positiva ou negativa a cidade?

C9, C3, C2, C5, C11, C6: (juntos): Negativa.

C4: Nossa, imagina só uma pessoa que tava pensando em passar, sei lá, o fim de semana em Cataguases. Aí, tipo assim, faz um plano uma com a outra: “Ah, gente, vamos lá em Cataguases, deve ter um monte de coisa pra fazer” (C4 ri enquanto fala). Vai assistir um negócio desse aí, não tem nada.

C10: Não tem polícia, não tem nada.

C9: O cinema brasileiro meio que surgiu aqui, parece. Ah, pô, o negócio onde surgiu o cinema, vamos lá, e chega aqui o cinema não funciona.

C2: E não tem nenhum lado positivo. Porque se tivesse um lado positivo, ainda teria reformado, tá desde abril.

C4: Se tivesse mostrando em reforma já, alguma coisa assim. E eu não sabia que pertencia... pra mim era da prefeitura.

C9: É.

C4: Falou que pertence a uma família de Ubá, eu não sabia.

MV: E fala na reportagem sobre Humberto Mauro, não sei se vocês prestaram atenção. Vocês conhecem a história de Humberto Mauro, sabem alguma coisa dele?

C3: Não conheço.

C4: Muito por alto né.

Quase a totalidade da sala sinaliza com a cabeça que desconhece informações sobre o cineasta.

C9: Ele foi um dos maiores cineastas brasileiros, esses troços assim. O cinema brasileiro surgiu meio que começou com ele e tal. É mais ou menos isso né?

MV: O início do cinema brasileiro tá ligado diretamente a Cataguases, aí a reportagem mostra exatamente isso. Vocês conhecem alguém que foi mostrado aqui na reportagem? Algum dos entrevistados?

C2: Gustavo Baldez.

MV: Você conhece ele?

C2: Uhum.

MV: Ele é seu parente?

C2: Não, não. Eu trabalho no guichê da rodoviária, aí ele pega bastante encomenda com a gente lá. Tipo, umas três vezes na semana ele vai lá.

MV: Tem mais alguém que conhece pessoas que foram mostradas? O secretário de Cultura ninguém conhece também não?

C5: Não.

MV: O que vocês acham da forma como essas pessoas tão falando da cidade? Vocês acham que elas sentem orgulho ao falar da cidade delas ou não?

C5: Não.

C6: Eu acho que não né, não sei.

MV: O que vocês perceberam: eles sentem orgulho ao falar de Cataguases?

C3: Eles gostam da cidade deles, só que não tá legal a situação. Eles tão falando que tão tentando mudar essa forma de ver.

C11: Eles tão tentando fazer alguma coisa.

C10: Sabe qual é o problema? Eles gostam, mas demora acontecer as coisas, entendeu?

C2: Ou quando começa a fazer, faz tudo com má vontade. Termina antes de chegar na metade. Um exemplo é a nossa escola: começou a construção e até hoje não terminou.

MV: Vocês estudavam aqui antes da escola ter esse prédio, por exemplo?

TODOS: Uhum. Sim.

MV: Quando eu estudei aqui, isso aqui era uma cozinha, não tinha sala chegando lá perto da rua.

C5: Já tem dois anos que tá nisso aqui.

MV: Que tá parada desse jeito?

C9: Tá.

C5: A quadra foi a primeira a ser construída.

MV: Alguém estuda aqui desde a época da dona Andrea ou não?

C4, C5, C7, C11: Sim

C4: Isso.

MV: Então, alguém quer comentar mais alguma coisa sobre essa reportagem?

C4: Eu acho, tipo assim, todo mundo vai concordar comigo, não é desdenhando da cidade. Por exemplo, eu gosto de morar aqui, mas gosto de morar aqui pela minha família, pelos amigos que a gente tem, mas culturalmente é muito ruim, é pobre a cultura, sabe. Tipo assim, você vai chamar uma pessoa pra vir pra cá “Ah, mas o que tem aí?”, você vai falar o que tem? Tem lanche aqui. (Risos na sala).

C9: Tem pizzaria.

C10: Não, os lugares pra diversão que tinha, agora já não têm, eles tão cortando. Aí como que a gente vai ser divertir? Ir pra praça? Não tem nada na praça. O cinema não tem. Então tá ficando uma cidade de velho. Todo mundo quer ir embora.

C5: Eu conheço um monte de gente que saiu daqui.

C2: Tipo assim, acabei de receber, tô com o bolso cheio, vamos gastar. Chega lá (risos), fazer o quê?

C3: Tem que ir pra pizzaria.

C9: Toda sexta, todo plano de final de semana antigamente era cinema, depois saía, praça, lanche, e ficava na praça. Hoje em dia, você até desanima de ir na rua. Você chega na praça, tá cheio de criança – na minha opinião é criança, só tem tamanho.

C10: Nem tamanho, só tem criança.

C4: Eu lembro que eu fiz curso de papel marchê de graça, todo mundo gostava, principalmente por ser gratuito. Curso de desenho, blá blá blá. Hoje, eles pararam, agora o Bahamas tá lá, não existe mais. Tem?

C12: Eu acho que é ali no Menezes, no bairro Haidêe.

C4: É?

C9: Não é a mesma coisa que era lá, mas ainda tem.

MV: Vocês falaram que eles estão cortando a diversão na cidade. Vocês viram aquela notícia sobre o som nos bares? No Marcelo Lopes?

C10: Ah, que adianta? Você vai num barzinho, não tem um som pra você escutar. Ali no *Quem Dirias* tinha uma pessoa cantando ali (risos na sala), ficava mais animado. Agora não tem pra onde ir. Vai pra pizzaria, vai fazer o quê? Um ficar olhando pra cara do outro?

C9: Você vai pra um bar, você senta na mesa de um bar, você vai só beber? Não tem graça. Claro que você fica conversando, mas não tem uma música de fundo, alguém cantando, pra descontrair. Pô, aquele cara toca bem, até pra expor o trabalho dele.

C3: Eu tenho vários amigos de outras cidades que são skatistas e eu tento trazer eles pra cá, mas fica difícil né. Não tem uma pista de skate aqui também pra gente andar.

C9: Tem um projeto que não anda.

C3: Tá, tá no papel lá, mas não anda.

C5: Eles começaram a pensar em alguma coisa. Aí há uns seis meses atrás eles falaram que iam fazer a pista de skate e nada.

MV: Como vocês ficaram sabendo desse projeto?

C5: Uai, Marcelo Lopes.

C3: Eu fui no dia que teve a reunião lá com os skatistas mesmo. Aí eu participei lá.

MV: Na Câmara?

C3: Uhum.

MV: Vocês costumam freqüentar a Câmara?

C3: Não, não muito.

MV: Só nessa ocasião específica né.

C3: É.

C2: Quando tem reunião e é lá dentro, aí filma ao vivo e você acompanha pela internet tudo que tá acontecendo lá dentro.

MV: Vocês costumam assistir?

C2: Assisti uma vez, mas só de curiosidade.

MV: Tem mais alguém que assiste ou vai a reunião da Câmara?

C2: Eu vou, às vezes, quando tem algum evento da igreja e a gente precisa de alvará. Por exemplo, um evento da igreja que vai terminar tarde, aí a gente tem que pegar o alvará da prefeitura.

MV: Mais alguma coisa sobre essa reportagem? Então agora a gente vai pra terceira, que fala um pouco sobre o cinema também, mas de uma outra forma. Vamos ver se vocês conhecem esse lugar aqui da cidade.

RODA A TERCEIRA REPORTAGEM

Durante a reportagem, os membros do grupo demonstram surpresa com o que veem. Ficam animados e satisfeitos com a produção audiovisual de Cataguases.

MV: Pessoal, essa reportagem fala sobre o quê?

C3: Animações.

C4: Sobre uma técnica do cinema, que é o *stop motion*.

MV: Eles tão falando de certa forma também de cinema né, o cinema feito na cidade. Tá falando de uma forma positiva ou negativa?

C5: Positiva.

C4: Positiva.

MV: Todo mundo acha que é positiva? Tem alguém que acha que é negativa?

C10: Não.

MV: Por que é positiva?

C9: É coisa bem interessante, legal, que eles estão fazendo na cidade.

C5: É, eu nem sabia que tinha isso.

C4: Eu também não, não sabia.

MV: Alguém conhece a *Fábrica do Futuro*? Alguém já ouviu falar? Não conhecem ninguém que trabalhe lá?

C3: Não.

C2: Não.

Os outros sinalizam com a cabeça em sinal de negação.

C2: Coisa ruim todo mundo sabe né, mas coisa boa ninguém conhece.

MV: Alguém conhece essas pessoas que foram mostradas aqui?

C3: Não.

Os outros sinalizam com a cabeça o desconhecimento quanto aos personagens retratados.

MV: E vocês acham que as pessoas, elas não estão se referindo diretamente a Cataguases porque nós não estamos falando de um problema igual nas outras – não estamos falando de criminalidade nem o cinema fechado, mas elas estão falando de um projeto que acontece aqui dentro da cidade. Vocês acham que elas têm orgulho de falar da cidade ou não?

C4: Aí sim.

C9: Nesse caso tem.

C4: Todo mundo gostaria de contar uma novidade dessas de Cataguases, com certeza.

MV: Mesmo mostrando outras pessoas que não são da cidade, igual teve um ali que veio da África pra participar do projeto, vocês acham que ele sente orgulho de estar na cidade?

C10: Sim.

C9: Até porque não é totalmente ruim né. Tem vários pontos positivos. Muitos negativos, mas também muitos positivos. Então fica aquele meio termo: é muito bom, mas tem seus problemas.

MV: Mas essa reportagem, ela é positiva e negativa ou não?

C9: Totalmente positiva.

MV: Tem alguém que acha que ela tem algum lado negativo?

C4: Se for ver bem assim mesmo, não é bem negativo, mas em vez do carinho lá da África ter vindo, poderia ter sido um habitante da cidade. Eu não vi habitantes da cidade no projeto.

C3: Mas você tem interesse nisso?

C4: Eu, por exemplo, teria, se eu soubesse do projeto.

C10: Pra mim é negativo porque não tem gente da cidade.

C5: Se o projeto fosse mais divulgado, talvez seria mais habitantes daqui trabalhando nele do que gente de fora vindo pra cá. Pode ver, ninguém sabe desse projeto.

C9: É. Quase ninguém sabia.

MV: E vocês acham que está sendo falada uma verdade ou uma mentira sobre esse projeto da cidade?

C4: Uma verdade que eu não conhecia. Se alguém me falasse isso, eu falaria que era mentira. Não falaria que era mentira, falaria que eu desconheço totalmente.

MV: Então, gente, de forma geral, essas três reportagens, vocês acham que representam uma imagem boa ou ruim da cidade? Considerando as três reportagens como um todo. Vocês acham que a maior parte do jornal mostra uma Cataguases boa ou ruim?

C2: Ruim. Se das três reportagens, duas são ruins.

C5: Ruim.

C3: É, eu também vi mais esse lado negativo né, mais do que o positivo.

MV: Vocês acham que é mais fácil pra um jornal mostrar o lado bom ou ruim de uma cidade?

C5: O ruim.

C4: Ruim, porque dá mais audiência. Porque é o que o povo mais gosta de ver (risos na sala). De ver tragédia, de ver coisa dando errado.

MV: Cataguases seria fácil encontrar isso?

C4: Demais (ênfase ao pronunciar a palavra). O que não falta é isso.

MV: Quando vocês costumam ver jornal ou ouvem rádio, quando fala de Cataguases, geralmente é uma coisa boa ou ruim que tá sendo falada?

C10: Ruim.

C5: Você já espera o pior.

C10: Vai falar de Cataguases no jornal, você já espera o pior.

C9: Ou é acidente, ou é catástrofe. Igual teve a enchente.

C5: Enchente, aí Cataguases aparece na televisão.

C4: Ou é trabalho da prefeitura.

C5: Nossa, Cataguases apareceu na televisão. Mas apareceu por uma tragédia, não apareceu por uma coisa boa. O povo teria que se orgulhar se fosse aparecer por uma coisa boa.

C4: É igual tem esse negócio de FestVida, por que ninguém cobre isso, você entendeu? É um projeto cultural, é um projeto bom, nossa escola participou, quer dizer, as outras escolas também. Por que não pega uma coisa assim? É igual quando as ruas foram asfaltadas no início, porque agora tá terrível também. Por que não cobriu também, sabe? Poderia, mas não.

C3: Ou só fala também quando vai acontecer alguma festa na cidade.

C9: E os shows eles não falam tanto. Igual quando teve aquele da praça, não divulgaram. Teve muito show bom e não divulgaram. A gente soube porque a gente foi na rua e viu o palco, aí que a gente correu atrás de ver. Tipo, não falou em lugar nenhum.

C5: A gente só fica sabendo quando vê o palco na praça.

C10: Ou alguém comenta, aí você desconfia que vai ter alguma coisa.

MV: Mas vocês têm amigos que moram em outras partes da cidade?

C4: Uhum.

C5: Tenho.

MV: E todo mundo sente esse mesmo problema, de não saber as coisas que estão acontecendo na cidade ou vocês acham que é uma coisa localizada pro lado de cá?

C5: Não, eu acho que todo mundo, sabe por quê? Porque é uma coisa que vem da gente. Você poder ir pra rua e não ter nada. Você quer ir pra rua e não tem nada pra fazer na rua, entendeu? É uma coisa de todo mundo, não é só daqui. Antes você ia pra rua “Ah, vamos no cinema? Vamos” “Ah, vamos num show? Vamos”, mas só que agora “Vamos pra praça?”, fazer o que na praça? Olhar pro tempo?

C4: Eu acho que principalmente eles. Por exemplo, a maioria dos meus colegas que eu tenho ou fazem CEFET ou fazem Conservatório em Juiz de Fora, quer dizer, Conservatório em Leopoldina. Tem tudo, desde canto até saxofone, trompete e tudo mais. E aí todo mundo tá buscando fora porque aqui não tem.

MV: Vocês vendo essas reportagens, vocês sentem orgulho da cidade?

C5: Por um lado sim.

C10: Só pelo último vídeo.

C9: Pelo lado do cinema.

C10: É, por ter sido o primeiro e ter sua história no cinema mesmo. Mas também tem o ponto negativo né. Por ser o primeiro cinema, tá daquele jeito que está. É aquilo que a gente falou: não é o melhor, mas...

C4: Com certeza, concordo. Não é o melhor, mas era pra estar mais preservado, mais conservado.

C9: Era pra estar evoluindo, e não daquele jeito.

C3: Olha isso: tá fazendo um filme em Cataguases, mas não pode ser exibido em Cataguases.

C4: É, de vez em quando eles fazem algum filme na cidade.

C2: Essa semana eles tavam fazendo.

MV: Com base nessas reportagens, se vocês tivessem que resumir em uma palavra o que é Cataguases, o que vocês diriam?

C2: Sem graça.

C3: Sem graça também.

C10: Ah, acho muito chato.

C6: Monótona.

C4: Pelas reportagens, eu falaria perigosa e sem cultura.

MV: Pessoal, vocês sentem falta de outros assuntos que poderiam ser abordados aqui sobre a cidade que não foram falados?

C5: Eu acho assim, deveria ter não só a questão do cinema, mas a questão de teatro, de teatro muito mais evoluído, com peças muito melhores. Igual, eu gosto de dançar, então uma escola de dança muito mais evoluída; a única escola de dança que é considerada boa é a Assunta, entendeu? Tem gente querendo sair daqui pra fazer dança, só não tenho óh (faz um gesto com as mãos indicando dinheiro)...

C4: “Tempo” né.

C5: (risos) “Tempo” pra isso. Eu acho que Cataguases, por estar evoluindo nas lojas em tantas coisas, poderia estar evoluindo na cultura também.

MV: Tem mais algum tema que vocês acham que poderia ser mostrado? Mais algum assunto que vocês acham que deveria ser falado sobre a cidade no jornal?

C10: Eu acho que tinha que mostrar essa vergonha, essa bobeira que eles estão querendo proibir som. Eu acho que teria que fazer uma reportagem sobre isso. Pedindo a opinião dos moradores da cidade, o que eles acham.

C5: É verdade. Eu fui num show gospel há duas semanas atrás. Era dez horas, o som tava baixo. Foram cantores da região de Cataguases mesmo, só que o som tava baixo por causa dessa tal lei que eles fizeram de não poder ter som alto, sendo que, quando vieram cantores de fora, o som tava na maior altura porque foi apoiado pela prefeitura. E o senador Magno Malta estava na cidade, entendeu?

C4: Eu acho que poderia abordar, além dos shows também, poderia abordar as reformas que já foram feitas. Porque tem um monte de praça que tava abandonada e foi reformada pro lado ali do trem, da Granjaria, aquele lugar ali é muito bonito, sabe. Aquela calçadona ali, aquela

rua, é tudo aquelas pedras bonitas que não eram antes e agora tá. Poderia mostrar isso também.

C9: E não é só ponto negativo. Poderia buscar mais os pontos positivos.

C4: Poderia buscar a história da cidade, das pessoas da cidade. É igual, tem gente, tem um rapaz, eu não sei o nome dele, mas minha mãe conhece ele, que fez teste pra jogar futebol e hoje tá jogando futebol fora; gente que venceu na vida fora; poderia mostrar essas coisas, sabe, gente que tá vencendo fora. Tem gente de Cataguases que hoje está trabalhando nos Estados Unidos, tá trabalhando bem, tá ganhando bem, ou no Brasil também. Por que não mostra? Eu acho isso.

MV: Vocês acham que o jornal ele não dá muito espaço para os próprios moradores da cidade?

C4: Uhum.

C3: Tem também que o jornal é de Minas Gerais. Minas Gerais não é só Cataguases. Tem várias cidades e eles não têm muito tempo pra falar de uma cidade só. Eu acho que eles fazem o máximo possível.

C5: Igual, os jornais mostram as cidades maiores: Juiz de Fora, Belo Horizonte, entendeu? Tem tanta cidade bonita, igual Ouro Preto, Diamantina, e ninguém mostra isso, entendeu? São cidades que têm história e ninguém mostra isso.

C3: Até que mostra.

C5: Mostra, só que não mostra os pontos positivos.

MV: Essas reportagens aqui foram exibidas em um mês de jornal que a gente selecionou: de 24 de junho a 24 de julho. Então foram três reportagens falando de Cataguases durante um mês. Vocês acham que foi muito ou pouco?

C9: Pouco.

C4: O jornal é exibido todo dia?

MV: É. O *MGTV* passa todo dia, de meio dia até dez para uma. E de noite, das sete às sete e quinze, mais ou menos.

C10: Eu acho que, por ser Cataguases, é muito. (Risos na sala). É verdade.

MV: Por quê?

C4: Eu acho que, por ser de Minas Gerais, é pouco.

C2: Nossa, olha o mapa de Minas Gerais, é enorme. Cataguases é pequenininha.

C4: Ah não, é verdade. Um mês.

MV: Então é muito?

C10: Eu acho. Por ser Cataguases. Porque Cataguases é tipo uma cidade esquecida. Eles só gostam, na maioria das vezes eles só mostram pontos negativos. Aí pra mostrar três vezes em um mês, aí eu acho que é muito.

C5: Pessoal mora aqui porque não tem “cacife” pra ir embora, entendeu? Porque se pudesse. Eu falo por mim. Se eu pudesse ir embora, eu tava longe daqui há muito tempo.

C6: Mas também, tipo assim, se for parar pra fazer alguma coisa pra valorizar a cidade, aí os moradores têm que pagar imposto.

C2: É igual foi instalado rede de esgoto em vários bairros.

MV: Vocês sentem falta de ver o bairro de vocês no jornal?

C4: Eu teria vergonha (muitos risos na sala)

C10: Eu também.

MV: Por quê?

C4: Não gostaria mesmo. Tá ótimo do jeito que tá. É igual, teve a reforma dos bairros e tal, pra subir no Marote, chovia, era triste pra descer e pra subir. Aí asfaltou, aleluia, glória a Deus. Só que aí depois abriram uma cratera de fora a fora em todos os asfaltos pra colocar manilha, sendo que antes, quer dizer, por que não “coisou” antes, as manilhas antes. Esperou fazer o asfalto, pra depois abrir, aí ficou horrível, ficou a marca.

C10: Tipo, foi um asfalto muito mal posto.

C4: Muito mal colocado. Tipo assim, lá no Marote, foi a verba só pra duas determinadas ruas – a principal e a outra assim (explica em gestos manuais), enfim. Aí tem uma outra rua que ela vem de cima, e essa outra rua não está asfaltada. Aí quando choveu, pra quê? Aí até hoje desce toda a lama, o barro pra rua que tá asfaltada. Então, se fosse mostrar, com certeza mostraria isso. Eu não gostaria de falar sobre isso no meu bairro.

MV: Alguém queria ver o próprio bairro no jornal?

C5: Se for pra mostrar roubo, então não. (C5 ri enquanto fala). Igual, lá o pessoal rouba galinha, entendeu? (Risos pela sala).

Parte 4 – Finalização

MV: Pessoal, vocês querem fazer mais algum comentário sobre as reportagens, sobre as outras, sobre a cidade? (Os alunos sinalizam um sentido negativo). Tá tudo bom então? Tudo certo? Então, gente, esse era o trabalho que eu tinha que fazer com vocês. Obrigado, desculpa ter ocupado o horário da aula de vocês, da Karina e do Grimaldo.

C6: Não, que isso.

C10: Eu achei até que foi bom demais. Eu achei que ia ser chato.

APÊNDICE J – Identificação dos jovens participantes dos grupos focais

Alunos do 2º ano do ensino médio do Colégio Soberano

NOME	IDENTIFICAÇÃO PARA O TCC
C. F. P. P.	S1
D. P. L.	S2
E. D. C. F.	S3
E. F. de P.	S4
F. B. dos S. F.	S5
G. R. do C.	S6
G. F. F.	S7
G. L. C.	S8
I. de M. M.	S9
I. F. B. de A.	S10
J. F. C. F. do C.	S11
J. P. M. L.	S12
L. S. P.	S13
P. P. J. da S.	S14
L. V. B.	S15
R. de M. T.	S16

Alunos do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Clóvis Salgado

NOME	IDENTIFICAÇÃO PARA O TCC
A. K. R. da S.	C1
G. S. S.	C2
G. de L. N.	C3
I. H. O. da S.	C4
J. D. da S.	C5
J. G. A. C.	C6
L. M. da S.	C7
M. A. O. T.	C8
M. de S. P.	C9
N. R. S.	C10
L. R. B.	C11
B. R. O.	C12
I. da S. D.	C13
M. M. M.	C14
T. da S. e S.	C15